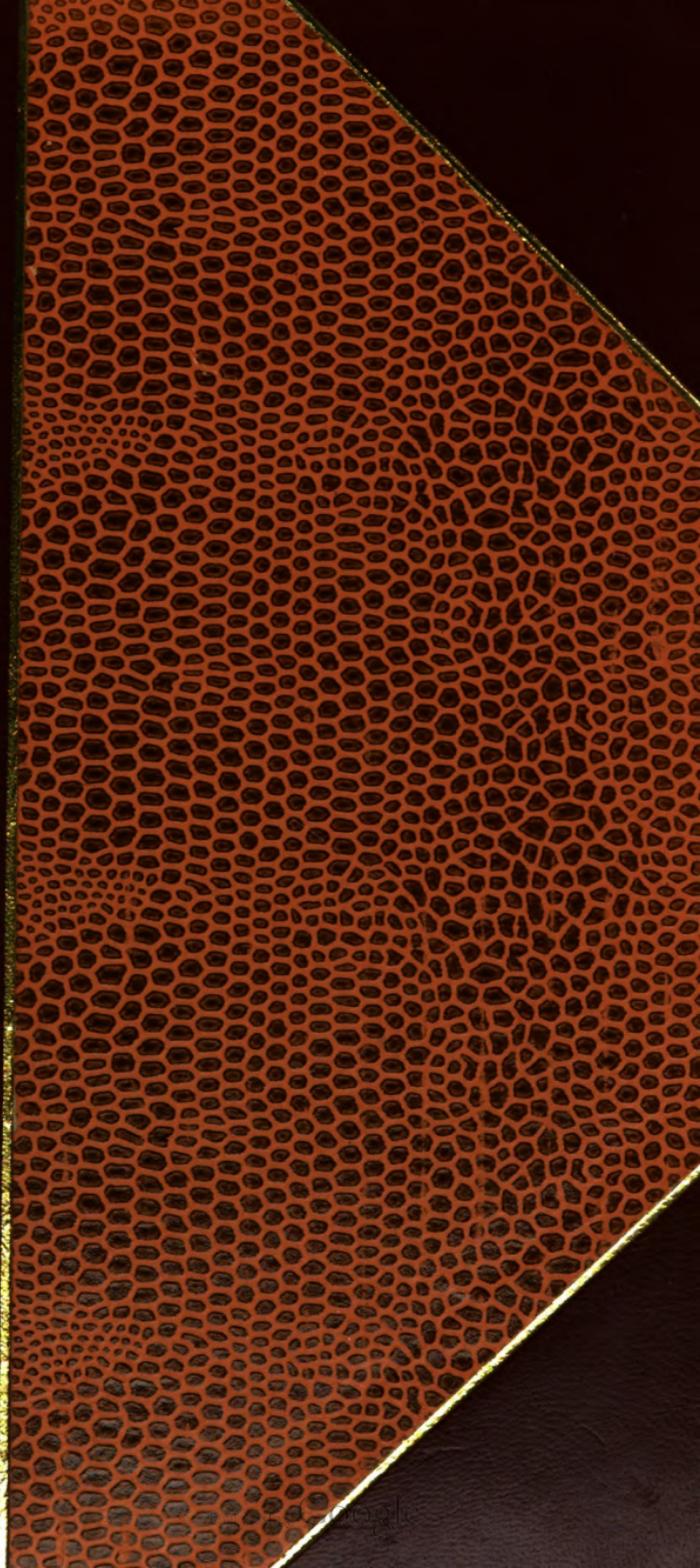
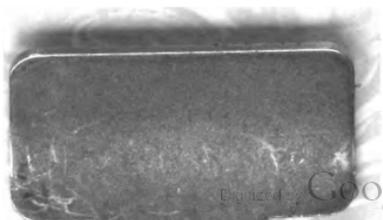


PQ
9261
.C3
N6
1873





311

NOITES DE LAMEGO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOITES
DE
LAMEGO

SEGUNDA EDIÇÃO



LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50-RUA AUGUSTA-52

1873

PQ
4231
C3
N6
113

BIBLIOTECA
LIVRARIA
DE ANTONIO
MARIA PEREIRA

Imprensa de Sousa Neves, Rua da Atalaya, 65.—Lisboa.

PREFACIO

Chama-se este livro *Noites de Lamego*, em razão de serem proverbias em comprimento, profundidade, e largura as noites d'aquella terra, a tantos respeitos interessante, e, sobre todos os respeitos, interessante pelos excellentes presuntos que a caracterizam na historia da civilização culinaria a mais prestadia de quantas ha. Para uma d'aquellas noites infinitas, cuida o author —pedindo venia da immodestia—que este seu livro deve de ser, n'umas compleições, leitura de engalhar o somno rebelde; n'outras, distractivo expediente para aligeirar as horas. Está dada a razão do abstruso titulo.

Lisboa, 12 de julho de 1863.

CONHECIMENTOS ÚTEIS

(LÃS E ALGODÕES)

LÃS E ALGODÕES

No principio, Adão e Eva amanheceram nus, e estavam contentes, ao que parecia, com a singeleza do seu trajar. Não está sobejamente averiguado se Adão e Eva anoiteceram contentes, no primeiro dia da humanidade. O certo e sabido é que se vestiram de folhagem de figueira, logo que a serpente os imbau a comerem do fructo prohibido. Devemos d'isso inferir que o pudor foi consequencia do peccado; e que, a não existir o peccado, esta bonita coisa, que se chama pudor, faltaria á belleza da mulher; e os poetas, e romancistas, e moralistas desconheceriam um manancial de graciosos discursos, sermões, e madrigaes, que correm impressos ácerca do pudor. Ainda assim, melhor fôra que Eva não desse trela

á serpente, e que a virtude ingênita da innocencia nos deixasse andar, sem vergonhas do mundo, quaes sahimos das mãos do Creador.

Ao crime da desobediencia, seguiu-se o do homicidio, praticado por Caim. O homem, que matou o homem, não sentiu repugnancia em matar os bichos, e particularmente os carneiros. Com a morte violenta dos carneiros, veio a reforma no vestido. Começaram os homens a vestir-se com as pelles das suas victimas, e não foi sem razão, attendendo que, no outomno, se despegavam seccas as folhas das arvores e o pudor ficava em transes até á primavera.

Passou o carneiro a ser civilizado na companhia do homem, e o homem reconheceu a conveniencia de tosquiar o carneiro annualmente, em vez de o matar. Os animaes de lã branca eram os preferidos. Consta da Biblia que Labão deu a Jacob, para apascental-o, o rebanho dos lanigeros apintalados, e á seus filhos encarregou o pastorearem o rebanho de felpe negro, que dispensa tinturaria, e o rebanho de felpe branco estreme.

Não se sabe quem inventou a fição. Dizem os historiadores que Penelope e Lucrecia fiavam; mas a primeira no que primou foi na tecelagem. Na Grecia a fição chegou a subido aperfeiçoamento.

Os carneiros tiveram grande consideração em Roma. Os censores legislaram premios aos cultores da lã, e coimas onerosas aos proprietarios descuidados do melhoramento dos carneiros, cujas raças

se apuravam em Tarento. Os carneiros, chamados *merinos*, originarios de Hespanha, eram os mais preciosos. A antiguidade não conheceu outro estofo, e com elle fabricavam as tunicas recamadas de enfeites.

Deve-se ao cuidado dos mouros, dominadores da Peninsula, a raça mais avantajada de todas, a do carneiro merino. Os primeiros, que appareceram em França, foram de Hespanha em 1757; e em 1775 pôde obtêl-os a Austria. A Hespanha, em melhores tempos, até com os seus carneiros mandava a civilisação aos centros d'ella.

A Inglaterra tem lá comsigo este proverbio: «O carneiro é o thermometro da prosperidade de um povo.» Ora vejam onde está a prosperidade! E nós; os portuguezes, temos muito mais barões que carneiros! E, depois que temos rebanhos de barões, pedimos frades; e de carneiros apenas se lembram alguma vez os legisladores para lançarem contribuições aos lavradores que os tem; os quaes lavradores, para não pagarem o imposto, comem os carneiros. E como, a passo igual, mingam os carneiros e crescem os barões, póde afoitamente, e sem receio de paradoxo, dizer-se que o barão mata o carneiro, assim como *isto mata aquillo*, no dizer do mestre Victor Hugo.

Vejamos como a Inglaterra se constituiu rainha do Universo, que conquistou com o carneiro.

Diz David Law: «Quando, em 1778, uma leva

de condemnados inglezes foi transportada a Botany-Bay para coadjuvar os colonos de lã e estabelecer rebanhos permanentes, passaram para ali de Bengala carneiros de raça pequena, de pello hirto, como elles são n'aquella parte da India. Notou-se logo que estes anazados animaes se melhoravam a olhos vistos com a mudança de clima e pasto. A lã desbastou-se, passando a ser brando felpo, com quanto não fosse mais fino. Doze annos depois d'esta auspiciosa experiencia, a colonia tinha seis mil carneiros, os quaes, proliferando com os de Hespanha, vieram a dar lã quasi igual á dos merinos.»

Este exemplo, com outros analogos, explica a prosperidade da Inglaterra, e tudo vem argumentando a favor do carneiro como thermometro para avaliar a riqueza de uma nação.

É muito para louvar a Deus a susceptibilidade de aperfeiçoarem-se, que elle deu a alguns animaes destituidos de razão, como parece que é o carneiro, segundo a opinião dos naturalistas. Com a especie humana foi mais esquivada a liberalidade do Creador.

Entre nós, e n'estes ultimos trinta annos, vão-se as raças mesclando e procreando; mas a progeie, no maximo das vezes, sahe ou mais mazorra que os progenitores, ou mais defecada e intanguida. O carneiro lanzudo de Botany-Bay melhorou; o lanzudo racional transmite á prole o canhestro da sua figura e do seu espirito; tudo, pelos modos, feito á similhaça de Deus. O carneiro, pois, é muito mais

progressista do que o homem; e é-o por que não cria theoria de progressos, e se deixa ir impassivelmente á vontade da Providencia, que o fez carneiro; e não é como o homem, que ousa sujeitar aos moldes de suas phantasias o destino da humanidade, delineado na mente do Creador.

Tornando á parte succulenta e erudita d'este artigo, darei noticias ácerca do algodão, as quaes andei escavando, no pó das bibliothecas, para a final de tudo me sahir com um artigo, que me hade carrear o desamoravel epitheto de erudito, que em linguagem de damas litteratas e paraltas, formados em Alexandre Dumas, é synonymo de massador.

Herodoto... Herodoto! que nome! só o escrevê-lo é uma ejaculação de sabedoria! E' este um nome que dá de quem o escreve a severa imagem de um doutor em canones, com barrete de troçal, e a pitada do meio-grosso engatilhada ao naris.

Herodoto, que floreceu 445 annos antes da vinda de Christo, diz que ha na India umas arvores sylvestres, que fructificam uma lã mais bella e fina que a das rezes, da qual os indigenas se vestem.

Virgilio, nas Georgicas, tambem menciona a arvore do algodão. Strabo viu telas de algodão, matisadas de flores pintadas. Plinio, Theophrasto, Arriano, e outros excruciantes causticos da paciencia humana, dizem todos que ha arvores que produzem algodão, coisa que eu não contesto. A proposito do algodão, vou dar-lhes um romance, intitulado

O ALGODÃO

I

Era no baile natalicio do barão de ***. Festejava elle os annos de sua formosa filha Itelvina, que se morria de amores de um joven que tinha differentes gravatas, varias bengalinhas, e um pé muito pequeno, cujo calcanhar assentava n'um supedaneo, quatro dedos acima do botão da bota. Chamava-se Porfirio, e era sceptico, e rico.

Itelvina queria-lhe d'alma, e escrevia-lhe pela posta interna cartas, que eram modêlo, afóra a orthographia. E elle, o sceptico, para dizer que o era, escrevia «*cinto* que estou *ctico*.» Corriam parelhas em orthographia, e como parelha que eram, escouceavam a prosodia.

Estavam, pois, no baile.

Porfirio entrara, e, feitos os cumprimentos, foi fumar. Voltou á sala, e disse a Itelvina, com fatuo sorriso de quem disfructa o proximo: «Está hoje muito bonita; o seu seio é de jaspe.»

E, quando isto dizia, ouviu uma voz de um grupo, que o escutava, accrescentar:

— E de algodão.

Porfirio encarou no homem que tal dissera; mediu-o de alto a baixo, e murmurou:

— Retire a palavra.

— O algodão?

— Sim, o algodão.

— Não retiro, cavalheiro, por que eu sou o proprietario do peito d'aquella fada.

— Mente! replicou Porfirio.

— Pois bem: as nossas espadas abrirão boccas mais verdadeiras.

II

No dia seguinte, quatro padrinhos accordaram que os bravos se degolassem no campo da honra, e depois se dessem mutuas explicações ácerca do algodão. Porfirio arremeteu furioso contra o adversario, e estragou-lhe o punho da manga direita da camisa. O proprietario *soi-disant* do peito de Itelvina cortou uma orelha da gravata azul celeste de Porfirio.

Os padrinhos lavraram e assignaram a seguinte acta de duello:

«Considerando que os cavalheiros Porfirio de tal e Felisberto de tal se houveram corajosamente no pleito de suas honras;

«Considerando que o motivo da sua discordia

assentava n'uma allusão a uma dama, que no entender de um tinha peito de jaspe, e no do outro de algodão;

«Considerando que o cavalheiro Felisberto offendêra o cavalheiro Porfirio, denominando-se proprietario do peito da dama;

«Considerando que effectivamente, depois do duello e mutuo desaggravo, o senhor Felisberto tirou do fundo de um chapéo umas pastas convexas de algodão que disse serem sua propriedade, havida por consentimento da dama, que elle amara com acrisolada ternura;

«Considerando mais que a honra do peito de uma senhora não póde estar á mercê de um equivoco;

«Os dois cavalheiros, ouvidos os padrinhos, retiraram as expressões com que suas dignidades estavam feridas, e resolveram mandar á dama o algodão sobreposto a uma empada de pombos em fórma de coração.»

Segue as assignaturas dos padrinhos.

III

Itelvina comeu o pastel.

CONCLUSÃO

Porfirio, passando ao escurecer debaixo das janelas de Itelvina, recebeu uma baldada de agua pela cabeça, e ficou constipado, oito dias de cama.

Quando se levantou, viu nos jornaes a noticia do casamento de Felisberto com Itelvina. Tirou uma cópia da acta do duello, e mandou-a ao noivo.

O noivo, nas costas do traslado, que devolveu pelo mesmo portador, escreveu o seguinte:

«Não seja tolo.»

DOIS CASAMENTOS

I

Pobres creanças!

Amavam-se, sonhavam-se, e perdiam-se em extasis de felicidade pelo futuro além!

Tinha quinze annos ella e elle vinte. Ambos riquissimos dos thesouros d'aquella idade, ouro de phantasia, diamantes de esperanza, um mundo que não cabia n'este, e além de tudo, um ceu de amor, que não tem que vêr com o ceu dos martyres, dos apóstolos, e dos confesores!

Pobres creanças!

Helena era filha de um professor de linguas. Guilherme era o melhor discipulo do professor.

A situação do mestre, em todas as nove linguas, que elle sabia, chamava-se «pobreza». Ora o dis-

cipulo destinava-se a imitar o mestre na profissão, e na ventura.

O pai de Guilherme era um algibebe, fallido, de Lisboa, que se fizera guarda-portão de um visconde, que fôra com elle caixeiro em casa do mesmo patrão.

A Helenasita, quando tinha dez annos, emendava os erros em francez, de Guilherme; aos doze emendava-lh'os em inglez; e aos quinze, dizia ao condiscipulo que o amava, em todas as linguas.

O velho professor não dava por isto. Andava lá absorvido em accrescentar cento e trinta mil vocabulos ao velho Callepino, e nem sequer levantava mão do improbo trabalho para scismar se a sua obra de vinte annos acharia um editor em Portugal. De si para si tinha elle que a academia real das sciencias, avaliadora nata dos feitos immortaes do espirito humano, lhe tomaria á sua custa a estampa dos cento e trinta mil vocabulos. Feito isto o polyglota, farto de trabalho, gosaria a doirada mediocridade em gloriosa velhice.

E, no entanto, iam-se amando as pobres creanças.

II

O professor educara o filho unico da viuva condessa de Prazins até aos dezesete annos. N'esta idade, morreu o discipulo, e a mãe ficou sempre chorando o filho, e bem-querendo ao mestre.

Helena costumava ir passar o estio a Cintra, e o outono a Pedroiços, em companhia da condessa, que andava nos seus trinta e sete annos. A fidalga, com quanto saudosa e desconsolada, desadorava a convivencia do capellão, e da parentella pesada de annos, de espirito, e brasões. A conversar com a viçosa e illustrada Helena corriam-lhe as melhores horas dos seus raros contentamentos. Animada pela familiaridade, a filha do hellenista contou á condessa o segredo dos seus amores. A excellentê senhora fol-

gava de vêr aquella flôr abrindo a medo a urna dos seus perfumes, Excitava-a a referir as coisas, muitas vezes contadas, as quaes se resumiam em innocentes colloquios da menina com o pallido Guilherme, sympathico á condessa, por ser da estatura e idade de seu filho.

— Que fins são os vossos? — dizia a fidalga. — Não podem ser mais honestos, do que são, creio eu. Mas Helena é pobre, e o seu Guilherme tambem.

Helena, pela primeira vez, pensou na pobreza, e custou-lhe a dar com a relação de uma coisa com a outra.

— Que tem que eu seja pobre?! disse ella, com sincera e receiosa curiosidade.

— Tem, que seu pai não hade querer que a menina case com um moço sem emprego, nem meios para a sustentar. Diga ao Guilherme que cuide em ter posição, e depois será seu marido. Eu me empenharei a vêr se consigo que o empreguem.

Helena, de assombrada que ficou pelo raio de luz nova, nem se lembrou de beijar as mãos á benevola senhora.

Tomou conta do recado; e, assim que teve occasião, disse a Guilherme o que passara com a condessa.

Guilherme respondeu lhanamente:

— Eu já pensei n'isso, Helena: cuido que teu pai, se eu lhe pedir que me deixe cá ficar a ajudal-o nas lições, me acceitará.

— Pois então, pergunta-lh'o, Guilherme, para ficarmos descansados.

Quando chegou a hora da pergunta, o moço tuteou, e falleceu de animo para o acto, que elle, dois dias antes, julgara tão simples. É que desvelara uma noite, scismando nas vantagens de ser rico, e nos tropeços materiaes que empeciam o coração. Occorreram-lhe á memoria n'essa noite muitos versos latinos dos seus livros, ácerca da inconveniencia de ser pobre, versos que elle decorara sem lhes entender o conceito applicavel ás situações da vida.

III

— Quê te disse o pai? perguntou a anciosa Helena.

— Faltou-me o animo, e a falla. Já por tres vezes lhe disse que desejava ser seu filho, e fiquei n'isto, á espera que elle me pedisse a explicação do meu embaraço. Teu pai sorriu-se; e, á terceira vez, disse-me: «Querias ser meu filho para me herdar o meu Horacio de 1629? e o meu Thucydides de 1731? És tolo, Guilherme! Melhor te fôra ser filho d'aquelle forçureiro, que ali mora defronte, que já tem um filho conego, e prepara o outro para os conselhos da corôa! Tu não sabes ainda o que é ser pobre!...» Estas palavras acabaram de me desanimar. Parece-me que encerram a resposta de teu pai, se elle adivinhou o meu pensamento...

Helena viu embaciarem-se os olhos de Guilherme, e disse-lhe amavelmente:

— Não desanimes, que eu lhe fallarei. Tem esperança, meu amigo. Eu vou vêr se o pai já sahiu da escrevaninha.

— Aqui estou, Helena — disse o professor entrando.

A filha e o discipulo empallideceram.

— Diz ahi o que ias dizer-me, filha — tornou brandamente o hellenista.

A face da menina passou do branco ao escarlata. Balbuciou alguns monosyllabos, que o pai parecia escutar attento, com ar de quem se interessa muito na revelação de um segredo; mas Helena era inintelligivel, ou de mais a entendia o velho.

— Se não fallas, fallarei por ti — disse elle. Foste creada com Guilherme, estás affeita com elle, és sua amiga como irmã, e desejas ser sua esposa. Escolheste bem, filha; Guilherme é um rapaz intelligente, estudioso, e sisudo. Escolheste mal, filha: Guilherme é um rapaz pobre, sem officio, e sem velharia para supprir a falta do officio. Não te deixo casar, por que um pai não consente que sua filha seja desgraçada. Guilherme tem boas qualidades provadas; mas falta-lhe dar a prova da essencial: falta-lhe provar que é honrado. Um homem honrado não sacrifica aos desejos do coração o bem estar de uma menina. Guilherme, antes de me pedir noiva, devia collocar-se de modo que eu não tivesse de per-

guntar-lhe se elle tem com que sustentar minha filha e os meus netos. N'um moço honrado, o coração, antes de impôr prazeres, impõe deveres. Tenho respondido. O meu discipulo sabe o que lhe convem fazer, se quer continuar a merecer a minha estima paternal.

IV

Foi a chorosa Helena desafogar nos braços da condessa de Prazins. A condoida senhora começou desde aquella hora a escrever cartas a todos os seus amigos, pedindo uma collocação para Guilherme da Costa. Respondiam alguns, perguntando-lhe que habilitações tinha o pretendente.

Informava a fidalga que o seu afilhado sabia as linguas grega, latina, alemã, ingleza franceza, e outras sciencias dos estudos secundarios.

Ao cabo de dois mezes de solicitações, descobriu-se que a republica não tinha algum logar em que podessem ser exercitadas as habilitações de Guilherme da Costa. Estavam todos os cargos publicos

preenchidos por sujeitos idoneos que não tinham alguma d'aquellas habilitações.

Resolveu a condessa ir pessoalmente fallar com o director da alfandega de Lisboa, cavalheiro muito attencioso, que offereceu ao moço tão auspiciosamente apadrinhado, um logar de guarda-supra, com trezentos e sessenta réis diarios. O pretendente informou-se do exercicio do seu cargo, e soube que tinha de ajudar a carregar e descarregar os fardos nos armazens da alfandega. Consultou suas debeis forças, e resignou, nas mãos da condessa, a nomeação, já de si muito pesado fardo de ignominia.

Helena chorava, a fidalga raivava contra os seus conhecidos, e Guilherme cahia de cama com febre, e com sincero desejo de morrer.

No entretanto, o professor, concluida a reforma do Callepino, andava por portas dos socios da academia real das sciencias, solicitando a publicação do seu trabalho. Respondiam-lhe que o privilegio das publicações por conta da academia era regalia dos escriptores já academicos effectivos. Um d'estes, movido por sentimentos de humanidade, propoz socio o abalisado polyglota, professor. Rejeitou-o a pluralidade dos votos, posto que, na mesma sessão, fôra admittido um poeta, que tinha escripto duas poesias a um anjo, quatro á brisa da tarde, e uma ode natalicia, parecida com um dytirambo, á esposa do socio proponente.

O professor adoeceu tambem de febres, e dese-

java também sinceramente morrer na lavareda dos seus manuscritos.

Guilherme convalesceu, e foi velar a doença do pai de Helena. A todos acudia a condessa com bastantes recursos, posto que os houvesse de cercear ás suas despesas. A viuva pleiteava com seus cunhados os bens herdados, com grande risco de os perder. A sociedade assim o pensava, e assim cabalmente se explica o malograrem-se-lhe as diligencias no alcance de uma posição para Guilherme. O certo é que a condessa vivia sem fausto, e sem mais amigas que as menos ricas que ella, o sem mais amigos que os resignados a adorarem-na silenciosos e respeitadores. Eram pouquissimos

Recobrado o velho da fulminante doença, Guilherme fallou assim na presença de Helena e do mestre:

— Vou procurar a minha vida n'outra parte. Dizem-me que eu alcançarei uma posição lucrativa n'um collegio, no Rio de Janeiro, e que poderei, com alguns annos de trabalho, ser proprietario de um estabelecimento de educação. O meu pensamento é chamar ao Brazil o meu querido mestre, logo que a sua ida seja bem prosperada. Essa será a melhor vingança que pôde tirar da patria, mãe sem entranhas, sem regaço onde um ancião possa encostar a face, e morrer, depois de quarenta annos de professorado.

— Vai, meu filho, disse o velho soluçante, vai, e chama-me, que eu te levarei a esposa.

Helena queria chorar. O pai, limpando as suas lagrimas, exclamou:

— Nem uma lagrima, filha! se não é chorar de alegria o teu... de alegria, sim, porque, bemdito seja o Altissimo! eis aqui trez infelizes honrados! Trez, é muito, meu Deus!

V

Dias depois, Guilherme devia sahir para o Brazil, n'um barco de vella. O amo de seu pai deu-lhe metade da passagem, e a condessa a outra metade, e o professor vendeu o seu Tucydides de 1731, e o seu Horacio de 1629 para comprar roupa branca ao aventureiro. O moço, quando soube a venda das preciosas edições, quiz resgatal-as. Resgatal-as... com que? offerecêu o seu sangue. De que servia o sangue de Guilherme ao comprador dos dois livros raros? Offereceu o duplo do dinheiro trocado por elles; ia-se já movendo o livreiro ás lagrimas do mancebo, quando este scismava na traça com que negociaria quarenta mil réis para dar pelos livros.

Sahiu hallucinado, e procurou o capitão do na-

vio. Contou-lhe a sua vida; e, chegando á passagem do resgate dos livros, o marinheiro desatou uma casquinada de riso alvar, exclamando:

— Deixe ficar com todos os diabos os livros, que eu não dava quatro patacas por elles.

Guilherme arrepelou-se, e o capitão atalhou a furiosa e muda resposta com esta branda pergunta:

— Que quer vossê que eu lhe faça? Diga lá. Quer que eu lhe dê quarenta mil réis para ir buscar os livros?

— Queria, respondeu Guilherme, que me levasse como creado, como marinheiro, de qualquer modo, a pagar-lhe eu lá, e que me restituisse o dinheiro da passagem.

— Isso não é comigo: é com o proprietario do navio. Vá-se lá ter com elle. Estou que o homem, se vossê lhe der fiador á passagem, lhe dará o dinheiro, que já lá tem.

Foi Guilherme, com poucas esperanças, contar ao proprietario da galera a sua vida.

Acertou de ser humano o capitalista. Admittiu-o sem fiança, e restituiu-lhe os quarenta mil réis recebidos.

Cornou o moço a resgatar os livros, e levou-os para bordo com a sua bagagem.

Na manhã da partida, foram ao bota-fóra o quebrantado professor e a filha. Os passageiros e a tripulação viram a um canto da camara aquelle grupo de um ancião entre duas existencias em flor, mas

em flor desbotada, pendidas, como boninas dos campos, ao lado do velho tronco, que o furacão arrancou desde as raizes. Viram aquelle grupo, abafando em gemidos, e passaram como homens que viram muito chorar, e de muito domarem o oceano se disserem que as lagrimas eram indignas do homem.

Deram o ultimo abraço, na escotilha. Já o professor estava no bote com a filha nos braços, quando Guilherme desceu ao beliche, mandando esperar o bote, e voltou com os dois livros in-folio. Desceu a escadinha, entrou no bote, e depoz no regaço de Helena os dois livros, dizendo:

— Dá-os a teu pai, minha esposa: eram dois amigos d'elle que eu lhe roubava.

O velho, em tremuras, ergueu-se a custo, clamando:

— O Tucydides e o Horacio! que é isto, Guilherme?

— Levava-os a pesarem-me no coração; assim vou mais leve, meu pai... Ha de ser-me doce o trabalho para resgatal-os.

Guilherme beijou a mão do mestre e de Helena, e fugiu com os olhos turvos, vendo a custo as escaleiras que subia.

VI

A quinta carta que o moço escreveu do Rio de Janeiro a Helena resava assim:

«A minha enfermidade progride. Nem já a diminuição do trabalho me dá treguas aos padecimentos. Deixei de leccionar, e consegui passar a melhores ares para a chacara de um meu discípulo; mas aqui mesmo as dôres de peito são taes, que nem me deixam logar a entreter o espirito na leitura. Só as tuas cartas me refrigeram; mas essas sei-as eu de cór, e as de teu bom pai tambem.

«Fui mal succedido nos meus planos, minha querida Helena. Foram sonhos de infeliz. Se Deus me dêsse saude, não eram vãos os meus projectos; porém, assim, extenuado, e caminhando accelerada

«mente ao termo dos meus infortunios, que hei de
«eu fazer? Seria uma crueldade chamar-vos, para
«em breve vos deixar em terra estranha, onde só
«o trabalho é bemquisto, e o desamparo uma si-
«tuação sem igual na escala dos supplicios.

«É já certo para mim que não te verei mais,
«Helena!... Dizem os medicos que os ares da pa-
«tria me restaurariam; pôde ser que o ar que tu
«respiras me aviventasse; creio-o; mas de que me
«serve a vida? Que ia eu fazer ahí n'esta pobreza,
«desvalido, doente, sem forças, nem já vontade para
«trabalhar?

«Desligada estás do teu juramento, Helena. Não
«olhes a minha imagem no teu futuro. Vê-me antes
«no ceu, que o hei merecido, com a dôr paciente,
«e a funda crença que os nossos corações unidos re-
«colheram do religioso coração de teu pai.

«Se a Providencia te der um apoio n'esta vida,
«acceita-o, que eu te abenço a resolução.

«Creio que este desapego é já o presentimento
«de que tudo se vai desfazendo entre nós, menos o
«immortal espirito que, d'aqui até ao ceu, te vê em
«todos os atomos do ar que me vai matando, e em
«todas as estrellas que me estão sempre apregoando
«o escuro nada d'esta vida.

«Teu pai precisa de amparo, Helena, e tu és
«digna de um homem a quem elle possa dignamente
«chamar «filho».

«Não me esqueças, não; mas não te sacrifiques

«á minha memoria, que eu já não sou senão uma
«lembança...»

Helena, que lêra em soluços a carta, chegando
a este periodo, soltou um estridente grito e perdeu
os sentidos.

VII

A condessa de Prazins ganhara as demandas, e enriquecêra.

No mesmo dia, em que a ultima sentença foi lavrada, o velho e sua filha, a muito instados em sua mal rebuçada pobreza, deixaram a pobre casa em que viviam, e hospedaram-se no palacio da condessa. E no primeiro paquete Helena mandara a Guilherme uma carta da fidalga, chamando-o immediatamente a Portugal.

Ao mesmo tempo, Guilherme, presado ao pai do discipulo, que lhe emprestara a chacara, sahiu do Rio de Janeiro para além de S. Paulo, cujo clima é mais sadio. O moço deixava-se ir indolentemente, sem contar com os beneficios do ar; mas ainda

assim, no dizer d'elle, secreto impulso o acoroçoava a seguir os dictames da protectora amizade do negociante. Á sahida do Rio, deixou Guilherme cartas escriptas para Portugal, nas quaes dizia o seu destino.

Do Paraguay escreveu, confiando as cartas a um allemão que vinha a Lisboa; mas este allemão naufragara, e as cartas de Guilherme não acudiram ás ancias de Helena. As que tinham ido de Portugal, com o chamamento da condessa, perderam-se entre a capital do imperio e a remota provincia, para onde tinham sido descautelosamente dirigidas. Deu-se, pois, que no espaço de cinco mezes, os dois infelizes não trocaram palavra, se é que em espirito se não encontraram em algum oasis do seu immenso e solitario deserto.

Que angustias lá e cá! Para ambos havia uma quasi certeza da morte do outro. O moço, ao sahir do Rio, tinha escripto a Helena:—«vou procurar a «sepultura em melhor clima: lá para o sul a vege- «tação é mais rica de flores, e o dormir eterno é «acalentado pelas maviosas melodias das aves. Flo- «res são um formoso pavilhão de sepultura: onde «ellas perfumam deve dar menos asco a putrefacção «do eadaver.»—

Era de razão que a pobre Helena o julgasse morto, cinco mezes depois d'esta carta, cinco mezes de sepulchral silencio!

Ai! a soffrer tanto aquella infeliz por que não

morria? Que esperança lhe escorava a hastesinha da existencia sem flor unica, sem renovos de outra primavera? Aqui é o ponto de crermos que da mão de Deus estava a triste, sempre orando, sempre esperando, quando ninguem esperava!

VIII

Acaso encontrara Guilherme em Matto-Grosso um seu condiscipulo de latim, recentemente chegado de Lisboa. Pediu-lhe novas do mestre commum, e recebeu-as triste. O portuguez disse que fôra despedir-se, e encontrara outra familia no predio, e ninguém que lhe dissesse o destino do velho e da filha. Conjecturou Guilherme que o pai fallecêra e a filha iria abrigar a sua orphandade e pobreza na caridade da condessa de Prazins.

As melhoras foram tão rapidas como passageiras. Talvez que o moço vigorisasse, se um raio de alegria lhe aquecesse os pulmões congelados pela glacial desgraça. Oh! que milagres opéra o contentamento! Quantas vezes a imprevista mão de uma

mulher sustem uma lousa, que já inclina ao peito d'onde o coração sahia em golphos de sangue! Um dever sagrado, a obrigação de viver para amparo de um filho, é tantas vezes o sustentaculo de uma vida desesperada! Affectos, ainda menos poderosos, bastam a dilatar o horisonte da vida aos desalentados caminheiros da sepultura. O arraiar de uma esperanza, que os alvoroca, como ao fatigado viageiro do deserto a moita das palmeiras; uma saudade do que foi, rompendo as trevas do futuro para lá nos accender luz igual á que julgavamos para sempre extincta!... Em quão pouco está a vida, e a morte!

IX

A condessa de Prazins tivera um amigo leal nos dias da dolorosa experiencia. Era um jornalista. Os serviços, que elle podéra fazer á viuva assoberbada por litigios, eram apregoar os direitos da sua causa, na imprensa. Por amor da justiça da illustre dama fôra elle despedido de alguns jornaes, subornados pelos contendores. Já o escriptor tirava a partido a faculdade de advogar no jornal, onde ia escrever, os direitos da condessa. A sociedade, sem rebuço nem respeito, indigitava o escriptor como esperançoso marido da viuva, se peor não era ainda o conceito.

O jornalista, Francisco de Alpoim, visitava muitas vezes a condessa, quando parentes e amigos a

não visitavam nunca, e raro se via nos salões do festejado palacio, depois que os respeito e amizades ali surgiram como por encanto. Não poucas vezes a opulenta Prazins apeava da carroagem á porta da modesta casa do jornalista, e sentava-se diante da banca do operario incansavel, consultando-o sobre coisas de pouca monta com o fim de obrigar-o a levar-lhe resposta.

Não constrangido, mas timorato, Francisco de Alpoim nunca bem se affez a passar as noites na sala da condessa. Parece que hei de recorrer ao absurdo para idoneamente explicar o constrangimento do litterato. É verdade que os seus merites de defensor ficam sendo caro com liga; mas a verdade, em romances, é que eu quero no superior quilate. Alpoim amava a condessa, desde que a vira no escriptorio do advegado, onde o jornalista praticava. Fôra, de mandado do patrono, consultal-a e examinar titulos, algumas vezes. N'estas diligencias, o amor acrisolou-se, em paixão e a paixão em profundo e silencioso respeito, cousa parecida com o terror religioso, nas almas nimamente supersticiosas.

Lembrou-se elle por vezes, que a perda das demandas igualaria a fidalga a qualquer senhora talhada para esposa de um bacharel, escripter publico. Este desejo, porém, volvia-se-lhe odioso, ao lembrar-se que vira chorar a condessa, com medo de perder as suas demandas, chorar de vergonha de ser pobre, chorar o perdimento de algumas formo-

sas esperanças em que andava embevecida. E, por isso, nem na pobreza, nem na opulencia lhe disse que a adorava.

De per si, a fidalga pasmava do desinteresse, senão orgulho, do litterato, e scismava em premial-o melindrosamente da dedicação a que ella suppunha dever o bom resultado, até certo ponto, dos seus pleitos.

Helena via com estima o escriptor, este admirava-lhe a lindeza, ornada com as galas da melancolia.

A condessa, a sós com a menina, exaltava as qualidades de Francisco de Alpoim, e a sós com elle, dizia de Helena com maternal affecto o mais que poderia dizer-se de uma filha ou de um anjo.

Comprehendeu-a Alpoim, e então se desenganou de que não era amado. Teve más noites de chorar a esvalda esperanza de quatro annos; mas, aferrou-se á ancora da dignidade, e sahiu outro, caldeado da forja do soffrimento. Os brios podem tudo que o coração não póde.

X

Quando a condessa sondou o coração de Helena, a respeito de Francisco de Alpoim, achou lá a imagem de Guilherme. Deixou-a chorar, incitou-a mesmo a redobradas lagrimas, lembrando-lhe a mesma renúncia do moço, provavelmente fallecido, e d'este ponto em diante obrigou-a a olhar para o futuro. E dizia-lhe:—Guilherme adivinhava a existencia de Francisco de Alpoim, quando lhe escrevia: «Se a Providencia te dér um apoio n'esta vida, acceita-o, que eu te abenço a resolução.» Eu creio que no seio de Francisco de Alpoim está o coração de Guilherme. Eram dois anjos que lhe deviam apparecer: accete o segundo, filha, já que o primeiro lh'o levou Deus.

— Guilherme ha de tornar!—exclamava Helena, com fervente vehemencia de sua fé.

— Não tornará, Helena.

— Pois vossa excellencia tem a certeza de que elle morreu?

— Não... mas não tenho uma só probabilidade de que elle viva.

As razões da condessa accresceram as instancias do velho, que estremecia as virtudes do moço, chorando sempre a perda do discipulo. Helena, creada na obediencia filial, e no respeito á protectora de seu pai, cedeu silenciosa, contando com uma breve morte resgatar-se da violencia, sem ter dado desgosto a alguem. Muitas damas me dirão que era fraca a moça... Ora, metta cada qual a mão em sua consciencia, e mostre-me as maravilhas, que eu ainda não descobri n'este barro, que tão lindas fórmas tem na leitora, e tão desgracioso é, se a mais leve pancada o desmancha!

Caso estranho! O escriptor á força de contemplar Helena, passou da sympatica condolencia ao amor grave e scismador. Sabia a curta historia de Helena, e invejava o coração que ainda palpitava por Guilherme. Já queria poder certificar-se de que a imagem de um homem morto lhe não disputava os sonhos da triste menina. Segredava á condessa os seus receios, e folgava de ouvir que o tempo faria o seu dever, deixando os mortos em eterna paz, e os vivos no livre goso de suas venturas.

Éra pobre Helena, como sabem; porém o bacharel não pensava n'isso. O escriptor apurava do seu trabalho uns cem mil réis cada mez, e imaginava-se mais que rico, por que se tinha em conta de feliz. A condessa, porém, não queria que a sua Helena fosse a paga unica de grandes serviços. Pensou em dotal-a; mas temeu, com acerto, ferir o melindre de Alpoim. Inventou um bilhete de loteria comprado em nome de Helena: e corrida a roda, inventou um premio de dez contos, cuja veracidade ninguem averiguou. É certo que a filha do ex-professor de linguas dotava-se com vinte mil cruzados.

XI

Estava marcado o dia do casamento, e Helena esperava ainda. Já Francisco de Alpoim se occupava alegremente de mobilar casa, com todas as poeticas condições da vida domestica. Pensava nas delicias do trabalho, com um anjo inspirador ao lado. Despedia-se com tedio das noites desbaratadas nos cafés, nos theatros e nos bailes. Mandava ajardinar o quintal, para que as flores, na primavera, lhe festejassem a esposa, se a inveja as não despeitasse.

E Helena esperava ainda, e via com indifferença as cassas, e sedas, e galas do seu enxoval.

«Se fosse uma mortalha!...» dizia ella entre si.
A condessa nunca levantava a voz em monolo-

gos; porém aqui não ha remedio senão obrigar-a a dizer-nos o que pensava, com a face ainda bella encostada á mão, e o cotovello do gentil braço apoiado n'um parapeito de miradouro, olhando ao mar:

«No tempo em que Alpoim me obrigava com tantos sacrificios, sacrificando-me até os seus interesses, pude imaginar-me amada por elle, e o meu orgulho soffreu com isso. Perdoei-lhe por vêr quanto me elle respeitava, e quasi cheguei a lisongear-me de ser assim amada!... Foi um engano, como tantos que nós, orgulhosas e desatinadas, sabemos crear!... Eil-o ahi está feliz, se é que alguma vez se julgou infeliz na distancia que nos separava!... Ainda bem que eu nunca lhe ouvi nem disse palavra, que hoje possa envergonhar-me, nem obrigar-o a elle a explicações. Será certo que eu alguma vez o amei?...»

A condessa como que fugiu de si mesma para não responder a semelhante pergunta. Ainda bem, que, momentos depois, ao recordar-se da pergunta, respondeu-se assim: «Que disparate!»

Entendam lá as senhoras!

XII

Guilherme tocou o extremo de atonia moral em que já não ha vontade propria.

O dedicado capitalista veio á Europa, e trouxe-o em sua companhia. Apenas transpuzeram a linha do oceano, que para tantas compleições é balisa entre vida e morte, Guilherme recobrou alentos; e como ao enlevar-se no ceu estrellado, reconhecia com jubilo o ceu da patria, em as estrellas invocadas nos devaneios da sua infancia pareceu-lhe que acordava, e se lembrava de ter vivido! Viu Helena, ouviu-a nos juramentos do ultimo adeus! Minuto a minuto, recordou tudo que pouco e pouco lá vira queimar-se ao sol ardente da America. «Se ella vivesse!» exclamava elle. E logo ajuntava: «Viveria para ou-

tro, que eu aqui vou pobre como vim! nem as esperanças que foram comigo!»

Desembarcou Guilherme, em Lisboa, no anno 1856.

O pulso era regular, as faces revicavam nas antigas côres, a idéa descongelava-se do torpor da alma, o anjo da esperança ondeava-lhe nos páramos de luz, que se abrilhantavam como nova aurora de poesia. Era a patria!... O que esta palavra é, só os grandemente desgraçados o sabem!

Foi á rua da Procissão, onde morava o mestre. Tinha o coração em ancias, quando perguntava por elle. Deus louvado! Um antigo visinho mandou-o procurar o velho e a filha a casa da condessa de Prazins, e — desgraça inexoravel! — accrescentou:

«Ainda ha dias aqui estive o bom do pai, contando-me que a filha vai casar com um doutor muito sabio, e leva vinte mil cruzados de dote, que lhe sahiram na loteria! Mereceu-o a Deus, que era uma alma pura aquella menina!»

D'ali Guilherme foi procurar seu pai: tinha morrido. Foi procurar o bemfeitor, que o trouxe á patria, e disse-lhe: «Não achei ninguem: não tenho patria... Leve-me outra vez comsigo.»

XIII

E Helena esperava ainda.

Era por uma tarde de abril. O Tejo mostrava a serenidade de um lago. As serras de além toucavam-se de escarlate, com os clarões moribundos do sol.

Helena descêra, pelo braço do pai, ao «Caes das Columnas». D'ali vira ella partir, dois annos antes, a galera *Carlota*, que levava Guilherme. Ia despedir-se, despedir-se de uma sombra, que ainda de lá lhe acenava com um lenço, então molhado de lagrimas e agora de sangue!...

E, a despedir-se, esperava ainda!

Ao voltar do Tejo os olhos lagrimosos, viu, reparou, enchugou os olhos para vêr, enchugou-os segunda vez, largou precipitadamente o braço do pai,

e correu, correu... e o ancião a seguil-a, e a clamar: «filha, minha filha!...»

Lá ao longe, ao lado da *Memoria*, vinha Guilherme, a passo lento, só, com os olhos em terra.

Acaso os ergueu, e viu uma mulher correndo para elle. Parou, e ouviu o seu nome. Correu para Helena, e já tão perto, que o halito offegante aquecia a face de ambos, não pôde amparal-a nos braços, e ergueu-a da terra sem sentidos.

D'ahi a pouco, o ancião e a filha exanime, nos braços de Guilherme, entraram n'uma carruagem.

A população não queria deixar romper a carruagem sem saber a historia. O escarneo da curiosidade! O maximo inferno das angustias!

XIV

No dia seguinte, a condessa apeou á porta do escriptor, e disse-lhe:

— Venha comigo.

Entraram n'uma sala do palacio, manso e manso, e avisinham-se d'outra em que estavam Helena, Guilherme e o velho.

— Quem é aquelle homem?! — perguntou o escriptor, atordoado com a visãõ e com o ar mysterioso d'aquelles passos.

— Escutemol-o, — disse a condessa.

E Guilherme dizia assim:

— Basta-me vêr-te feliz, minha irmã... Desliguei-te da tua palavra; não permitta Deus que eu viesse tolher o teu futuro. A minha vida já por lá ficou, Helena. Creio que vim dar-te o final adeus,

e mais nada. Teu pai reconhece as virtudes de teu marido: deve tê-las, porque te soube avaliar, minha irmã. Hei de amar-vos a ambos, e provar-vol-o em quanto viver...

— Oh! que friesa, Guilherme! — exclamou Helena.

— Friesa, não, minha amiga... — atalhou elle limpando o suor da fronte — Eu precisava de vida, que não tenho, para achar sabor á luta com a desgraça. Aqui ha só o coração com uma pouca de virtude facil. Estas renunciias ao pé da sepultura não custam nada... Eu hei de vêr o teu esposo, e fallar-lhe do anjo que tu eras, e elle me dirá o anjo que tu has de ser.

— Nobre alma! — murmurou o escriptor, e entrou de golpe na sala, e a condessa com elle.

Guilherme ergueu-se para cumprimentar a fidalga. Francisco de Alpoim adiantou-se a apertar-lhe a mão, e disse:

— O senhor me dirá o anjo que foi Helena, e o anjo que ella ha de ser. O irmão sou eu, e como irmão lhes dou uma casa para residirem. Lá estão as flores, Helena, que se abriram para festejar a sua verdadeira ventura. A sua felicidade comigo seria uma ficção, como tantas que o mundo pactua em chamar contentamentos.

A condessa abraçou Francisco de Alpoim, e, se não fallou, isto ouviu ella que lhe dizia a alma:

— Quem podéra ser amada por elle!...

CONCLUSÃO

O leitor já a sabe.

Estão casados Helena e Guilherme, poucos dias depois.

Com a felicidade, vem a saúde, e com a saúde descerram-se novos horizontes de felicidade.

Um casamento está sabido; mas o outro?

O outro é de uma simplicidade que afflige o romancista mais imaginativo.

A condessa está, uma noite, tomando chá em uma banquinha de charão, e defronte d'ella está Francisco de Alpoim. A condessa ri da pequenez da banquetta, e diz:

— É uma mesa de amantes felizes!... Senancourt

escreve que alguns espiritos, para sentirem o goso da soledade, carecem de um pequeno quarto, com uma pequenissima mobilia. Devia ter dito isto dos amantes, e não dos solitarios. Parece-lhe?

— Sonhei essa felicidade, respondeu Alpoim.

— Quando?

— Quando sonhava, e chorava de alegria por aspirar a tão pouco.

— E não realisou o sonho!... porque?...

— O anjo que eu chamava á minha soledade, destinava-se ás deslumbrantes glorias da vida. Nunca me viu na minha obscuridade.

— E esqueceu depois essa mulher?... *mulher*, digo, para corrigir a palavra «anjo»...

— Não a esqueci: ergui entre nós a barreira da dignidade de ambos.

— E, se hoje a encontrasse, reconhecia-a?

— Sim, minha senhora: reconhecia-a, amiga como podem sê-lo os anjos.

— E quizera que ella fosse sua esposa? — redarguiu a condessa, estendendo-lhe a mão.

Francisco de Alpoim ergueu-se arrebatadamente, e n'este movimento a banqueta ia tombando.

A condessa abraçou-o; e, apontando para a mesa que cahia, disse:

— Não me parece que estas banquinhas sejam muito boas para esposos felizes!... .

.....
.....

A condessa de Prazins vive em dulcissima intimidade com D. Helena da Costa. Os dois maridos, altos personagens na politica, posto que adversarios, e chefes de litigantes lojas maçonicas, são amigos inseparaveis!

Já é quererem-se muito!...

O TIO EGRESSO E O SOBRINHO BACHAREL

O TIO EGRESSO E O SOBRINHO BACHAREL

(CAPITULO DE UM ROMANCE MASSADOR)

Tio

Que lêes tu, rapaz?

Sobrinho

Coisa edificativa, posto que pessima traducção de romance. É *Os Amores de Paris*, por Feval. O capitulo VI trata do *Fandango*.

Tio (algun tanto sobre o pávido)*Fandango!* que é isso?!**Sobrinho**

Escute. *Carmélla* estava meio deitada no canapé, e *Western*, sentado defronte n'uma cadeira, acabava de comer um biscoito molhado em vinho de *Bordeus*. Feios quadros estes... pintados! Isto indigna-o, e escandalisa-o, meu tio? Pois a vida é isto. *Carméllas*, biscoitos, e vinho.

Tio

Estás corrupto.

Sobrinho

A corrupção está no ar.

Tio

Cuidei que o ar d'este seculo era um clarão.

Sobrinho

É um clarão corrupto. Quer meu tio objurgar contra o progresso? A actualidade palpita mesmo debaixo da mão de ferro dos noitibós. Os preconceitos foram espalmados sob o rôlo da imprensa. O velho edificio está a derruir-se. Choverá quarenta dias e quarenta noites oleo de mamona com que a humanidade ficará limpa. Salve-se n'uma arca, meu tio; De bichos, leve só gallinhas, coma e durma; e, se tiver pomba, que mandar á descoberta do mundo velho, dou-lhe de conselho que a côma tambem.

Tio

És um mariola, homem!

Sobrinho (distrahido)

Linda, linda se deslisa,
como o velo, como a brisa,
que na flor se aromatisa,
aljofrada da manhã!
Tem os mimos da baunilha,
é estrellinha que rebrilha,
é a mais dilecta filha
do phantastico Ossian!

Tio

Isso que é?

Sobrinho

É poesia com nervo.

Tio

Poesia isso?

Sobrinho

Pois então? poesia será o Bernardes, o Ferreira, o Filinto? Animalicidas! Não ha flor d'alma que elles não estragassem!

Tio

Essa asneira é maior de marca, doutor!

Sobrinho

Os chatos! Nunca sentiram rebentar-lhe o peito em etnas de lyrismo. O volatil e diaphano do intellecto sahia-lhes grosso e pesado como um tamanco! Aquelles madrigaes, e aquellas nossas avós esmadrigadas por elles!

Tio

Que dizes tu, farçante?

Sobrinho

Quando viram elles a poesia? esta maga que vive em palacios de missanga? esta donosa que ora se carpe e destrança as madeixas de oiro, ora borboletea a iriar as azas nos brilhos prismaticos da phantasia doida?

Tio

Doutor Polido!... E a grammatica?

Sobrinho

Qual grammatica?

Tio

Pergunto eu se a grammatica *borbolotêa* também.

Sobrinho

Não entendo.

Tio

Entendo eu. Fazes-me dó, rã inchada! Que sabes tu, e que sabe a tua geração? D'onde vem vossês? Onde está a novidade do livro?

Sobrinho

Não fazemos livros novos como os do seculo passado, que estavam feitos havia mil annos.

Tio

Macacos de França! Tregeitas, careteis pelos moldes que de lá vos trazem os ventos pestiferos da impiedade. A quem roubavam os escriptores do seculo passado?

Sobrinho

Aos latinos.

Tio

Como sabes tu isso, se não sabes latim?

Sobrinho

Os velhos não teem outra injuria com que argumentar contra os novos: *não sabem latim!* E porque não hão de saber latim os rapazes?! Que Omar incendiou as bibliothecas por onde estudavam os môços de ha cincoenta annos? Perdeu-se, por ventura, a arte da lingua latina?... A irrationalidade dos *fosséis!*... O ultimo frade da congregação do oratorio

levou consigo o ultimo exemplar do «Novo methodo»?... Não sabemos latim!... forte teima!... O que nós não sabemos é o que a fradaria escreveu em latim fradesco: isso é que a gente não lê. Lê-se o latim simples da versão biblica, lê-se o latim grandioso da idade aurea de Roma.

Tio

Da versão biblica!... ora essa! vossês sabem lá o que é a Biblia?

Sobrinho

Eu sei mesmo os relanços da Biblia em que os velhos são severamente corrigidos pelos novos. Meu caro tio, a questão não é de latinidade, é de cabellos brancos. A decrepidez roe-se porque temos cabellos negros.

Tio

Necedade pueril!... Vamos á Biblia... Dá-me conta dos anciãos corrigidos pelos rapazes.

Sobrinho

Ahi vou. Daniel, o propheta, contava doze annos de idade, quando reprehendeu Sedecias e Achab, dois anciãos que espreitavam... direi só *espreitavam*, Susana no banho. Isto é assim, meu tio?

Tio

Vamos adiante.

Sobrinho

Deus disse a Jeremias, aos dezeseis annos de idade, que prégasse a moral aos velhos. *Puer ego sum*, disse Jeremias: «sou muito rapaz.» Os anciãos no

reino de Judá eram para mais de cinco mil, e o eleito para morigeração dos velhos foi o mancebo. Salomão tinha doze annos, quando julgou entre as duas mulheres, que se disputavam o filho. Sou eu que minto ou a Biblia?...

Tio

A Biblia tem variadas interpretações.

Sobrinho

E a historia? Valerio Corvino foi consul aos vinte annos; Pompeu, aos dezenove, capitaneou tres legiões. As cans o mais que indicam é velhice. *Cani indices ætatis, non prudentiæ*: isto é de Cicero. Nós, os rapazes, lemos Cicero. Nada ha ahi mais torpe que um velho, fazendo alardo de muitos annos como prova de sua muita vida. *Nihil turpius est quàm grandis natu senex, qui nullum aliud habet argumentum quo se probet diu vixisse præter ætatem*. Isto é de Seneca. Nós, os rapazes, lemos Seneca. Era já balda de Caifaz dar vaias aos moços: *vos nescitis quidquam*. «Não sabeis patavina.» O pharisaismo moderno, como não encontra Christo que sentenciar, arvora cruz ao genio, e crucifica-o porque não sabe latim.

Tio

Fazes-me somno (*abre a bocca, e benze-a.*). Como é que vossês tão lidos, pelos modos, em bons exemplares, são tão immoraes?

Sobrinho

É porque o latim não moralisa... Vamos ao se-

rio: em que está a nossa desmoralisação? Quer-me fallar do amor? da sêde do infinito? d'esta sublime loucura da paixão de anjos que nos preluzem os páramos da gloria, da luz infinda?

Tio

Não entendi. Isso é Seneca ou Cicero?

Sobrinho

Isto sou eu.

Tio

Lá me quiz parecer que eras tu, meu sobrinho. Que te *preluzem os páramos*?

Sobrinho

Chacotêa vossa reverencia?

Tio

Não, senhor doutor: consulto a esphinge. Com que então o amor...

Sobrinho

O amor é a vida, Deus é a vida, e o amor é Deus, e Deus é a mulher.

Tio

Cala-te, sacrilego!

Sobrinho

Ahi está! ahi vem a mordança! É por isso que conspiramos contra os velhos, desmemoriados do que foram, Torquemadas do mais vital da alma, que é o amor, é por isso...

Tio

Sabes tu bem o que são mulheres? Diz-me ahi tu, patarata, o que são mulheres?

Sobrinho

E o tio sabe?

Tio

São animaes bipedes.

Sobrinho

A mulher é uma aurora sempre a apontar como prenuncia do dia eterno do ceu. Ouve-se no murmuro do arroio, no gemer da harpa eolia, na consonancia harmoniosa das esferas.

Tio

Na consonancia consonante, queres dizer. O pleonasmio vem a ponto. A mulher pôde ser tambem pleonasmio, assim como é arroio, e aurora a nascer sempre. Parecia-me melhor dizer-se que a mulher é a femea. A natureza applaude esta definição. Penso, porém, que vossês os poetas não lhe chamam femea, por delicadeza comsigo mesmos, receiando que a mulher lhes chame machos! Pois são, são-no em duplicado. A mulher, a meu vêr, é a que ministra ao Balthazar embriagado a taça, em quanto Cyro lhe derruba as oitenta portas de bronze da cidade. A mulher é Aspasia, que tira a corôa da cabeça a Cyro, e o esbofeteia...

Sobrinho

Isso é contra-producente, meu tio. Com esse argumentar provo eu que a mulher com um fio dos seus cabellos loiros amarra um leão. Quem venceu primeiro Marco Antonio? foi Cleopatra ou Cesar Octaviano?

Tio

E quem tirou a cabeça a Marco Antonio?

Sobrinho

A cabeça beijada por ella!... Oh! valeu bem a pena perdê-la!

Tio

Por causa de Lucrecia acabaram os reis de Roma: e de Virginia os decemviros.

Sobrinho

Louvemos Tarquinio e Apio Claudio, quer?

Tio

Helena cavou a sepultura da juventude grega. Berzabé infernou os dias de David: Judith degolou um general; por causa de Dina morre o principe de Schem. Tamar mata Ammon n'um festim. Laodicea matou Anthioco. Lucila envenena e mata o marido. Fredegunda mata Chilperico. Annibal, vencido das mulheres, degrada-se. Aqui está o idolo a que se abate o genio soberbo d'estes heroesinhos de ba-beiro!

Sobrinho

Eu pensei que essa caterva de assassinados não eram meus contemporaneos! Os tempos são melhores, meu tio. A mulher actual não mata.

Tio

Humilha.

Sobrinho

Tambem não. Quem se humilhava era Hercules, que fiava na roca de Omphala. Era Achilles, que ves-

tia saia para se acocorar entre mulheres. Era Sardanapalo que usava touca. Era Sansão, mestre de esgrimir queixada de burro. Era Herodes, que, a pedido de Herodias, decapitava o Baptista. Era Nino, que, por ordem de Semiramis, morreu a rir-se.

Tio

Tambem eu hei de assim morrer, ouvindo-te muito tempo. O que tu descobriste de factos reprehensíveis em seis mil annos, incluindo na tua erudição a mythologia! N'esses tempos, por cada delinquente, dava-te a sociedade mil justos. Que promettem vossês hoje? mil parvos por cada homem sensato. A mulher, sempre a mulher! Ella nos salões, ella nos folhetins, ella no drama sempre brilhante de vicios, applaudida no crime, e lastimada, se expia!... Pois que!... Não me dirás tu quem são umas desgraçadas que ahi estão no mundo, e o mundo chama *perdidás* e repelle de si, como infames? Quem são?

Sobrinho

São mulheres.

Tio

São mulheres? Que é do throno que lhes dá a vossa geração e os vossos poetas? Quem as derribou de lá? A quem devem ellas a sua perdição e ignominia?

Sobrinho

Á sua má cabeça...

Tio

Calla-te ahi, miseravel! No teu culto á mulher

não ha vislumbre de sentimento: é tudo imaginação. Vossês para entoarem hymnos a umas, escorcham com o pé o seio de outras. Sêde vis, sêde algozes; mas não sejais hypocritas, nem insulteis o passado, que tinha menos luz, e mais coração.

.....

Santa Cruz do Doiro — 1849,

TRAMOIAS D'ESTA VIDA

TRAMOIAS D'ESTA VIDA

CONTO MORAL

I

Um tal Gastão de Mendonça, morgado de Pinhatel, requestou uma Balbina, natural de Esposende. Gastão era de linhagem tão antiga, que se apagava nas trevas da mythologia. Balbina era filha de uma viuva, que vivia de sua habilidade de fazer rede, e da sua industria de taverneira, em dias santificados, e romarias circumvisinhas.

O morgado de Pinhatel era homem de quarenta annos, vicioso, dissipador, e escalavrado pela liber-

¹ Pessoa fidedigna me contou a seguinte historia, acontecida, ha quinze annos, na villa de Esposende e em outras partes

tinagem. Balbina tinha dezeseis annos, costumes irreprehensíveis, muita saude, e muita alegria. Parece que a natureza os desligava; mas o demonio, que é uma segunda natureza na condição tentadiça de cada qual, ligou-os! A gente pasma; a verdade, porém, é esta, que se baldea de um poço de lama.

Uma noite, a filha unica da mulher laboriosa fugiu de casa, e entrou no solar de Gastão, A mãe chorou até morrer, e poucas semanas chorou. Balbina, desde que vestiu luto por ella, sentiu trespassar-lhe carne e ossos e coração umas dôres lancinantes, as mil agulhas do remorso, que a não deixavam socegar. A mãe sentava-se ao lado d'ella á mesa, seguia-lhe os passos á igreja, deitava-se com ella, e, assim que o somno lh'a tirava das mãos, pesava-lhe no peito em sonhos horridos.

N'esta especie de remorso ha uma força que lhe despona os espinhos: é o amor do homem a quem a filha sacrifica a honra ou a vida de seus pais.

Amor infando é esse; mas, por magia infernal que tem, é certo que prevalece ao remorso.

No entanto, Balbina, ainda que quizesse escudar-se do phantasma de sua mãe, com a audacia e despejo que dá a satisfação do crime, não podia, que, á hora em que a velha expirou, já não era amada.

Ora, depois, de desamada, passou a aborrecida, porque chorava sempre; e, se ha veneno que

rôa o ultimo liame de coração enfastiado de uma mau homem, são as lagrimas da mulher enfadonha.

Gastão de Mendonça poz a mira a outro fito. Deixou-a a braços com o phantasma, e foi-se em demanda de realidades.

Andou por lá uns dois mezes, ora no Porto, ora na Foz, amando em toda a parte, com applauso de sua vaidade, inveja dos rapazes, e beneplacito de illustres damas, menos mal comportadas, na impecavel opinião publica.

Voltou a casa para vender umas propriedades, e tornar á Foz, onde perdêra, jogando, o dinheiro de outras, que tinha vendido.

Quando chegou a casa, e não viu Balbina, perguntou por ella. Os criados disseram que se havia ido embora, um mez antes, a pé, mal enfoupada, e sem dinheiro nem coisa que o valesse.

Mandou o morgado a Esposende averiguar se ella por lá estava, com a tenção de lhe dar algumas moedas para restabelecer a taverna. Bom homem!

Ninguem deu novas d'ella: todos a suppunham em Pinhatel. De si para si, Gastão entendeu que a moça se havia atirado ao Cavado. Teve pena de Balbina, e um certo horror de si mesmo; todavia, como este horror o incommodasse, apressou a venda dos bens, e foi distrahir-se.

Aconteceu vêr elle uma dama deslumbrante, de

familia genealogica, maior de vinte e oito annos, galhofeira, fascinadora, amestrada e esperta, á custa dos logros da poesia; prosa, em fim, mas bellissima prosa. Amou-a; foi acolhido, e logo repellido; d'ahi a pouco amado, e outra vez aborrecido; um dia, requestado, e, no seguinte, desfeitoado. A resulta d'isto foi casarem-se, com escripturas cavilosamente vantajosas para a noiva, que já sabia com quem as havia de ter. Fez-se dotar com o maximo da casa de seu marido, estipuladas as condições de modo que, em caso de divorcio, ella se levantasse com o dote.

Elles ahi vão como dois pombos arrulhando finezas por aquelles bosques do Minho.

Ao oitavo dia de delicias conjugaes, D. Perpetua abre a sua bocca engraçada, espriguiça-se, e diz:

— Estou farta de aldêa, Gastão! Vamos nós para o Porto? Está cantando o Montemerli, que é um assombro!

— Muito me custa não te fazer a vontade, minha adorada Perpetua; mas sinceramente te digo que de finanças está isto mal.

— Ora, finanças! Arranja, menino, arranja dinheiro. Se tu quizeres, vamos.

— Não sei onde hei de ir bater, meu amor! Salvo se vender uma propriedade.

— Pois vende; lá por uma propriedade de menos tambem não ficamos pobres.

Vendeu-se a propriedade, e foram ouvir o Montemerli.

Ouvir o grande cantor era desejo innocente e louvavelmente artistico; porém, vender um pedaço da casa, em holocausto ás orelhas, foi desatino; mas, em fim, passe, que a arte é cultivo dos ouvidos é um despotismo perdoavel. O que de todo o ponto se não perdôa é que a senhora D. Perpetua applicasse uma orelha a Montemerli, e a outra a um sujeito que a visitava no camarote, na sala, e nas casas que ella visitava.

Gastão desconfiou, e sentiu dentro da alma podre uns rebates da alvorada do dia expiatorio. Procedeu avisadamente: callou-se, e foi com sua senhora para Pinhatel.

Era no coração do inverno. A aldêa fez-se pavorosa. A carranca do ceu só podia igualar-se á carranca de D. Perpetua.

Rompeu a desordem. Gladiaram-se de lingua até se retirarem de punhos cerrados cada um para seu quarto. Não se viram oito dias; e, para se verem, foi mister que o vigario interviesse na reconciliação com o Evangelho em punho, posto que para o caso sujeito tanto valesse o Evangelho, como o Alcorão. E tanto isto é verdade, que, quinze dias passados, assanharam-se de novo, e o padre voltou com o Evangelho, e sahiu corrido do que ouviu a respeito da religião. É que D. Perpetua, no acume do seu odio á aldêa, negava Deus; e Gastão, se já não fosse atheu,

nem houvesse atheus, inventava-se atheu por ter havido um Deus que fez semelhante mulher!

Perdida religião e vergonha, bateram-se mutuamente ás punhadas. Perpetua escreveu a seus irmãos. Os irmãos requereram o deposito judicial da mana, para acção de divorcio. Gastão oppoz-se. As leis eram por elle; mas os juizes foram por ella. Sentenciada a separação, executou-se o estipulado na escriptura dotal. O morgado, que de vinculo apenas tinha uma torre e uns montados, ficou reduzido a bens que valeriam vinte mil cruzados escassos.

D. Perpetua, senhora de propriedades excedentes ao triplo d'aquella quantia, recolheu-se á familia, e deu-se a viver regaladamente, prestando não já um só, senão ambos os ouvidos áquelle sujeito que outr'ora compartira da honraria de Montemerli.

A ponto estamos de apparecer em Esposende um forasteiro que não dizia d'onde era, nem o que fazia ali.

Chegou o homem um dia, e parou defronte da casa da mãe de Balbina. A nova inquilina, cuidando que o viandante procurava a antiga taverneira para ahí jantar, disse-lhe:

— Olhe que já não é venda aqui. A taverneira morreu ha dois annos. Ainda que eu seja confiada, o senhor é brasileiro?

O sujeito resmungou uma resposta inintelligivel, e perguntou:

— E a taverneira, que morreu, não deixou ninguém?

— Deixou uma filha, senhor; é a Balbina Rosa, que appareceu aqui ha tempos, depois de lhe termos resado por alma. Coitada!... castigo assim!

O supposto brasileiro sentou-se no banco de pedra da testada, e escutou a historia da fugida de Balbina, e da morte da tia Seraphina da tenda. A informadora, mais ou menos inventiva, rematou assim a noticia:

— Ninguem sabia de Balbina, nem já fallava n'ella, quando um moço cá da terra, que é soldado, a topou na serra do Laboreiro a guardar cabras. Ella pegou a fugir assim que elle a chamou pelo nome; mas o moço já a não deixou sem ficar bem certo. Pelos modos, meu senhor, a rapariga parece desenterrada. Olhe vossemecê onde ella foi parar! Á serra do Laboreiro que é d'aqui oito leguas! A tia Seraphina bebia os ventos por ella. A Balbina tinha as mãos tão mimosas que eram mesmo dedos de fidalga. Não trabalhava senão em coisas finas; até sabia fazer *crochete*. O senhor ha de saber o que é *crochete*?... Pois é verdade! Uma menina, assim creada, andar agora lá pelos montes a guardar cabras! Aperta-se-me o coração, quando penso n'isto!... Tudo p'rá môr d'aquelle diabo de homem, Deus me perdôe, que, se é verdade o que se diz, não tardará que elle ande ás esmolos! Ainda eu o veja a cahir a pedaços, e tantas pragas o cubram como de lagri-

mas elle fez chorar á pobre velha, que era uma santa!... Então vossemecê, ainda que eu seja confiada, conhecia a tia Seraphina?

O brazileiro, se era brazileiro, como vai conjecturar-se do capítulo seguinte, respondeu coisa mal percebida, e levantou-se, cortejando a sensível mulher, que estava enxugando as lagrimas.

Ella, porém, despeitada do laconismo do sujeito, ficou dizendo de si para si: — «Parece atolambado o homem! Vai-se assim embora, sem dizer isto nem aquillo!»

D'ali a pouco, voltou o mal-encarado perguntador, e disse:

— Faz-me o favor de me dizer como hei de eu encontrar o soldado que encontrou Balbina?

— Eu sei lá, senhor! Só se a familia d'elle souber onde pára o regimento.

— Indague-me o que poder saber — tornou o sujeito, lançando ao regaço da mulher alguns cruzados novos. — Ahi tem pelo seu trabalho, e outro tanto lhe darei pelo seu segredo. Não diga que fallou comigo nem as perguntas que lhe fiz.

Articulou a mulher umas palavras de assombro e alegria, e sahiu a executar discretamente o encargo.

Deteve-se pouco, e voltou affirmando que o José Torto estava em Valença, na quarta companhia do regimento.

O generoso remunerador da noticia despediu-se, promettendo redobrar-lhe a paga do segredo.

A mulher , assim que o homem sahio, poz as mãos diante de uma imagem do Senhor de Mattosinhos, e disse : — «Ó meu pai do ceu, fazei que eu não diga nada do que se passou!»

A sincera creatura intendia que, só ajudada por Deus, poderia calar-se! E fez-se o milagre!

II

Este homem, que assim se empenha em descobrir Balbina, quer o leitor saber quem é, d'onde vem, e que tem elle que vêr com a pastora da serra do Laboreiro?

Chama-se este homem João Moreira, e vem do Brazil, para onde foi menino. É natural de Espo- sende, e irmão da defunta Seraphina da Tenda, tio, por tanto, de Balbina Rosa.

Havia sahido da terra natal cincoenta annos antes. Escreveu aos pais alguns annos. Depois, morreram os pais, elle casou, trabalhou, enriqueceu para os filhos, e esqueceu-se da patria e da irmã, que deixara. Seraphina julgava-o morto, e os seus patricios esqueceram-no.

Quando estava rico e velho, morreu-lhe a mulher, e, no breve termo de um anno, seus tres filhos. Lembrou-se então de Esposende e da irmã. Estava só, amargurado, contemplador melancolico de sua inutil riqueza.

Veiu, então, para Portugal em busca de familia, e envergonhado de, só á hora do desamparo, procurar sua irmã.

Sabem o mais. Parou defronte da casa onde nasceu; e, como visse uma mulher representando quarenta annos, pensou comsigo que não podia ser aquella. «Morreu, certamente!» disse João Moreira entre si, com dôr, com um desapego mortal da vida, e arrependimento de se ter alongado dos ossos de seus filhos, que ao menos conhecia, para se avishnar das cinzas deslembadas e desconhecidas de seus pais e irmã.

N'isto scismava o brasileiro, quando a inquilina, ou proprietaria da casa paterna lhe disse que a taverneira tinha morrido,

Agora vamos em cata d'elle ao Alto Minho. Vai o leitor pasmar-se d'aquellas bem-aventuradas margens do Lima. Entra comigo em Vianna, na louçã namorada do oceano, n'aquella esquiva formosa que vacilla entre deixar-se amar das ondas, que lhe beijam os pés, ou dos arvoredos que lhe enramam a fronte. Agora, vamos n'este barquinho rio acina até Ponte do Lima. Não se me fique arrobado n'este ondear de esmeralda que a viração balança, que re

ceio me deixe ir sosinho em procura do brasileiro. Aquillo são bosques, que escondem moitas arrelvadas, e meandros de fontes, e amores de aves, e amores de damas castellãs, que por ali se escondem mais conhecidas das estrellas que nossas, e mais conhecidas ainda dos fáunos illustrados do sitio que das estrellas.

Aqui estamos na velha Ponte. Iremos por terra a Valença, que é um ir sempre ao debaixo de abobadas de verdura. Cá está a fortaleza, fazendo carraças a Tuy, á decrepita Galliza, que o rio Minho separa de nós, como cordão de limpeza entre a orla do ridente Portugal e a testada dos nossos sujos vizinhos, sujos, como gallegos que são. Sujos! e ladrões lá na sua cafraria? Isso então é coisa para tamanho espanto que só não ha de espantar-se do que são lá, quem souber como elles são ladrões cá.

Aqui vamos na piugada de João Moreira, que procura o vinte e três da quarta companhia, José Torto de Esposende.

Declara José Torto que, indo a escoltar uns presos da villa dos Arcos para outro ponto, vira uma pastora no caminho, a tornar á manada uma cabra que se desgarrara, e cuidara elle vêr Balbina; mas, tendo ouvido dizer que ella se deitara ao rio Cávado, não acreditara os seus olhos. Ajuntou que se persuadira ser ella, vendo-a voltar o rosto, e apertar o pé a fugir por um outeirinho abaixo; e elle então a chamara pelo seu nome, e ella mais corria. Accres-

centou que deu quatro pinchos no declive da serra, e a pilhara, obrigando-a a confessar que era Balbina, e não tivera tempo de lhe ouvir mais nada, por que o cabo da escolta o chamara, ameaçando-o, por cuidar que elle perseguia a moça desaustinadamente.

Ouvida a narrativa, João Moreira procurou o commandante do regimento, conversou largamente com elle, e obteve que o vinte e tres da quarta o acompanhasse á serra do Laboreiro.

Chegaram ao romper da manhã do segundo dia de jornada aos montados de Entrime, e do pincar mais levantado descortinaram em derredor os rebanhos que iam subindo das povoas escondidas nas gargantas da serra. Foram á falla com o primeiro pastor, que avistaram, e descobriram que havia em Castro Laboreiro uma rapariga ao serviço de um lavrador, vinda de longe, e chamada Francisca. Os signaes d'esta Francisca exactamente condiziam com os de Balbina. Devia ser ella. D'ali baixaram ao outro onde o soldado a topara, e, por felicidade de todos, ao dobrarem o cotovello de um barrocal, entreviram, ao travez da ramagem de uns carvalhos, a pastora, sentada á borda de um regato, que devia ser um braço da ribeira das Varzeas, a qual por ali se infiltra na aridez d'aquelles algares.

— É ella mesma! — disse o José Torto.

— Fique vossê aqui — ordenou o brasileiro.

João Moreira acercou-se de Balbina, que, ao vê-lo, se erguera surprehendida e timorata.

— Bons dias, menina — disse o irmão de Seraphina.

— Deus lhe dê os mesmos — balbuciou a pastora.

— Venho buscal-a.

— Buscar-me?! — exclamou apavorada a moça, relanceando os olhos como quem procurava soccorro.

— Parece, tornou João Moreira, que a minha velhice é bastante para que a moça me não tema. Se quer quem lhe accuda, está ali o nosso patricio José Torto. Não o vê acolá?

Balbina reparou, e disse:

— O senhor é de Esposende?!

— Sou.

— Nunca o vi: elle sei que é; mas o senhor...

— Sou de Esposende, sou irmão de Seraphina, sou tio de Balbina.

A rapariga deixou cahir o fuso da mão, e abriu a bocca, tingindo-se de um escarlata precursor da perda dos sentidos.

O brasileiro proseguiu:

— É teu tio que te procura. Não tenhas pejo de mim, nem remorso da tua desgraça. Tua mãe já deve ter-te perdoado. Beija a mão de teu tio. Seraphina algumas vezes te fallaria do irmão ingrato ou morto. Veiu á hora que a Providencia divina ordenou. Venho buscar-te, Balbina. D'aqui irei a teu amo; elle mandará novo pastor ao seu rebanho, e tu não voltarás a casa d'elle.

Balbina ouvia; mas, querendo fallar, sentia a lingua soldada ao ceu da bocca.

— Então, minha sobrinha, responde: quem é teu amo? —olveu o brasileiro.

A moça disse o nome do dono do rebanho, e permaneceu no spasma.

— Ensina-me o caminho mais perto — instou o tio.

A pastora deu alguns passos até assomar ao alto de um têsô, d'onde se avistava o logarejo, e disse:

— Aqui por este fôjo abaixo vai mais depressa.

— Diz adeus ás tuas cabrinhas, que eu volto já, filha.

E, acenando ao guia, desceram á aldêa, guiando-se pelo trilho dos rebanhos.

Correu assim grande parte do dialogo entre o brasileiro e o lavrador:

— Ha quanto tempo é sua criada a moça que vossemecê diz chamar-se Francisca?

— Ha quatro annos e tres mezes.

— Tem sido boa serva?

— Como não ha outra em todo o Laboreiro; mas eu não sei d'onde ella é.

— Nem eu lh'o pergunto, amigo. A sua criada deixou de o ser. Vai retirar-se comigo. Mande vossemecê tomar conta do seu gado.

— Pois ella vai?! E vossemecê quem é?

— Sou o legitimo dono d'aquella rapariga.

— Dono? e ella quer ir?!... É o que vamos sa-

ber. Isso lavra mais fino cá, meu amiguinho. Eu vou lá á serra, e irá comigo um dos meus filhos.

— Pois, sim, convenio: isso é prova de que vossemecê é um amo honrado, e zelador de suas servas.

— Podéra não! Eu sei cá se vossemecê a leva furtada!...

— Se a levasse furtada, não vinha aqui dizer-lhe que a furto. Acha vossemecê que um velho d'estes annos anda pela serra do Laboreiro a furtar pastoras?

— Em fim, nós lá vamos, e tenha paciencia. Isto cá lavra mais fino.

O lavrador pegou da foice encavada, o filho poz ao hombro uma caçadeira, e sahiram, caminho do outeiro, em que Balbina, áquella hora, estava orando.

Chegaram á beira d'ella.

— Francisca, disse o velho, este homem diz que tu queres ir com elle. Queres ou não?

— Sim, senhor, respondeu a moça.

— É teu parente ou *adrente*?

— É meu tio.

— Tio! — exclamou o José Torto.

— Balbina! — disse João Moreira commovido — quiz ouvir essas palavras do teu coração. Foi tua mãe que t'as disse. Senhor lavrador, estão esclarecidas as duvidas. Podemos ir?

— Ainda não — respondeu o lavrador — vamos fazer contas. Eu tenho cá as soldadas todas d'esta rapariga.

— Applique-as aos pobres da sua aldêa. Adeus, amigo! — disse o brasileiro — Se nos não tornarmos a vêr, até ao dia do juizo.

O filho do montanhez sentou-se, atravessou a espingarda sobre as pernas, e baixou a cabeça a chorar.

João Moreira reparou; o velho tambem, e disse:

— O rapaz chora porque lhe tinha amor de dentro. Queria casar com a moça; e, se não é marido d'ella, foi porque a moça não quiz, saberá vossemecê.

— Era outro o seu destino — disse o brasileiro, e voltando-se á sobrinha perguntou:

— Amavas este moço, Balbina?

Balbina abaixou os olhos, e disse:

— Não, senhor: era amiga d'elle, porque me tratava bem.

— Era outro o seu destino... — repetiu o tio — Vamos, que o sol aperta... Acharei n'alguma d'estas povoações quem me venda uma cavalgadura?

— Eu não vendo — disse o lavrador — ; mas ahí está uma mula, sendo necessaria. Vão vossemecês descendo até á estrada, que eu lá lh'a mando sahir á bouça da tia Andreza. A rapariga sabe onde é.

— Obrigado, bom velho. Eu me farei lembrado pelo seu favor, — concluiu o brasileiro.

E apartaram-se.

O ancião entrêgou a guarda do rebanho ao filho, dizendo-lhe :

— Não fiques agora ahi a chorar, Bernardo ! Um homem é um homem !

O moço empinou-se no visio de uma collina, e viu desaparecer a pastora.

Que alma de poeta soffreu já ahi cruz de saudade tão dolorosa ? Que lagrimas se seccaram n'aquellas penedias brancas ! O desventurado lançou-se por terra, e escondeu a face nas urzes. As tuas lagrimas, ó traspasada alma, podia vê-las o ceu, que eram puras !

Elles lá vão.

Ninguem mais fallará de ti, pobre solitario das montanhas !

Vai chorar á margem d'esses regatos ! As flores silvestres te dirão que as lagrimas de Balbina as fizeram reviçar em suas hastes ressequidas. Afaga esse cão que lhe lambia as mãos. Ahi tens a rez que se aninhava no regaço d'ella. Longo tempo chorarás, amante christão ; e o suicidio nunca te ha de lembrar ; a luz do facho civilizador nunca te mostrará o boqueirão da caverna onde se abysmam os covardes !

Ella lá vai !... Se alguma vez a vires, dirás conmigo :

— Parecia-se com esta fidalga uma pastorinha que eu amei, e ainda agora amo, nas minhas seras do Laboreiro !

III

João Moreira, comprou casa no Porto, e estabeleceu aqui sua residencia.

D. Balbina Rosa Moreira tinha criadas, que mal a conheciam, carruagem em que nunca sahia, e ricos vestidos que nem sequer examinava.

O tio passava em conversação com ella o maior numero das horas, bem que a historia da sua desgraça quiz ouvil-a uma só vez.

Tiral-a da solidão do seu quarto, fazêl-a erguer mão da costura, leval-a a theatros e recreações é que nunca vingara. Balbina com a branda defeza das lagrimas, além de vencer, acareava a mais o amor do velho.

João Moreira, passado o primeiro mez de con-

vivencia com a sobrinha, sahiu do Porto a Vianna, e por lá se deteve alguns dias. Regressou a casa, e novamente digressou ao Minho.

Estas sortidas intendem com o nosso conto.

Planeou o velho uma traça de vingança incruenta sobre o descaroadado deshonorador de sua sobrinha. Na urdidura da trama é que elle anda.

Informou-se, e soube que o morgado de Pinhatel está hypothecando as suas propriedades, restantes da doação, que a consorte divorciada judicialmente levantou. Vai propriamente João Moreira a casa do morgado, e propõe-lhe a venda de seu casal por um quinto superior á louvação. Por outra parte, obrigando-se ao pagamento das dividas, instiga os credores particulares e as irmandades a demandarem-n'ò. Gastão de Mendonça, deliberado a sahir da patria, e ir longe acabar em obscura miseria, assigna a total alienação dos bens, e embolça uns doze mil cruzados, pagas as dividas pelo comprador.

Sabe João Moreira que Mendonça intenta sahir de Portugal. Dolorosa contrariedade que lhe frustra o plano! Mal sabe elle que a Providencia collabora tambem na vingança exemplar e justa!

Gastão vai para Lisboa, e João Moreira entrega a José Torto a feitorisação do seu casal de Pinhatel, obtida a baixa. Balbina Rosa tudo ignora.

O chamado ainda morgado está em Lisboa pensando no destino mais conducente ao seu fim, que

é morrer ignorado, e raciocina cabalmente que Lisboa é excellentes sitio para morrer ignorado quem morre pobre. Resolve, pois, ficar, e consoladoramente planêa suicidar-se, exaurido o peculio. Doze mil cruzados abrem-lhe a porta a muitos prazeres bons para aturdir-se, bestificar-se, e morrer insensivelmente. Calcula viver assim dois annos, e deixar apenas a pistola com que abrir na cabeça uma brecha opportuna á alma, cuja existencia lhe é, de fóra parte, a mais inaceitavel das existencias.

Quando tem desbaratado alguns milhares de cruzados, principia a sentir um vago desejo de ir com a vida além dos dois annos aprasados. A santa casa da misericordia convida-o a ganhar quarenta contos com uma sorte de vinte mil réis. Gastão corresponde ao immoral convite da santa casa, e compra não um, mas doze bilhetes. São doze probabilidades baratas que elle compra de enriquecer-se.

Espanta-se de lhe sahirem brancos de uma assentada os doze bilhetes, e na proxima loteria compra vinte e quatro. A fortuna é por elle d'esta feita, concedendo-lhe a graça de lhe premiar um dos vinte e quatro bilhetes com o mesmo dinheiro. Que zombaria! Enfuria-se o jogador, e redobra as paradas. Eil-o ahi está antes de um anno a ponto de matar-se na suspirada obscuridade! Ali o está convidando a pistola, e a miseria. Que faz elle? Vende o jogo das pistolas, vende o fato escusado, individua-se com pessoas que o viam gastar a froixo, e o consideram

ainda abastado na sua terra. A final, descobre-se a indigencia do morgado minhoto; cerram-no os credores e as injurias; a fome sulca-lhe o rosto; e elle foge de Lisboa, e vai ao Minho pedir as sopas de alguns parentes.

Os parentes lançam-no de si, como vilipendio dos Mendonças, e Gastão é agasalhado na pobre casa dos seus antigos caseiros.

José Torto avisa d'isto João Moreira que então viaja em França e Inglaterra com sua sobrinha.

Sahira elle, e, como á força, levava Balbina, por preceito dos medicos, que a suppunham gravemente enferma de tristeza, e carecedora de acção.

Entre gosar os recreios do Porto e ir viajar, Balbina escolheu, bem que obrigada, o ir onde a não conhecessem, e acabar por lá; que, em verdade, a vida pesava-lhe; a lembrança de sua mãe ainda lhe atormentava os sonhos. Organização debil, ou falta de luzes!

Inesperadamente para Balbina, seu tio, ao receber em Londres cartas do feitor, apressa a partida, sem esclarecer a sobrinha.

Balbina fica no Porto, e Moreira vai a Pinhatel.

Ali vê Gastão, que se está aquecendo a uma reseta de sol na eira de um lavrador. O infeliz veste um capote desbotado de baetão, calça uns sapatos fendidos e dessolados; e ampara entre as mãos o rosto cadaveroso quasi escondido nas barbas e cabellos brancos, entonsos, e esqualidos.

Reconhece o brasileiro, levanta-se, e diz:

— Já me não conhece senhor Moreira...

— Conheço: é o senhor Gastão.

— Cheguei a esta desgraça: vivo de esmolas.

— Pois, quando tiver fome, vá lá ao feitor que lhe dê de comer.

— Bem haja.

— E um quarto onde dormir.

— Seja por alma de suas obrigações, senhor Moreira.

— Sua mulher, que é feito d'ella?

— Não sei, senhor.

— Já se vê que lhe não faz bem nenhum...

— Escrevi-lhe, nunca me respondeu. Disseram-me que estava quasi tão desgraçada como eu. Os irmãos gastaram-lhe tudo. A doação, que eu lhe fiz, está vendida. Tudo vai como vem. Deus é para todos. Eu estou a penar os meus peccados: ella ha de penar os d'ella.

— Então, o senhor tem grandes peccados?

— Pois, se os não tivesse, eu chegava a isto?...

— Ainda bem que a consciencia do crime lhe dá força para a expiação. Adeus. Já lhe disse: quando quizer, vá lá para casa. Terá que comer, e uma cama.

João Moreira retirou a mão, que o mendigo lhe queria beijar, e voltou ao Porto.

Dias depois, disse á sobrinha que haviam de ir ao Minho vêr uma quinta comprada para o passadio do verão.

Sahiram a horas calculadas por caminhos transversos para entrarem de noite em Pinhatel.

Balbina, reconhecendo o local, exclamou:

— Onde estamos nós, meu tio?!

— Na quinta que comprei.

— Oh meu Deus! esta quinta...

— Bem sei o que queres dizer, minha sobrinha... Não te alvoroces... Estás em casa de teu tio. O antigo morador d'esta casa só por esmola poderá entrar n'ella.

E Balbina, com justo assombro do tio, rompeu em pranto desfeito.

João Moreira disse entre si: «É impossivel que ella ainda tenha alma capaz de compaixão de tamanho infame!»

Gastão de Mendonça dormia n'um quarto ordinario da casa, junto das cavallariças, quando o brasileiro esmoler entrou.

Balbina, á vista da saleta, onde fôra o seu quarto, expediu um grito, e desfalleceu. O tio confiou da criada o levar sua sobrinha á cama, e passou uma cruelissima noite. A presumpção de que ella ainda o amava, horrorisava-o, e embravecia-o.

«Que indigna mulher!» murmurava elle.

Ao romper da manhã, a criada chamou João Moreira, e disse-lhe anciadamente que a menina o esperava na sala.

Foi o velho onde a sobrinha o esperava de joelhos.

— Tire-me já d'aqui, meu tio, senão morro! clamou ella, abraçando-lhe os joelhos.

— Morres?!... de quê?... de vergonha?... — disse elle um tanto severo.

— De vergonha e de remorsos!... — replicou ella, erguendo-se e refugindo para a sua alcova.

Horas depois, João Moreira chamou a sobrinha, e disse-lhe brandamente:

— Vamos embora á noite, filha.

Balbina osculou-lhe a fronte com expansiva alegria.

— Mas... — tornou elle — não estejas mettida no teu quarto. Vem um pouquinho á janella que está sobre a eira.

Balbina foi.

Abriu o tio a janella, e estendendo o braço fóra, disse-lhe:

— Olha, Balbina.

— Que é?! — disse ella, encarando em Gastão de Mendonça, que, sentado n'um banco de pedra, tomava o sol.

— Ali tens o seductor. Estás vingada! É aquelle velho mendigo, que ceiou e dormiu no quarto onde se deitava o seu lacaio. Ali tens Gastão de Mendonça!

Balbina levou ambas as mãos ao rosto, desabafou um como grito de quem o expede da garganta com a alma, e cahiu no sobrado em todo o peso e desamparo.

IV

Não cifrava n'isto a intencional vingança de João Moreira. Aguentou-h'a a sensibilidade da sobrinha, e, por ventura, a invisível mão do anjo da misericórdia. Desenhava o velho levar Balbina diante do indigente, apontar-lh'a como senhora d'aquella casa, e obrigar-o a agradecer-lhe a ella a esmola do pão e da enxerga. Seria isto optimo relanço de drama-negro, *melo-drama* chamado entre nós, onde se falla muito o grego. Dizem os adversarios d'esta feição theatral que o melo-drama está fóra da verdade e da natureza: asserto falso. Pois aquelle João Moreira, sujeito sobremodo illitterato, avisado inimigo da leitura, que era senão genuina e pura natureza? Se o melo-drama fosse uma arte de paixões suppo-

siticias, o brasileiro não pensava tão de espaço e friamente um desenlace, que devia ser assás espectacularoso.

Na noite d'aquelle dia, Moreira e a sobrinha voltaram ao Porto; e, d'ahi a breve tempo, recomeçam a viajar na Europa.

Balbina, apesar do velho, estava sempre recolhida em apathica introversão, sahindo raro de si para simular prazer com a satisfação do tio. O viajar era-lhe já pena de corpo e alma. A pallidez macerada, com que descêra do agro Laboreiro ás molles delicias de um palacete, era ainda a mesma, se não aggravada por maiores tristezas intimas. Em quanto pastora, ignorava o casamento de Gastão de Mendonça. Que esperava ella de Gastão solteiro? Deus sabe o que esperava a candida alma da pobre-sinha. Nós é que racional e glacialmente lhe diriamos: «Morre de dôr, e desesperada de remedio, que o não ha para ti, mulher perdida!» A Providencia divina não é assim: ampara, illude, influe esperanças, instilla ao coração chagado linimentos palliativos, e assim vai sustendo os infelizes, até que o tempo os transverta, ou a morte serenamente os acolha.

Disse-lhe o tio que o mau homem casara; e, para logo, lá muito no amago de seu seio, quebrou o fio que o delir das lagrimas não rompêra.

Depois, vê-lo assim, aquelle que deveras amara, e, abandonada, esperara, nas rochas do monte; vê-lo assim rôto, defecado, mendigo, aquecendo ao

sol as escarnadas mãos, dormindo na tarima dos seus lacaios, pagando tão duramente os vícios da idade e da abundancia, desamparado da mulher que o roubou, de parentes que lhe fruiam os desperdícios, de amigos que se banquetevam em sua casa!... A penitente senhora condoeu-se, perdoou-lhe; e, no sonhar febril d'aquella noite, afigurou-se-lhe que descia á eira, e tomava aos lábios a mão regé-lida d'aquelle desgraçado, e lh'a aquecia com torrentes de lagrimas quentes ainda do fogo do coração!

E, por isso, a doença lhe anojava o andar de terra em terra, sem vontade, nem espirito para admirar, estranha a tudo que a rodeava, indifferente ás decantadas magnificencias do engenho humano e da magestosa natureza; sempre a suspirar pela quietação de um cubiculo em algum ermo, onde, a orar e a trabalhar, se lhe fossem gastando os dias apagados de toda a alegria e fenecidos para sempre ao reverdejar de alguma flor.

Sondou-lhe o tio o animo, e, ao fim de seis mezes, voltaram para Portugal.

Detiveram-se em Lisboa alguns dias.

No quarto do hotel, contiguo ao de Balbina, hospedava-se alguém que tocava piano a horas mortas, e as melodias eram pausadas e melancolicas como os hymnos sagrados.

Um dia, o proprietario do hotel perguntou ao brasileiro se elle quereria comprar um rico piano

inguez de uma senhora, sua hospeda, que se retirava.

João Moreira disse que não precisava, e Balbina indagou se a hospeda era a que tocava de noite.

Á affirmativa resposta ajuntou o solicitador da venda do piano que a senhora, a seu vêr, era infeliz; por quanto viera ter a sua casa, dois mezes antes, em companhia do marido, ou que tal diziam ser; e que depois o sujeito desaparecêra, e ella ficara sem dinheiro, vendendo algumas joias de pouco valor; e agora, para se ir para a provincia, se desfazia do piano.

— D'onde é ella? — inquiriu distrahidamente o brasileiro.

— Acho que é do Porto, ou d'esses sitios. Visto que vossa senhoria não quer, vou vêr se algum armazem me fica com elle ao desbarato.

— Meu tio! — disse Balbina com maviosidade.

— Queres que eu compre o piano?...

— Queria... Se ella é assim infeliz...

— Pois bem: quanto quer ella?

— Vou saber — disse o estalajadeiro.

Volveu o homem, pedindo cincoenta libras, e affirmando que a vendedora perdia sessenta.

— Coitada! — murmurou Balbina.

— Venha vossa senhoria examinal-o — contirfuou o agente.

— Vamos lá — disse o brasileiro — vem tu tambem, Balbina. Tanto entendes tu como eu de pia-

nos; mas vamos levar o dinheiro á mulher. Vá indo o senhor que lá vamos — accrescentou João Moreira, reflectindo.

E disse á sobrinha:

— O piano não nos serve de nada, menina. Se o coração te disser que a mulher é digna de lastimar, offerece-lh'o, e deixa-lhe o piano, depois que eu dêr as cincoenta libras.

Balbina, de contente, bateu as palmas, e as ultimas deu-as na face do velho, á mistura com um beijo.

Sahiram ao corredor commum para onde abria o quarto da vendedora do piano. Pediu licença o brasileiro, e viu a senhora, que se erguera a recebê-lo. João Moreira fitou-a com estranho olhar, hesitou na entrada, e, como quem vai por violencia, entrou.

D. Balbina cortejou a dama, sem reparar no semblante demudado do tio.

— Aqui está o piano que se vende — disse o hospedeiro, que ia direito ao amago dos negocios.

— Já sei — respondeu o brasileiro — pôde o senhor sahir que eu cá fico para contratar.

E, na ausencia do dono da casa, João Moreira continuou:

— A senhora é do Porto, creio eu.

— Sou do Porto. Vossa senhoria conhece-me?

— Penso que sim. É irmã dos senhores Leites Mascarenhas.

— Justamente. Eu tambem creio que já vi esta senhora no Porto...

— É possível. Ouvi dizer que vossa excellencia viera com seu marido para Lisboa... Se bem me lembro, a senhora, ha cinco annos, que se divorciou do seu marido. Congraçaram-se depois?

— Não, senhor. Eu estou ainda separada de meu marido.

— Ah! sim? Onde está elle, sabe?

— Creio que está em sua casa. Conhece-o?

— Se é o que eu conheço, seu marido não tem casa nenhuma, minha senhora.

— É que a dissipou — respondeu a dama.

— Diz bem, minha senhora : dissipou-a. E vossa excellencia que fim deu á doação? Desculpe o atrevimento da pergunta.

— Gastaram-m'a meus irmãos.

— E está pobre, portanto, como seu marido?

— Estou mais desgraçada que elle porque sou mulher...

— Está, pois, claro que a sua vinda a Lisboa...

— A minha vinda a Lisboa é o remate dos meus infortunios... mas quer vossa senhoria comprar-me o piano, sim?... o resto são desgraças, que não interessam a ninguem.

— Não é tanto assim; minha sobrinha é compadecida, e poderá ser-lhe util.

E, voltando-se para Balbina, disse-lhe :

— Queres acudir á desgraçada situação da esposa de Gastão de Mendonça? Aqui a tens!

Balbina levantou-se impetuosamente, e retrocedeu para o corredor, sem consciencia do movimento que fazia.

D. Perpetua, despercebida do lance, olhava estupefacta o sorriso do brasileiro, e balbuciava monosyllabos interrogatorios. João Moreira, com notavel serenidade, contava cincoenta libras, que depoz sobre o teclado do piano, dizendo:

— Aquella menina dá o alimento e a cama a seu marido, minha senhora. Se ella é boa para o homem que a seduziu e abandonou, melhor deve ser para vossa excellencia que nenhum mal lhe fez. Guarde as cincoenta libras, e o piano.

João Moreira foi encontrar a sobrinha com a cabeça entre as travesseirinhas do leito para abafar os gritos. Achevou-a do peito com ternura, limpou-lhe o rosto lavado de lagrimas, e aquietou-lhe as ancias com silenciosas caricias.

D'ahi a momentos, D. Perpetua entrou subitamente no quarto do brasileiro, e, com vivas mostras de afflicção, exclamou:

— Eu não tenho culpa da sua desgraça, minha senhora. Em quanto vivi com meu marido, ignoro se elle amou alguém; e, quando casei com elle, não me constou que estivesse obrigado a alguma outra senhora. Soube que tivera em casa uma rapariga do povo, que se lançou ao rio; mas d'esse crime está

tranquilla a minha consciencia. Muitas vezes lhe reprovei a acção indigna de abandonar a infeliz; porém, Gastão dizia-me que, se a tal mulher se deixasse estar em casa, havia de casar com ella. A mais desgraçada fui eu por que vivo. Aquelle homem tinha crimes, que estamos ambos pagando...

— Minha senhora — atalhou João Moreira — essas explicações são escusadas. Minha sobrinha, a filha do povo, *a tal mulher* não se queixa de vossa excellencia. Vá em paz, e seja mais feliz do que ella.

Obedecendo ao gesto de urbana despedida, D. Perpetua sahio, sem ter comprehendido que era aquella a filha do povo, suspeita de suicidio nas aguas do rio Cávado. Vacillou entre aceitar ou rejeitar a esmola; mas a necessidade é tão suasoria conselheira de tolerancia e docilidade que nem os evangelistas e santos doutores lhe ganham. Guardou o dinheiro, e o piano, que n'outra hora venderá para acudir ao intervallo critico da passagem de um para outro galanteador, nem mais amante, nem mais duradouro, que o ultimo (ultimo chronologicamente fallando) que a deixara no hotel, e se fôra a Hespanha na piugada de uma bailarina de castanhetas.

V

Vãs esperanças alimentara João Moreira! O contentamento da vida intima não podia dar-lh'o a sobrinha. Se ella, quantas horas lhe dispensava o senhor eram todas escuras, e mortificadas!

— Eras mais feliz na serra a guardar as cabras de teu amo... — lhe dizia o tio consternado.

— Esperava morrer, ignorando tudo; era mais feliz... — respondia Balbina.

— Se tu repelles a felicidade! — replicava o velho — Porque te deixas vencer da tua extraordinaria tristeza?

— Que hei de eu fazer, se Deus quer que eu soffra assim em castigo da minha culpa!...

— Ora, filha, se todas as culpadas soffressem co-

mo tu, este mundo era um carcere de condemnadas e um mar de lagrimas! Queres tu viver, Balbina, e encontrar satisfação? Procura-a na estrada do esquecimento. Vem comigo aos theatros e aos bailes; recobra a tua saude, que sem ella não ha contentamento; e se o coração te pender a algum rapaz, diz-m'o sem rebuço, que eu te...

— Por compaixão, calle-se, meu tio! — exclamou Balbina — Eu nem por sonhos cuidei ainda em tal desatino!

— Chamas tu desatino...

— Pois não sabe a minha vida, meu bom tio?

— Ora!... a tua vida que tem!? Não sabes nada do mundo, nem queres saber, moça!... Queres tu ir casar ao Rio de Janeiro? Ninguem lá sabe que tu vives.

— E meu tio sem ter pena de mim!... — balbuciou ella.

— Tenho pena, tenho, menina; mas queria que tu a tivesses de mim tambem. Pois não te dóe o coração de vêr um velho a pedir-te as alegrias da tua idade para enganar as tristezas da minha; e tu, em vez de me suavisares a solidão da alma, mais m'a amarguras com esse teu continuado chorar... de modo que hei de eu ainda vêr-te morrer, como vi, um a um, em menos de anno, irem-se-me á sepultura os meus tres filhos... Que triste acabamento este, no meio de tanto oiro, que tanto me custou!... Pois fiz eu mal a Deus em trabalhar sem treguas,

ganhando isto tudo, onde não ha lagrimas de orphão nem de viuva, nem de escravo flagellado pela minha ambição!...

Balbina correu a abraçar o tio, e clamou:

— Aqui estou, meu querido tio. Disponha de mim; eu farei tudo que possa dar-lhe satisfação.

O velho acariciou-a com tristeza, e disse soluçando:

— Que has de tu fazer, se não podes fazer nada!... O coração não te deixa... Infeliz! tu amas ainda aquelle teu algoz, que a Providencia divina precipitou na miseria e no desprezo do mundo! Deus a vingar-te, e tu a reprovar a obra divina! Pois é isto acreditavel?... Soluças, e confirmas a minha desconfiança!... Tem pena de ti propria, moça, que esse teu amor é vergonhoso, e só, por grande castigo, Deus te impeçonhou a vida com elle!...

E Balbina, ouvindo estas e outras expressões cuja severidade ia além dos termos da justiça, arquejava em grande anciamento, e, em verdade, se envergonhava de sua fraqueza, se não antes indignidade.

Condoeu-se d'ella o velho, e afastou-se, protestando entre si nunca mais levar o cauterio á chaga insanavel d'aquelle fatal amor.

Ha escriptores acerbos, e praguentos importunos que nada escrevem, os quaes não perdem vez de malsinar as santas do amor, as pobresinhas, em que Deus anda repartido n'estes lamaças do mundo.

Quando o livro pejado de calumnias cahe de-

baixo dos olhos da mulher amante e atormentada, com que fallecer de alma erguerá ella aos labios o calix que a sociedade, pela imaginativa do escriptor, lhe offerece!... Que admira se ella arranca e lança de si a sua corôa de espinhos, e diz: «Se te injuriam, martyr, melhor é que te insultem, devassa!» E, depois, pôde ser que os insultadores do rosto, coberto de lagrimas, se vão ajoelhar ás faces carminadas da droga e da orgia! Pôde ser que ainda a penna de ferro que rasgava no coração da penitente se amollente e desentranhe em blandicias epicas á Lais despejada, que vai por essas praças fóra sacudindo lama da carruagem, lama dos olhos, lama do coração aos Petronios, que hontem se davam uns longes de censores severos em arremedo de Tacito. E elles, enlameados, virão fazer-nos praça da sujidade que os distingue! Oh! que grandes misera-veis creou Deus em plena luz, á proporção das grandes virtudes, que gemem e agonisam obscuramente!

Recolhamo-n'os ao assumpto, que isto não é globo onde se prégue com ares de quem já préguou na lua.

Correram dois annos, depois do juramento que João Moreira fizera de nunca jámais entender com Balbina em questão de amor.

Ella, por sua parte, á custa de muito dissimular, revestiu-se de um ar de graça, que por ser em muito artificial, disparava em geito por demasia infantil.

O velho conhecia o esforço; mas assim mesmo o acceitava.

Se ella não fallava em theatros e passeios, ao menos, de portas a dentro, em quanto o tio estivesse em casa, era sempre a seu lado, ora affagando-o, ora incitando-o a fallar de sua vida passada, de sua esposa e filhos, ou das suas creancices em Esposende.

No termo, pois, dos dois annos melhormente vividos, João Moreira, já de muito infermisso antevia avisinhar-se a morte, e fitou-a bem no rosto, como quem facilmente se despega dos pesados grilhões de ouro. Cuidou, desde logo, em dispôr de seus haveres, que abastavam a muitos designios caritativos. Um terço d'elles legava a sua sobrinha, e outro á parentella pobre de Esposende, que o não julgava vivo, e o restante a estabelecimentos de caridade no imperio do Brazil, d'onde era sua mulher, e de cujos sogros, naturaes da Bahia, lhe adviera o maximo de seus cabedaes.

Chamou elle a sobrinha ao leito para lhe dizer como dispozera dos seus bens.

— Acceito de joelhos a parte que me toca — disse ella — se meu tio me consentir que eu tome para mim o necessario, e reparta o excedente pelos desgraçados.

— Sim, permitto — disse o velho. — E que destino segues, depois da minha morte, Balbina?

— Entrarei n'um convento, se essa fôr a vontade de meu tio.

— Faz a tua vontade, filha; nem eu te posso, ainda que pense, indicar melhor caminho. Vai, vai, Balbina; e a minha alma será melhor servida das tuas orações.

Morreu João Moreira.

Varios sujeitos do Porto, estimaveis a todos os respeitos, quando souberam, com o seu olphato de córvos inoffensivos, que o brasileiro era cadaver, e deixara uma sobrinha muito rica, rodearam os testamenteiros, uns allegando que eram gentis-homens, outros mostrando que eram homens gentis, outros recenseando a «fortuna» que esperavam reunir depois da morte de quatro tias e sete tios decrepitos. Os testamenteiros respondiam que escassamente conheciam a sobrinha do defunto, e sabiam que ella ia recolher-se no mosteiro de Villa do Conde, Viana, ou Vairão. Estes galãs sahiam atonitos da seraphica brutalidade da herdeira. E attribuiam a mania á influencia dos fautores do *Immaculado Coração de Maria*, por não terem ainda os *Lazzaristas* á sua disposição.

Encerrou-se Balbina Rosa n'um d'aquelles conventos, oito dias depois do enterro de seu tio, e d'ali fez suas disposições. Daremos relação de uma que tem directamente com a nossa historia. E vem a ser que mandou ella chamar o feitor do casal de Pinhatel, com o qual conversou breve espaço, entregando-lhe um papel, que parecia ser traslado de escriptura.

Em seguimento d'isto. José Torto voltou a Pinhatel, e apresentou-se a Gastão de Mendonça, dizendo:

— Como falleceu meu amo, e eu não sei se o dono d'estes bens me quererá para feitor, venho despedir-me do senhor Gastão.

— Mais essa desgraça! — disse o commensal do feitor. — Em quanto vossemecê aqui estivesse, bem me iria; mas Deus sabe se o feitor que vier me deixará aqui estar!... Póde ser que a herdeira o não mande embora, senhor José.

— Não é já herdeira.

— Não? pois não foi herdeira a sobrinha?

— A sobrinha já passou o casal.

— Já?! a quem?

— Ao senhor morgado de Pinhatel.

— A quem?!

— A vossa senhoria.

— Vossemecê está a cassoar comigo!? — redarguiu Gastão com o triste sorriso de quem se doe de ser mettido a riso.

José Torto abriu a carteira, e deu o papel ao novo amo.

Gastão leu as palavras usuaes de uma escriptura de doação, quanto lh'o permittia a tremura do papel nas mãos convulsivas.

Quando chegou ao nome da doadora, exclamou:

— Quê?! *Balbina Rosa?*...

— Sim, senhor — disse o feitor — *Balbina Rosa,*

a filha da Seraphina da tenda, de Esposende, irmã do meu patrão, que Deus haja.

O traslado da escriptura cahiu-lhe das mãos, e as lagrimas rebentavam a quatro. Curvou-se elle para levantar o papel; mas, quer as forças lhe faltassem, quer um calefrio de religiosidade o assalteasse, Gastão pousou sobre os joelhos, e, inclinando ao chão o rosto, beijou o papel, que as mãos pareciam não poder segurar. Depois, recresceu o pallor de suas faces descarnadas, não de fome, mas de agonia lenta, e, levantando as mãos ao ceu, exclamou:

— Perdoai-me, Senhor, para que ella me perdôe!

Gastão de Mendonça vive ainda na sua casa de Pinhatel. Conserva as barbas intonsas que lhe cobrem o peito, como a alva mortalha das alegrias lá dentro mortas. Consta que elle fôra, quatro vezes em cada anno, á portaria do mosteiro de *** perguntar pela saude da secular Balbina Rosa Moreira.

Não a viu nunca.

Em 1855 foi Gastão no começo do anno, consoante costumava, perguntar por Balbina, e disseram-lhe que estava com Deus.

Desde então, apenas se vê o morgado de Pinhatel, ouvindo de joelhos, em cada dia, uma missa por alma da filha de Seraphina.

Em quanto a D. Perpetua, é voz publica que se envenenara e morrêra, quando o espelho lhe disse: «mata-te, que estás velha.»

Lisboa, julho de 1863.

DOIS MURROS UTEIS

DOIS MURROS UTEIS

(CONTO MORAL)

AS PESSOAS QUE FALLAM, SÃO:

Bonifacio José Andraens	Venceslau de Mendanha
D. Luiza Andraens	Joaquim Gonçalves Parada

QUADRO I

No Porto — 1849

SALA — D. LUIZA E VENCESLAU

D. Luiza

Somos incombinaveis. Vossa senhoria está fóra d'este mundo. Concebe coisas extravagantes, umas angelicas, outras diabolicas. Quando se grimpa ás nuvens, á procura do impossivel, deixa um pé na terra, a esmagar corações. É duro subir por tal escaleira!... A gloria da poesia tem exigencias medonhas!

Venceslau

Gloria, não, corôa de espinhos e irrisão, minha senhora.

D. Luiza

Supportavel corôa, que se faz amar, adorar e invejar!

Venceslau

Ninguem vê em que sangue tem a raiz as flo-

res!... O riso, este agitar estúpido dos beiços, é uma mascara.

D. Luiza

E as lagrimas?

Venceslau

São o licor de umas glandulas chamadas lacrimaes. A dôr, que se chora, gasta-se. Nenhuma paixão resiste, quando começa chorando. É uma regalia o desabafar em prantos. As creanças facilmente choram, e logo riem. Mas ha creaturas illacrimaveis. A dôr n'ellas é fogo, e não agua. Queima-lhes o coração e o cerebro.

D. Luiza

E é assim o senhor Mendanha?!... Custa a crêr! Na manhã da vida, com tão esplendida aurora, futuros a rasgarem-se tão lindos!... Desça á terra... viva!... Não o interessa nada d'este mundo?

Venceslau

Já não estremo a rosa do cardo. Pygmeus e gigantes, diante de mim, estão na mesma profundidade do atoleiro...

D. Luiza

E o amor?

Venceslau

Perdeu-me!

D. Luiza

Trahiram-o?

Venceslau

Não me comprehenderam.

D. Luiza

Encontrou sempre mulheres boças?

Venceslau

Nunca! A minha desgraça foi isso...

D. Luiza

Antes as queria estupidas?!... Que esquisito!...

Venceslau

Que infeliz, minha senhora!... Eu amei em silencio...

D. Luiza

E queixa-se! Até querem que as pobres mulheres intendam o silencio!...

Venceslau

E pôde sorrir, D. Luiza?!... Não sabe que eu amei até enlouquecer! Sete mezes vivi sem consciencia da vida... E, ao sahir d'este lethargo, vi minha familia consternada... E, quando, pela primeira vez, desci á rua, encontrei com seu marido a mulher, que me endoidecera... Eis-me aqui sem alma. Vi hontem morrer um operario, rodeado de filhas sem mãe. Choravam sete vozes innocentes: não me compadeceram! Hoje, dei esmola a um homem, cahido de uma alta posição; ouvi-lhe glacialmente a historia das vergonhas que tragara até á derradeira da mendiguez; pois declaro a vossa excellencia que ouviria com a mesma insensibilidade a historia da brilhante subida d'onde o despenharam.

D. Luiza

Essa apathia é temporaria. A alma tem suas bor-

rascas, invernos e gelos. Vossa senhoria ha de amar ainda muito, muito. São muitas as primaveras do coração. Espere, que mesmo contra sua vontade, tem de amar...

Venceslau (sinistro)

A corda da estrangulação...

D. Luiza

Que pavor de linguagem!...

Venceslau

As pessoas que amam, e são amadas, apavoram-se da minha linguagem!... Cuidam que a dôr é um absurdo, e o inferno um devaneio ardente da poesia.

D. Luiza

Eu nunca fui amada, senhor Mendanha. A allusão, infelizmente, não me toca.

Venceslau

Pois seu marido...

D. Luiza

Meu marido acha-me uma interessante escrava. A minha satisfação é uma violencia. O orgulho é que me faz rir. Ólho para estas sedas como a odalisca para as suas çabaias estrelladas de oiro. Sei que o amor é grande, o amor do coração humano; mas, sem o romance e a poesia, nunca poderia calcular-lhe a sublimidade. A julgar por mim, e pelas minhas sensações, o amor seria o rotulo impostor do mais grosseiro materialismo. Estou aqui por obediencia, e talvez por ambição. Enganaram-me, e,

para me enganarem, brutificaram-me primeiro com a promessa de faustos e delicias brutas. Aceitei o jugo, e resignei-me. O amor maternal é a compensação. Outra corda não sôa em minha alma, nem outra luzinha se abre na minha escuridade. Eu sorrio-lhe, e minha filha acaricia-me. Mas... assim mesmo... que vasio na minha vida... que dura precisão de o encher de lagrimas !...

Venceslau

Não me sensibilisa, minha senhora. É essa uma invejavel vida vegetal ! Se é !... Deixe-se viver assim, D. Luiza. Não queira saber o que é esse fructo de Pentapolis, chamado amor : dentro é cinzas, e fóra um encanto de olhos.

QUADRO II

OS DITOS E BONIFACIO JOSÉ ANDRAENS

D. Luiza (em sobresalto)

Meu marido !... (*Serenissimamente.*) Ainda bem que elle veio !... Eu ia descahindo n'uma semsaboria !

Andraens

Criado do senhor Mendanha !... Que sabe o senhor do ministerio ?

Venceslau

Nada.

Andraens

Que faz o senhor ao seu tempo ? ! Vossa senho-

ria é que podia lêr os jornaes de fio a pavo, que não tem que fazer.

Venceslau

Que me importa a mim governos e jornaes?

Andraens

E a baixa das notas tambem lhe não importa?

Venceslau

Não, senhor; eu ando a vender o meu patrimonio, e recebo o preço em moeda sonante.

Andraens

Isso é não ter amor da patria.

Venceslau

Ha de ser isso, senhor Andraens... Amei a minha aldêa; mas, á medida que fui vendendo os bens que lá tive, e vendo os que me restam, senti e sinto que o amor da aldêa é o amor aos bens.

Andraens

Faz mal em vender.

Venceslau

Isso tambem é verdade; faria melhor em comprar.

Andraens

Gaste menos, e empregue-se. Lembre-se da velhice.

Venceslau

Na velhice me lembrarei da mocidade; lembrar o futuro é desvario. Eu sei o tempo que hei de viver.

Andraens

Ora essa!...

Venceslau

«A vida é um contracto cuja condição é a morte;» disse o christianissimo Chateaubriand.

D. Luiza

A idéa do suicidio!...

Venceslau

Theorias que não assustam nem matam.

(D. Luiza ergue-se triste, e sahe.)

Andraens

O conde de Thomar arranjará o emprestimo?

Venceslau

Arranjará.

Andraens

E se não arranjar?

Venceslau

Não arranja.

Andraens

E cahe... podéra não!

Venceslau

É bem de vêr.

Andraens

Que me diz aos roubos das alfandegas?

Venceslau

São roubos das alfandegas.

Andraens

Isto é um paiz que está a acabar!

Venceslau

Parece-me que sim.

Andraens

E o meu dinheiro ?

(D. Luiza, e o escudeiro com o chá.)

D. Luiza

O eterno thema da politica!... Sempre a politica!... Apre!

Andraens

Vamos agora fallar em vestidos, menina!... As mulheres são tolas!...

(D. Luiza córou.)

Venceslau

A reflexão de sua senhora foi innocente.

Andraens

Cada coisa em seu logar. Não te mettás onde não és chamado, diz o rifão.

(Treme a chavena na mão de Luiza. O senhor Andraens come fatias, e diz ao escudeiro que lhe tire as botas.)

D. Luiza (erguendo-se, mais furiosa que o necessario.)

Senhor Mendanha! Este indecente espectáculo é necessario ao bem estar de meu marido!

(Sahe.— Andraens cuida que a esposa denomina «spectaculo indecente» a extracção dos botins.)

Andraens

Ella que rosnou?

Venceslau

Nada offensivo.

Andraens

Tem demonio ella!.... A litteratura derranca-m'a! Faça-me o favor de lhe não trazer mais no-

vellas, amigo e senhor Mendanha... O senhor sabe o que são mulheres...

Venceslau

E tambem sei o que são homens. Ha mulheres santas, e homens santos.

Andraens

Eu sou um, aqui onde me vê!

Venceslau

O senhor é injusto, e desculpe-me, se o não acho santo.

Andraens

Então o senhor acha bonito que minha mulher se intrometta com dichotes em questões serias?

Venceslau

Um bom marido não obriga sua mulher a córar diante de estranhos. Consinta-me a sua bondade esta reflexão.

(Andraens conta notas, que tira de uma carteira. Faz arithmetica a lapis, e resmunga. Mendanha tosqueneja, rica o bigodé, levanta-se e despede-se. Andraens manda trancar as portas, e vai á cosinha saber se compraram pescada para a cêa. D. Luiza está a chorar às escuras.)

QUADRO III

QUARTO DE VENCESLAU MENDANHA N'UM HOTEL—MENDANHA BEBE COGNAC, E ESCRIVE: «Pagina de um livro»

«Sou um mysterio!

«As lagrimas d'aquella mulher são a voz de Jesus Nazareno ao Lazaro!

«Via-a chorar!... Oh!... avesinha sem franças

de arvore!... Vôa, vôa, por esses ceus além, e poisa em minha alma, que te segue!

«Ó Luiza, Luiza, como eu te amo!

«És a pomba da minha arca! Já vejo terra! Já as aguas tempestuosas se abaixam!

«Eu não tinha amado nunca, nunca!...

«Cuidei que o escuro do meu abysmo era a cór do mundo!... Não! o mundo é bello! A alma baha-se em ondas de luz!

«*Et cætera.*»

(Entra Joaquim Gonçalves Parada.)

Parada

Aqui estou. Bebamos! e *confidenciemo-nos*. Vens de casa do Andraens?

Venceslau

Venho.

Parada

Sempre de granito...

Venceslau

Quem, elle?

Parada

Tu; tu de granito sempre aos olhos dissolventes d'ella!...

Venceslau

Não me falles n'ella.

Parada

Amarás tu Luiza?

Venceslau

Não sei.

Parada

Que ella o não soubesse, acontece isso com muitas ; mas tu !... é original a ignorancia !

Venceslau

Penso muito n'ella.

Parada

Então amas.

Venceslau

E não volto lá. Temo-a !

Parada

Eu a temer alguém era o marido, que tem um pulso de elephante !

QUADRO IV

BONIFACIO JOSÉ ANDRAENS E D. LUIZA

Andraens

Menina ! é preciso economias. O estado ameaça banca-rotta. Leia o *Estandarte*, e verá. Os meus capitães estão compromettidos seriamente. Trago duzentos contos nas mãos do governo.

D. Luiza

Então que queres ?

Andraens

Falla-me com bom modo, menina ! Quero economias. Comer e beber bem ; vestir o necessario ; theatro uma vez cada mez ; bailes acabaram-se ; caruagem acabou-se : é o que eu quero.

D. Luiza

Pois cumpra-se.

Andraens

Tu estás a chorar ?

D. Luiza

Deixe-me chorar, senhor !

Andraens

É p'rámor do trem e do camarote.

D. Luiza

Deixe-me !

Andraens

Pois fica-te. Não podes com a felicidade, mulher!... Ora anda lá, que o caldo intorna-se!... Os romances, as litteraturas...

D. Luiza

Falle baixo... que nos ouvem os criados.

Andraens

Em minha casa berro á minha vontade.

D. Luiza

Menos expondo-me á irrisão dos seus criados, ouviu? Distinga entre as nossas educações, senhor Bonifacio !

Andraens

Caspite!... Temos a princeza Mangalona!...

D. Luiza

Escarneça, mas ouça! Se o senhor descobrir ao mundo as nossas desavenças, eu ponho um pé sobre os preconceitos, e não me importarei que me vejam uma nodoa na frente.

Andraens

Não entendi.

D. Luiza

Bem sei...

Andraens

Duas palavras ao ouvido, menina. Chega cá a orelha... *Eu não sou para graças*. Olha que os criados agora não ouviram...

QUADRO V

BONIFACIO JOSÉ ANDRAENS, D. LUIZA, VENCESLAU,
E JOAQUIM GONÇALVES PARADA

Venceslau

Apresento o senhor Parada.

Andraens

Muito gôsto em conhecer.

D. Luiza

Os amigos de vossa senhoria, senhor Mendanha, são todos dignos da nossa estima.

Parada

Minha senhora, folgo immenso de...

Andraens

Viram o artigo do *Estandarte*?

Venceslau

Sobre?

Andraens

Não viu; e o senhor Parada?

Parada

Só leio a *Nação*.

Andraens

E' realista o senhor?

Parada

Ufano-me.

Andraens

Sebastianista, no caso! Ainda os ha!...

(D. Luiza envergonha-se do marido.)

Parada (á parte)

Com effeito!... n'esta casa usa-se uma franqueza patriarchal!

Andraens

Com que então realista! E' boa asneira!

D. Luiza

Bonifacio!

Andraens

Estarás tu realista, menina?

Parada

Deve sê-lo. As senhoras, como rainhas absolutas, devem sympathisar com a realeza.

D. Luiza

Não sei retribuir o primor da lisonja.

Parada

Quem diz a verdade, dá-se por bem pago de a ter dito.

Andraens

O conde de Thomar cahe!

Venceslau

E' possível. Deixal-o cahir.

D. Luiza

Divertiu-se muito no seu passeio á provincia, senhor Mendanha?

(Andraens faz má cara.)

Venceslau

Enojei-me muito, minha senhora. A poesia das montanhas é como as flores de lá: dura momentos. As estalagens são covis de insectos desde a carocha até á lagarta. As pastoras andam muito sujas; e as estradas são lamaças.

D. Luiza

E o senhor Parada é tambem refractario á poesia campestre?

Parada

Eu não faço versos, minha senhora. Quando vou ás aldêas é dormir. Dormir é realizar as innocentes delicias da Arcadia. Viver estranho ao mundo, é realizar o verso do rato de Lafontaine:

«Les choses d'ici-bas ne me regardent plus.»

D. Luiza

E é feliz?

Parada

Como os ratos, em quanto os gatos os deixam. Creio que sou feliz.

D. Luiza

L'homme le plus heureux est celui qui croit l'être,
diz Fenelon.

Andraens

Fallem linguagem christã.

Parada

Creio em vossa excellencia ainda mais que em Fenelon. Eu, quando não durmo, estou a rir-me.

D. Luiza

Ri-se agora, ou dorme?

Parada (embaraçado)

Agora... não me conheço!

D. Luiza (a Mendanha)

O seu amigo é temível!

Venceslau

Les esprits dont on nous fait peur
Sont les meilleures gens du monde.

Andraens (boquejando)

Que me dizem das pautas de Hespanha?

Parada

Que são pautas de Hespanha?

Andraens

Que pergunta! Os senhores onde vivem?

D. Luiza

Podem viver, sem saber o que são pautas de Hespanha.

Andraens

Então que deve saber um homem?

D. Luiza

Primeiro que tudo um compendio de civilidade.

Parada (á parte)

Toma!

Andraens

Está cada vez mais atolambada esta minha litterata! Tu não te callarás, mulher!... Não tens emenda!...

(Estupezacção geral.)

Andraens

Jogam a sueca?

Parada

Eu mal; mas com um parceiro tolerante...

(Abancam, e jogam. Mendanha está emparceirado com D. Luiza. Andraens desconfia que elles se fazem signaes cavilosos com referencia ao jogo, e protesta. Á meia noite, sahem os hospedes.)

DOIS MONOLOGOS

Mendanha, no passeio das Virtudes, á uma hora da manhã

Ó Luiza! bem te vejo pallida e lacrimosa n'aquella estrella!... As lágrimas de teus olhos são doces como a lympha da fonte de Siloé!

Parada, á mesma hora, no passeio das Fontainhas

Abre-te meu coração! Luiza é o balsamo das tuas feridas!... Ai! tu dirás, ó lua, se mais fino amante, se Petrarcha ou Dante alguma noite te contaram mais maviosos segredos!... Como eu te amo, Luiza!

COISA QUE NÃO É QUADRO; MAS PÓDE SER PAINEL.

Carta de D. Luiza Andraens a Vasconcellos Mendanha

«Não pedi ao ceu coragem para escrever-lhe. É abusar da Providencia, é injurial-a pedir-lhe auxilio em lances d'estes. A religião não consolou He-loisa. É a desgraça que me dá valor. É a desgraça, que me absolve. De algum bem me havia de servir ella!

«Tenho febre. Vejo-me indigna, abomino-me, e todavia préso agora mais que nunca a minha vida. Ai! eu comprehendo-me!... Sonhei o amor!

«Que venho eu pedir-lhe, Venceslau? A compaixão do amigo. Nem isso já póde dar-me?... É uma lagrima, que eu venho pedir-lhe. Não me escarneça.

«Oh! com que perdição o amo! Digo-lh'o por estes labios impuros; digo-lh'o com o coração virgem; digo-lh'o com a santa candura dos quinze annos! Peço-lhe vida, peço-lhe amor que me faça esquecer esta vergonha.»

**Carta de Joaquim Gonçalves Parada
a D. Luiza Andraens**

«Era hontem por noite alta.

«A lua baloiçava-se em coxins de azul;

«E o Douro soluçava no seu cinto de fragas;

«E a natureza, filha do Senhor, ouvia em silencioso pasmo o echo sonoro do eterno *fiat!*

«E eu, alma irrequieta como uma das luzentes sombras, que regiram nos limbos do Dante, buscava-te, ó Beatriz, ó visão purissima, ó mago San-Telmo de perdido naufrago!

«Luiza! Luiza! sobre qual abysmo me impende a tua mão! Rainha de immortal esplendor, huri, ave do paraiso, lampada do santuario das regiões divinas! como eu te dobro este joelho nunca dobrado ás filhas dos homens!

«Tu és a myrrha e o cardámomo das aras do Senhor!

«És a abelha das colmeias do ceu!

«És o soído da harpa éolia!

«És o aroma das flores mysticas!

«És a veneziana em sua gondola!

«És a visão de Mahomet, quando inventou o ceu!

«E eu amo-te... Oh! como eu te amo, Luiza!...

Se queres saber o meu nome, pergunta-o ao suspirar da noite, á claridade suavissima da lua, áquella estrella que além me está dizendo de ti os ineffaveis mysterios da tua dôr!»

E nada mais continha.

QUADRO VI

D. LUIZA E VENCESLAU

D. Luiza (tremula)

Bem haja! A sua carta, Venceslau, deu-me animo para o receber sem pejo! Como as nossas almas se encontraram!

Venceslau

A minha carta?! Qual...

D. Luiza

Sim... a carta que recebi hontem.

Venceslau

Eu é que recebi hontem uma carta de Luiza.

D. Luiza

E, ao mesmo tempo, escrevia-me outra...

Venceslau

Eu!... Nego!...

D. Luiza

Ella aqui está. Nega?!

Venceslau

Esta lettra... esta lettra... oh ceus!

D. Luiza

Que é?!

Venceslau

E' do *meu amigo* Parada!

(Desfranze sorriso feroz, e senta-se a suar.)

D. Luiza

Pois Parada ousou!... E eu doida de contentamento! doida de esperanças!... Por que não havia de ser sua esta carta, ó Venceslau?!

Venceslau

Deixe-me vê-la. (*Lê.*) Tem muita tolice! Quem é que chama *ave e lampada e cardamómo* a uma senhora!... Este homem é infame e lorpa! Eu a vingarei, e me vingarei, porque eu amo-a, Luiza!

D. Luiza (exagitada de jubilo)

Que ouvi!...

Venceslau

Passos de seu marido... Cumpre fugir!

D. Luiza

Por onde?... A esta hora não o esperava..... Por onde ha de fugir!

Venceslau

Esta janella...

D. Luiza

Dá sobre o quintal... é grande risco... Estamos perdidos!...

Venceslau

Morrerei, querendo salva-la!

NOTA. O heroísmo do salto era medo. Venceslau contundiou um joelho, e perdeu a aba esquerda do frack. Foi feliz.

QUADRO VII

D. LUIZA, DESMAIADA, BONIFACIO ANDRAENS MAIS VERMELHO
DO QUE O COSTUME

Andraens

Aqui ha marosca! Ó menina! (*Sacudindo-a.*)
Temos flato! Upa! Toma lá agua.

D. Luiza (volvendo a si)

Não quero agua. Estou morta!...

Andraens

Parece-me que não, menina. Anda comer, que
isso é fraqueza.

D. Luiza

Morta!...

Andraens

Toma uma pitada, a vêr se espirras, menina.
Querês que te esfregue as fontes?

D. Luiza

Não!... deixa-me!...

Andraens

Vou buscar umas folhas de arruda ao quintal.

D. Luiza

Não, não... (*Segurando-o pelo casaco.*) Detesto
a arruda! Não me mates!... Vamos jantar... isto é
debilidade, meu amigo... Não é nada.

(Vão para a mesa. D. Luiza está amavel. Pergunta o que diz o *Estandarte* e discorre a respeito das pautas de Hespanha, e da quebra das notas.)

Andraens (recolhe-se ao seu escriptorio,
e faz o seguinte soliloquio)

Aqui ha marosca! A mim não me embaças tu, Luizinha!... Eu te pilharei com a bocca na botija!... É um dos dois... Se não forem ambos... Tinha graça!... Eu que, por dá cá aquella palha, deslombei homens, se me deixava mangar por estes safios!...

QUADRO VIII

É noite

PARADA E VENCESLAU ENCONTRAM-SE Á PORTA
DE BONIFACIO JOSÉ ANDRAENS

Venceslau

Procurei-o hoje, tres vezes, senhor!

Parada

Que modos são esses?!

Venceslau

O senhor é um biltre!

Parada

Isso é graça? Entendamo-nos, Venceslau!

Venceslau

Estamos entendidos! O senhor praticou a vilania de escrever a Luiza uma carta cheia de asneiras...

Parada

Defendo o meu estylo, senhor Mendanha. O meu estylo primeiro que tudo, depois a honra! Se viu a carta...

Vi!

Venceslau

Parada

Pois se viu, retire a expressão *asneiras*.

Venceslau

Não retiro senhor Parada!... é ridícula a sua carta... Estylo como aquelle...

Parada

E' biblico: o estylo da minha carta é biblico. Aprenda, ignaro!

Venceslau

Seja o que fôr! Reclamo uma satisfação. O senhor sabe que eu amo Luiza.

Parada

E' verdade, desconfieei que sim; mas a paixão é cega. Eu tambem a amo.

Venceslau

Fui eu quem o apresentei.

Parada

E quem o apresentou ao senhor? Foi o marido. Envergonhe-se um de nós.

Venceslau

Não me moralise, seu bandido da honra!

Parada

Não me bata no hombro, quando não...

Venceslau

O quê?

Parada

Passo a vias de facto.

Venceslau

E quer dar aqui escandalo?... Amanhã lhe envio as minhas testemunhas. Duello de morte!

Parada

Nem eu me bato de outra maneira.

Venceslau

Agora, retire-se!

Parada

Não quero! retire-se o senhor.

Venceslau

Eu vou passar a noite a casa do meu amigo Andraens.

Parada

Pois eu tambem vou passar a noite a casa do meu amigo Andraens.

(Abre-se a porta, sem toque de campainha.)

QUADRO ULTIMO

(**Bonifacio Andraens** sahe á rua de chinellos amarellos, e barrete de pelle de lontra, e diz: «Venho á rua receber os meus amigos...» E, sem mais delongas, estampa na fronte de cada um dos amigos dois murros simultaneos, murros capazes de matarem baléas. Os franzinos moços vêem as estrellas, e estendem-se o mais horisontalmente que podem. **Bonifacio** entra em casa, e pergunta se está na mesa a pescada.)

MORALIDADE

Os dois murros foram uteis; e muita gente dirá que um terceiro não seria de todo em todo inutil. Era. A senhora D. Luiza desde aquella noite, lê menos, e — o que mais assombra! — engorda mais.

Este conto parece inventado? Não lhes direi que vão perguntal-o aos dois galans, que são hoje maridos, e homens de bem ás direitas; nem á dama, que seria indelicadeza; mas fallem no caso ao senhor Bonifacio que elle mostra-lhes uma alavanca em cada pulso, e diz: «Foram *dois murros uteis* a elles, a mim, a minha mulher, á sociedade, e aos costumes nacionaes.»

A FORMOSA DAS VIOLETAS

A FORMOSA DAS VIOLETAS

I

Julio Janin, no folhetim do *Jornal dos Debates*, de 30 de março do corrente anno, escreveu o seguinte:

«No anno da graça de 1836, o mez de abril correu apazível e delicioso; e no mez de maio resoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso abril e nascer o maio, (apenas são volvidos vinte e sete annos e tres revoluções!) as multidões afanadas e curiosas premiam-se contra o vestibulo do theatro da *Porte-Saint-Martin*. O já popular e glorificado author de «Henrique III», de «Antony», de «Ricardo de Arlington», da «Torre de Nesle» e de «Angelo» tinha, n'aquella noite, em

scena um *Mysterio*, em que figuravam anjos e demônios. Muitos mancebos d'aquelle tempo, agrupados no portico do *theatro*, cediam o passo ás turbas asafamadas, recreavam-se de vê-las assim entusiastas, e notavam a meia voz os homens conhecidos, os homens celebres, uns que começavam, outros que iam no termo da sua carreira. Senão quando, todos os olhares confluíram sobre um magnifico trem, uma berlinda de Erhler, arreiada á Brune, e tirada por dois enormes urcos inglezes, sahidos das cavallariças de madame la Dauphine. Um corpulento cocheiro, e um espadaúdo hungaro de sete palmos de altura, afóra o penacho, todo broslado de galões doirados, completavam a equipagem que parou rapida á porta do *theatro*. E abrindo logo o *keiduque* a portinhola, e baixando com estrondo os degraus da carroagem, viu-se apear um elegante moço. Não tinha ainda trinta annos; trajava com apontado esmero; de gravata branca e luvas amafellas; estatura corpulenta e bellamente conformada, cabelleira annellada, bocca um tanto grande, mas graciosa, olhar ardente, e airosa compostura de semblante. No braço do mancebo apoiou-se a leve mão de uma dama, juvenil como elle, anciosa de volitar por sobre o espaço interposto. Que formosa ella vinha com o seu vestir de primavera! violetas na mão, violetas por adorno do chapéo de palha, ondulante faixa a tiracolo, calçada á perfeição de botinhas *mordorées*, viçosa e linda a mais não ser! A impaciencia tirava

por ella, e elle caminhava pausado, com aquelle ar de homem que escuta em si a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais peregrinas côres de pedraria das condecorações e dos ornatos. Era barão em França, marquez em Hespanha, e membro do club dos fidalgos em Florença. Dizia-se—e era verdade—que o mais some-nos utensilio dos seus aposentos era de oiro, o seu lavatorio de oiro armoreado, doirada a sua camara. E comtudo, crêde-me, se vós apraz, a sensação que elle causou foi a da admiração sympathica, a da inveja, não. N'esta França apontada e embevecida nas aparições de cada dia, taes como—de manhã, «As orientaes»; depois, «A carnagem de Missolonghi» de Eugenio de Lacroix; ao meio dia, os discursos de Thiers; á noite, a opera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset... entre nós aquelle mancebo tinha de pouco revelado Hoffmann e os seus contos. Escrevia elle depressa, pouco, e bem. Sabia inglez como um diplomata, e allemão como um philosopho. Pertencia, n'aquelle tempo, á nascente redacção do *Jornal dos Debates*, e chamava-se LOCRE-VEIMARS.»

Até aqui Julio Janin.

II

Nos arrabaldes de Londres, em uma quinta de delicias, quantas póde imitar da natureza o artificio britannico, vivia, n'aquella época, um portuguez, que a intolerancia politica expatriara em 1832.

A fortuna dava-lhe formosas mulheres para o coração, e desvellados amigos para o espirito, e tambem para a mesa. O nosso patricio, encarreirado prosperamente no commercio, entendeu que ao emigrado pobre devia elle desvelos de irmão; e assim, quantos portuguezes se soccorriam do seu valimento encontravam franco e inexhaurivel aquelle coração de oiro, e o oiro das gavetas, cujo quilate é superiormente apreciado. Os convivas habituaes da sua mesa eram um jurisconsulto inglez dos mais afama-

dos de Londres, e um portuguez de excellentes qualidades, hoje nosso ministro na côrte de Madrid.

Um dia, porém, os commensaes sahiram do aprazível abrigo do emigrado, porque eram de mais n'umas alegrias, cuja doce poesia está no resguardo e solidão de dois.

O portuguez fôra o preferido d'aquella formosa das violetas que Julio Janin recorda no seu folhetim. Mademoiselle Locre-Veimars, a irmã do barão folhetinista, do marquez em Hespanha, do fidalgo florentino, casara com o nosso patricio, que era então um moço alegre como a felicidade, descuidado do futuro como creança, que brinca entre flores, todo expansibilidade em olhos e palavras do muito bem-querer que lhe exuberava do coração.

Coração e nome são ainda os mesmos n'aquelle homem vinte e sete annos depois. Todavia, quem ha de hoje reconhecer o festejado e amado noivo da irmã de Locre-Veimars n'aquelles cabellos brancos e fronte avincada do jornalista portuense? Aqui vol-o apresento agora: estendei a mão áquella mão liberal que beijaram muitos infelizes. Abraçai José Joaquim Gonçalves Basto, que sentireis bater o melhor e mais infeliz dos corações!

III

Infeliz! Com tão prospera monção ao entrar no bonançoso mar da vida?! Amado por aquella peregrina dama, cujos espiritos cultivados em Paris e Londres competiam com a distincção de sua belleza?

Infeliz, sim, porque não? A desgraça, quando assalta de impeto os seus predilectos, não respeita a virtude, nem os anjos, nem o amor. Os mais elevados espiritos, as mais generosas almas é que ella se compraz de humilhar e razoirar pelo nivel das baixas e estupidas condições.

Gonçalves Basto, volvidos dois annos de felicidade santa na intimidade de esposa e filhos, achou-se pobre e vencido na luta com insuperaveis calamidades commerciaes.

Deixou a Inglaterra, e voltou á patria com sua familia.

De repente, os amigos todos o desamparam, os amigos que se desobrigaram do que deviam com a infamia de esquecerem a divida.

Permaneceu leal no infortunio o que se mantevera desprendido na prosperidade: era José Vieira de Carvalho, moço portuense, abastado, instruido, e de nobilissima indole. Deliberara este fundar um jornal de camaradagem com o fallecido Antonio Bernardo Ferreira, da Regoa, e o actual deputado e insigne industrial, Faria Ribeiro Guimarães.

Fundou-se a *Coalisção*, jornal de que Gonçalves Basto acceitou a redacção principal, e a responsabilidade. Cada qual por sua vez, os proprietarios retiraram-se, declinando sobre o redactor o encargo de sustentar o periodico. Gonçalves Basto fundou o *Nacional* ha dezoito annos, com os elementos da *Coalisção* extincta.

José Vieira de Carvalho, solteiro, rico e doente, antevendo o proximo termo da vida, annuncia que a sorte dos filhos do seu amigo está segura nos seus haveres. Morre em França Vieira de Carvalho, e o testamento é subtrahido.

Na contra-revolução de 1846, Gonçalves Basto é nomeado commandante de um batalhão de artistas. Domina o descomedimento dos seus subordinados, e no campo dá-lhes o exemplo da coragem. Quando o exercito hespanhol transpoz as raias pelo

norte, as ultimas espingardas que obedeceram ás ordens da junta foram as dos artistas commandados por Gonçalves Basto.

E, n'este entretanto, a familia do jornalista, esposa, e tres filhos, bellos como anjos, viviam, da gratificação mensal do commandante: DEZ MIL RÉIS!

Entrou, ao cabo de dez mezes, o jornalista em mais perigosa e sanguenta batalha. Os caceteiros fardados enxameavam nas ruas do Porto; os partidarios da junta, que não emigravam, escondiam-se; a cada passo, os mais audazes eram assaltados nas praças e espancados. José Joaquim Gonçalves Basto está tranquillo á sua banca de trabalho, ouvindo gemer os prelos, que affrontam a cobardia das authoridades civis e militares, de cujas mãos os sicarios recebem o cacete e o punhal.

O escriptorio do *Nacional* é assalteado por uma malta de sargentos e soldadesca ebria e furiosa. Gonçalves Basto, Sousa Reis e os typographos defendem-se com os galeões, e os cobardes fogem a grandes brados invocando a guarnição.

Alguns amigos de Gonçalves Basto reduzem-no a dar-se á prisão, para evitar o incendio da casa e a carnagem. O jornalista, com alguns dos seus cumplices de defeza, entram na Relação.

IV

O duque de Saldanha voltou victorioso de Lobios.

Gonçalves Basto saudou o homem que apregoava a *Regeneração*. Eu fui convidado a collaborar no *Nacional*, e este foi o periodico mais vehemente em apregoar as virtudes do velho general.

Ali, na casa pia, no salão d'onde desalojara o conde de Casal, o duque atirou ás rebatinhas empregos, retribuições de serviços fabulosos, logares diplomaticos, consulados, escrivaninhas, titulos; mas, a esse tempo, Gonçalves Basto, em vez de ir á casa pia, estava no escriptorio do *Nacional* encarecendo as virtudes politicas do marechal, e explicando a justiça de suas liberalidades. Os amigos diziam-lhe:

«Vai, não percas a occasião;» e elle respondia: «Se alguma coisa mereço, em vinte annos de serviço, a occasião me virá procurar.»

Ora, aconteceu que a occasião o não procurou. Todos os amigos da junta se levantaram; todos os talentos e capacidades se identificaram com a regeneração: triumpharam em 1851 as idéas de 1846; mas Gonçalves Basto, nomeado consul de Vigo pela junta, e condecorado na ordem de Nossa Senhora de Villa Viçosa — graça não solicitada nem rejeitada — esqueceu aos maioraes da junta que se bandearam com Saldanha, e esqueceu áquellas mãos-rotas do dadivoso duque, o qual alegremente lia as apologias do *Nacional*.

o

V

José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu, curtido de lancinantes dôres ; lagrimas, porém, só duas vezes lhe vi o rosto lavado d'ellas : foi ao fugirem-lhe dos braços para Deus dois dos seus filhos. A pobreza cerra-o de perto ha quinze annos, e elle como que tem minas de oiro no coração. É sempre com um sorriso que vos elle diz : «Não tenho nada.» A desgraça tem estes sorrisos, que são dentro do peito unhas de ferro.

E ella, a formosa das violetas de 1836, a irmã do marquez em Hespanha; do revelador de Hoffmann, do diplomata illustre, ha tantos annos morto, na opulencia da vida, do nome, e das esperanças ?

Elisa Locre-Veimars vai, de tempo a tempo, ao

cemiterio da Foz, onde estão umas flores plantadas por sua mão sobre as cinzas de um filho. Ali, de certo lhe esquecem as glórias de Paris, e as glórias de Londres. Aquelle cômodo de terra é um pregão contra as vaidades da formosura, flor de um dia requemada pelo gear de uma noite, e contra as vaidades do talento, flamma brilhantissima que mais escuras deixa as trevas em redor, quando se extingue.

Ó santa de todas as dôres de mulher, de esposa e mãe! quem saberá contar as tuas horas excruciantes? quaes almas descerão do teu Calvario com o segredo dos teus supplicios?!

VI

Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezeseis annos o vir elle fallar de teus infortunios em face do mundo, que os ha de lêr, por ser isto dito em folhetim, e ageitado em fórma de romance. Quando eu entrei n'esta via dolorosa das lettras, achei-me contígo. Por força devia ser um desgraçado quem me abrisse as portas d'este inferno. Achei-te n'esse tormento de Sysipho, e ahi te vejo agora. Rolas o penedo ao pincaro da montanha, o penedo revolve-se ao fundo da precipitosa ladeira, e tu lá vais de novo costa acima limpando o suor e as lagrimas. Se ás vezes páras um instante n'esse trabalho de forçado, é para contemplares como a estupidez e a infamia trazem avassallados os fiscaes da republica,

e como elles sobem arriados de placas e fitas, em quanto tu vais descendo ás margens do rio da morte, olhando em ti, e pensando que vem perto o dia em que não possas repartir um pão com a tua familia.

Ha trinta annos que soffres e trabalhas por amor da patria, meu pobre amigo. Deves ter quebrantos de angustioso desalento, quando em ti reparas, e não achas um só homem que te possa dizer: «Eu soffri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu paiz a retribuição vilipendiosa de tamanho desprezo!»

Lucta, meu amigo; e, quando mais não puderes, pergunta á providencia divina que mal fizeste á patria para tamanha ingratição, ou que mal devias fazer aos homens para elles te recompensarem com beneficios.

Lisboa, 14 de julho de 1863.

COMO ELLA O AMAVA!

COMO ELLA O AMAVA!

I

Aos 24 de agosto, na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tamega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz. Vem aqui, de muitas leguas em volta, dezenas de creaturas obsessas. É para notar que raro homem ali vá incubado de demonio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso unico, a meu vêr, em que os sobre-ditos espiritos se mostram espirituosos.

É de saber que o démo tem caprichos sujos; e n'isto, como em muitas outras coisas, parece homem, com resalva do leitor. A legião d'elles, que se en-

tranhou na vara de cochinos, era indecente. S. Jeronymo, na vida do beato Hilarião, conta de um formidavel demonio que se alojou n'um camello, o qual, levado á presença d'aquelle santo, urrou, cahiu, e desfez-se do sevandija que o incommodava. O mesmo conta frei Luiz de Sousa de um urso possesso, que, ao signal da cruz de S. Bartholomeu dos Martyres, cahiu, estrebuchou, e morreu. Tambem se mette nos legumes o maldito! O mesmo santo farejou-o n'uns feijões fradinhos. Já é condição mui rasteira, ou muito má vontade aos feijões em odio aos frades!

Affirmam insignnissimos authores que ha seis especies de demonios: igneos, aerios, aquaticos, subterraneos e lucífugos. Anda a gente cercada d'estes malandrins, que zombam da policia, e fazem praça do seu despejo até ao escandalo de se metterem n'ella!

A mim, pois, não me espantava o grande concurso de mulheres endiabradas que vi na romeria de S. Bartholomeu, em Cavez. Do usurpado senhorio de algumas direi que me fez inveja a besta imunda! Eram desempenadas raparigas de Barrozo, escarlates e possantes como as matriarchas do genero humano; pulsos de ferro, olhos coriscantes, e fórmãs tão esculpturaes da belleza antiga, que eu fiquei scismando se o demonio desengraça com as raças adelgaçadas, e vai ás montanhas procurar corpos com capacidade de o receberem. Ainda bem que

vai. Se assim não fosse, a sala de baile havia de ser um pandemonium!... E quem sabe se é? O regirar vertiginoso dos bailados não parece coisa macabra, doidice satânica, vortice em que as almas vão remoinhando até cahirem nas fauces do dragão? Eminentés sabios e santos estão comigo.

Oiçamos o congregado Bernardes:

«Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta yêl-o dè fóra para confessal-o. Aquelles mesmos movimentos do corpo, tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento.»

E ajunta:

«... Bem certificados podemos ficar de que os bailes, danças e saraus costumam trazer consigo muitos peccados. A não ser assim, nem os demonios insistiram tanto em os persuadir....»

S. Valeriano na *Homilia 6.^a, De otiosis verbis*, diz que as danças são laços do demonio que ajudam a dar muitos garrotes. E o psalmo 139, quando diz *caput circuitus eorum*, quer dizer que o diabo é o cabeça das reviravoltas de um baile.

Logo: os bailados são diabruras.

Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquellas energúmenas que eu vi na igreja de Cavez, em 1842. Ha que annos isto vai!... N'aquelle tempo, até as mulheres com espirito ruim me pareciam boas.

Voltei lá no anno seguinte, armado de figas que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractarios ao demonio.

Na aldêa, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartholomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprasados para ali. Um morgado, meu visinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mór de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandara demolhar em poças um braçado de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elasterio, e cingirem-se melhor com as costas das victimas. Estes preparatorios aqueciam-me o animo bellicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze annos.

Por nove horas da noite do dia 23, sahimos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma legua distante. Por volta de onze horas, fizemos alta n'uma aldêa, chamada Aroza, convisinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali reuniu-se conosco uma esturdia, que vinha dos lados de Cerva, e n'esta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e especie de barões feudaes, a cujas barbacans não ousavam chegar as justanças d'el-rei. A cantadeira da esturdia era uma rapariga de dezoito annos, sécia e talhada a primor, carregada de oiro, mas ainda assim leve como uma arféloa, saltando quando não cantava, rindo a es-

cancaras quando não saltava, linda como as dryades dos córregos, alegre como a felicidade das seras. Oh! que moça! Que legião de tentadores demônios ia n'ella!

O morgado Pacheco de Andrade abraçou a maior da turba, e concertou o plano da batalha.

Dizia o de Cerva:

— Eu quero-me vêr peito a peito com o Victor de Mondim! Um de nós ha de ficar escutando a cavallaria.

— Que tens tu com elle? — perguntou o morgado.

— Tenho que elle conversou dois annos com a Isabelinha do Reguengo; depois ella deixou-o á minha conta, e voltou-se para mim. E vai elle, na feira de S. Miguel, cahiu sobre mim, e mais vinte dos seus. Fiz face a todos, em quanto o pau me não estalou na cabeça de um. Depois cahiu debaixo de um bosque de estadulhos, e estive á morte. Aqui tem o senhor morgado o que eu tenho com elle.

— A moça vale a pena?

— E' esta que está a cantar.

— Guapa rapariga!... Tens razão, Lobo!

— Já correu o primeiro pregão dos banhos.

— Casas com ella?

— E' a melhor lavradeira do povo, e de cara ninguém no concelho lhe deita agua ás mãos.

— Então será bom que te poupes, Lobo! Nada de morrer!...

— Que tem lá isso? Se morrer, já não preciso casar. Morra o homem e fique fama!

A este tempo, cantava a Isabelinha do Reguengo:

Quem quizer cantar comigo
ha de ter no peito amores;
amam as aves cantando
entre arvoredos e flores.

E o competidor respondia:

Entre arvoredos e flores
já te eu vi, linda pombinha,
deixei-te ir sem te dar fogo,
que eras d'outro, e nemja minha.

O Lobo de Cervã ouviu esta copla, e franziu a sobrançella, envesgando os olhos ao cantor; depois foi á beira de Isabel, e disse-lhe:

— Não cantes mais.

— Porque, João?!

— Não cantes mais, faze-me isso... Oíço cantigas que me bolem cá no interior.

— Pois não canto. Vamos conversando — disse ella com alegre condescendencia.

Á meia noite entrámos no arraial. Já o tiroteio tinha rompido das duas margens do Tamega. As balas assoviavam nas ramagens da carvalheira onde se ajuntavam os caudilhos em conselho de guerra.

Nenhum romeiro pacifico já se mettia á ponte. Os atrevidos agrupavam-se nas extremidades; os da esquerda esperavam a ronda de Cerva, os da direita a de Mondim. Na ponte passeavam uns doze soldados de infantaria, idos de Guimarães; pobres homens de quem os contendores não faziam caso nem conta. Os tiros, pelo arder da escorva, viam-se romper dos altos das mattas fronteiras. A tropa estacionara na ponte, encarregada de evitar o choque das duas rondas inimigas.

Ora eu, prevalecendo-me da inoffensiva presença dos meus annos, desci á ponte, e atravessei-a como coisa que ninguem vira. Fui direito á igreja observar a lucta de S. Bartholomeu com o diabo. Era isto principalmente que me chamava.

Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoniacos, amarrados por cincoenta braços de pujantes barrosãos, em quanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demonio rabiava n'ellas descabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre levantava a voz tambem enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do genero humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas cahiam sem forças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se a final sãs, para irem depôr no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a igreja.

Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demonio respectivo de cada uma tinha declarado.

Que officio adopta o diabo ás vezes!... Assim mesmo é o mais util que eu lhe conheço.

II

Quando volvi á ponte já não pude romper a mó de povo que se baldeava de uma a outra margem do caminho, e se desfazia em filas desordenadas, as quaes pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira acima.

Tinha começado a lucta.

A ronda de Cerva avançava da parte d'além; a de Mondim, recebendo aquelle movimento como signal de batalha, avançou tambem. Ribombavam os zabumbas de ambos os lados, e guinchavam as requintas por sobre a vozeria da tropa, que se esforçava em evitar o encontro, de baioneta calada.

O alarido das mulheres e rapazio de um e de outro lado, retinia nos echos das margens penhas-

cosas do Tamega. As fuziladas relampagueavam entre os mattagaes. A vertigem do terror estendera-se a todo o arraial. Dirieis que os demonios desalojados dos corpos das mocetonas, exasperados de raiva satanica, tomaram á sua conta fazer ali um inferno provisorio, mesmo nas barbas de S. Bartholomeu!

Ouvi o retintim das baionetas sacudidas dos seus engastes pelos paus certos dos barrosãos, bandeados na hoste de Mondim. Divisei os doze soldados espremidos entre as multidões inimigas. De repente os de Cerva fizeram pé atraz; os de Mondim tambem, e por momentos reinou um silencio, que devia ser como a serenidade de um ceu torvo de borascas na intercadencia de dois raios. Que suspensão fôra aquella? Cingi-me com a guarda da ponte, e cheguei ao meio. Avisinhei-me do primeiro grupo dos d'além, e ouvi dizer que, no affogo da briga, Isabel de Reguengo se lançara entre as vanguardas dos combatentes, e bradara: «Matem-me primeiro a mim!» E, dito isto, cruzara os braços.

Victor de Mondim reconheceu-a, e clamara aos seus: «Alto, meus rapazes!» e o Lobo de Cerva, cobrindo-a com o seu pau argolado de cobre, exclamara: «Olhai que é minha noiva!»

Assim se explicava o imprevisto regresso de cada exercito aos seus arraiaes. Caso digno de memoria!

E', pois, certo, que Victor de Mondim lhe queria muito ainda. Que milagre! Dois annos a vê-la todos os dias santificados, e andar duas leguas para

vê-la, duas leguas tão queridas na ida, e outras duas tão longas e saudosas na volta!... Porque assim deslealmente o deixaste, Isabelinha do Reguengo? Porque havias de ser tu mulher como tantas? Que atomos da peste das cidades coavam em tua alma, ó virgem dos arvoredos?

Fui onde estava a gente de Cerva. Isabel comia cavacas, e repartia d'ellas com o Lobo, que enso-pava um lenço de seda em camarinhas de suor. Uns pimpões estavam encostados aos paus, cruzando com elles as pernas, outros emborcavam grandes pichéis e canecas de vinho. O meu visinho morgado José Pacheco de Andrade empannava a cabeça partida, e desequilibrava as pernas, não já por causa do terreno, senão que o vinho desmentia n'elle, e característico humano da posição vertical, com quanto o meu visinho, mais que nenhum outro corpo, com grande gloria de Newton, pendesse ao centro da terra.

Ahi por volta das tres horas vieram parlamentarios d'além, propondo a passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder, e tartamudeou:

— Não ha convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

Disse, e deu ares de se acabar primeiro que o restante do mundo. Cambaleou floreando o cerquinho elastico, tropeçou no proprio pau, e cahiu na calçada, que, por ventura, a phantasia rica e ar-

dente lhe afigurou almofada com toda a flacidez convidativa de um longo somno.

Os parlamentarios foram repetir com gravidade as palavras do ébrio. Rompeu de lá temerosa grita, e logo o tiroteio.

Lobo depoz o varapau, e pegou da sua clavina de dois canos. Isabel segurou-o pelos alamares de prata da jaqueta, rogando-lhe que se aquietasse. O bravo, que seguia a maxima do «morra o homem e fique fama» sacudiu de si a moça, e bradou:

— Rapazes! á ponte!

Ergueram-se todos, e o proprio morgado lá das trevas espessas da sua modorra, ainda rugiu:

— A elles!

Os de Mondim, quando ouviram o instrumental, avançaram á entrada da ponte. A passo igual iam ganhando terreno uns e outros.

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algararra dos brados e toada da musica. Era Victor de Mondim que bradava:

— João Lobo de Cerva!

Lobo fez calar os seus, e respondeu:

— Quem me chama?

— E' Victor de Mondim.

— Aqui estou.

— Se és homem, sahe sósinho, que eu tambem saio ao meio da ponte.

— Nunca o diabo te mostrou homem mais homem! Ahi vou.

Isabel lançou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de afflicção e ternura. Elle repelliu-a com desamor de inimigo, exclamando:

— Que diabo me pedes tu, mulher? Queres que eu cáia aqui morto de vergonha?!

E eu *estava de angulo a espreitar*, como um santo bispo de Sevilha diz em seus cantares, o qual santo, segundo modestamente confessa, espreitava de angulo o batalhar de godos e sarracenos.

Senão quando, os dois paladinos, adiantados de suas immoveis cohortes, param a vinte passos, com as clavinas aperradas.

— Não ha de ser tua nem minha! — disse Victor.

— Tua, por Deus te juro que não será! — respondeu Lobo.

E, a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois mórribundos arquejantes.

Que horror de grita restrugiu então! Que phrenesi de espedaçarem-se conglobou em feroz abraço os dois campos! Era um segundo duello de homeni para homem com cem braços. Os de Mondim levantaram o cadaver de Victor, e defenderam-n'o; os de Cerva, cegos de furial vingança, não viram que os outros remessavam ao Tamega o cadaver de João Lobo.

Isabel tinha cahido como fulminada pelo relanpago das escorvas. Passaram por cima d'ella os seus parentes e amigos a vingarem-lhe o noivo. Pizaram-lhe o peito, onde já não havia' coração que sentisse

a dôr. E eu aproximei-me, reconheci-a entre a multidão, e pedi que me ajudassem a tiral-a da ponte.

Assim se fez. Deram-lhe um encosto sobre as cançadas de um carro de fruta, e rodearam-n'a algumas mulheres temerosas, que, pouco depois, a desampararam, fugindo ao silvo das balas.

Eu tinha ido ao longo da ponte, na aberta em que os de Mondim retiravam a segurarem da represalia o cadaver do seu chefe.

Quando voltei, ao nascer do sol, fui ás cançadas, e não vi Isabel. Perguntei por ella, e disseram-me que tinha fugido como doidã.

Por ambas as margens do Tamega se alinharam duas fileiras de homens, rebuscando o cadaver de João Lobo. Palmilharam meia legua de caminho frágoso, sem o encontrarem. Volveram desanimados, cuidando que o cadaver fôra ao fundo, e lá encahara na penedia, ou se engastara nas raizes dos salgueiros. Os melhores mergulhadores bateram todas as cavernas conhecidas. Perdidas forças e esperanças, volveram de novo á ira, e recobriram alento para se vingarem.

Em quanto a raiva os reacende, e o arraial fica abandonado ás correrias dos valentes e dos ébrios, vamos encontrar Isabel, sentada na margem esquerda do Tamega, sobre uma rocha que se debruça a cavalleiras da corrente.

Tem o rosto entre as mãos, e os olhos cravados na espuma do jorro de agua precipitado em bacia

de fragas. Assim está desde que o sol nasceu, o sol ardente de 24 de agosto, que lhe cahe a prumo sobre a cabeça.

Que espera ali aquella mulher, como empedernida pela dôr?

Que pensam d'ella uns pastorinhos que da serra fronteira lhe perguntam que faz ali?

Não os vê nem ouve.

Espera o resvalar do cadaver do noivo no rocheiro d'onde não descrava os olhos pávidos?

O sol inclina já ao poente, e ella cerra as palpebras, e cobre-as com as mãos, baixando a cabeça ao regaço.

Talvez que o fogo do ceu lhe houvesse calcinado o cerebro, e os lampejos da torrente a cegassem!

A rocha em que Isabel está é puida e resvaladiça.

Instantes de desmaio bastarão a despenhal-a. Um ancião, que d'além a vira, desde a madrugada até sobre tarde, vadeou o Tamega nas poldras, chegou á raiz da rocha, e disse:

— Ó cachopa, que fazes ahi?

Isabel estremeceu, e circumgirou os olhos, esfregando-os.

— Que fazes ahi, moça? — tornou o velho.

— Estou á espera do meu defuncto — respondeu Isabel.

— Do teu defuncto!? Então elle vem pelo rio!? Querem vossês vêr que tu eras mulher do Lobo de Cerva?... Eras ou não?...

— Havia de ser... — disse Isabel a grandes brados, erguendo-se de golpe; havia de ser!... havia de ser!...

— Desce cá para baixo, creatura, que o mal da morte não tem remedio. Vem d'ahi que eu dou-te agasalho, e amanhã irás para os teus. Olha que tu malhas ao poço, mulher. Deus te defenda, que morres!

N'este momento, Isabel abordara mais á aresta do penedo.

O velho, que não podia trepar á rocha escorregadia, gritou pelos pastores d'além. A moça poz as mãos em oração; e, depois, tapando os olhos, despenhou-se!

Antes de baquear-se na refervente cachoeira da bacia, já tinha abolido o craneo n'um angulo da rocha.

Os pastores esperaram o cadaver n'um remanso d'agua, e ali o velaram, durante a noite, aguardando que a justiça fosse alevantal-o.

COMO ELLA O AMAVA!

HISTORIA DE UMA PORTA

HISTORIA DE UMA PORTA

I

Fui a uma aldêa, pendurada de uns rochedos de Barroso. Bragadas era o seu nome. Chamavam-me ali as trutas do rio Beça, as maiores trutas dos córregos riquissimos de Portugal.

Distanciei-me duas leguas de casa, e fui surpreendido pela noite, debruçado por sobre uma fraga, com o anzol n'uma levada, onde vi uma truta velha, de cabellos brancos, como lá dizem.

D'esta macrobia se dizia que tinha impunemente engulido anzoës! O peixe era um Mithridates da sua classe.

Assustado da noite, e transviado do caminho, fui dar áquella aldêa, e perguntei a um pastor se lá havia padre. Casa de padre é sempre albergaria

certa de forasteiros, mesa farta, e cama limpa. Não havia padre em Bragadas.

— Quem me dará agasalho n'esta povoação? — perguntei ao pegureiro informador.

— Quem quer lhe dá agasalho.

— Mas onde hei de ir bater?

— Vá vossemecê por esse quinchoso abaixo; lá ao todo fundo carregue á sua esquerda, e salte um portello que não tem que errar. Vossemecê vai rebentar mesmo á porta do tio João Barroso.

— Rebentar?! — articulei eu, assustado da prophécia.

— Sim, á porta do tio João Barroso, que é o lavrador maior da freguezia.

Rebentar, felizmente, era synonymo de sahir ou chegar.

Rebentei, pois, á porta... Á *porta*? Hei de eu chamar porta a isto?

Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham visto. Um luar brilhantissimo alumiaava a vulto aquelles rendilhados, festões, laçarias, refendimentos, figuras e relevos do mais luxuoso cinzel. Era alteroso o portão. As hobreiras eram columnas recebendo nos capiteis uma cúpula triangular recamada de florões, com grande folhagem, d'onde surdiam anjos dedilhando cytharas, e outras figuras emblematicas, que eu não enxerguei se eram faunos ou santos.

N'este espasmo estava eu, quando de uma barroca proxima me sahiu um lavrador com uma ga-

bada de canas-milhas, sobraçada, e sacola ao hombro.

— Guarde-o Deus! — me disse elle.

— Muito boas noites, respondi, descobrindo-me.

— Quem busca?

— Ia bater n'esta porta, para pedir ao dono da casa o favor de me dar agasalho.

— Levante o gramêlho, e entre. O dono da casa sou eu. Vossemecê é caçador?

— *De cana, que come mais do que ganha*, diz lá o ditado.

— É de longe?

— Sou da Ribeira.

— Longe veiu!... Mas vossemecê está muito secco.

— Estou secco?!

— Sim; diz lá o outro: *não se pescam trutas a bragas enxutas*... Não o vejo molhado!

Tinhamos entrado na cosinha.

— Sente-se — continuou o lavrador — esteja a seu gosto. Se quer tirar os sapatos, arranjam-se-lhe uns soccos. Ponha-se em mangas de camisa, á vontade; aqui não ha politicas.

Agradei o supplicio dos tamancos, e mantive a decencia da jaqueta.

— Vossemecê parece que estava a gostar das figurinhas do portão? — disse o senhor Barroso.

— Estava a admirar.

— As figuras são os doze apóstolos e os anjos. Aquillo está bem feito de uma vez, heim?

— Nunca vi coisa melhor? mas...

Sustive-me. Eu ia perguntar ao hospedeiro dono d'aquelle magnifico portal, como era que a fachada do edificio escondia uns quasi pardieiros, uma cosinha terrea, e uns sobrados com umas janellas de pedra bruta, e portadas de madeira nem sequer desbastada pelo cepilho! Pareceu-me indelicada a pergunta, e esperei explicações.

— Mas é que estava sómente começada a obra... — acudiu o lavrador adivinhando a pausa. — Assim ficará até ao fim do mundo, que o portão só póde cair quando o mundo tiver *sua* fim.

— Pois é pena! — disse eu — Uma obra d'aquellas não devia estar sumida n'estas serras. Eu vim de Lisboa, ha sete annos, não me lembro de lá ter visto architectura mais magestosa.

— De lá vieram seis obreiros e dois annos trabalharam n'essas pedras... Era eu da sua idade pouco mais ou menos. Ha cincoenta e seis annos que a obra parou.

— Mal haja quem a fez parar! — interveiu uma velha, que devia ser a consorte do senhor João.

— *Amen!* disseram dez ou mais familiares, que por ali estavam deitados ou sentados sobre os escanos e bancos.

— Tantos demonios lhe chorrisquem a alma, como de... — acrescentou um ancião de aspecto encorreado, e cãs estopentadas.

— Cale-se lá, tio José! — disse o velho — Deus

lá sabe o que faz... — Toca a comer o caldo, ajuntou o sobrinho do praguejador, declinando do assumpto, que me estava incitando a curiosidade, muito mais do que a ceia o apetite.

A ceia era um caldo de castanhas piladas bem adubadas de toicinho, e toicinho bem assasado de batatas, a que lá chamam *castanholas*.

Démos graças a Deus, e cada qual foi á sua cama. Para homens cansados do lidar do dia, o somno reparador traz-lh'o como doce mimo a natureza bemfazeja, e leal ao Creator que santificou o trabalho.

Estes não carecem de engalhar o somno com palestras, nem, comida a ceia, ficariam ali para ouvir propriamente *as sete partidas do conde D. Pedro*, ou a *historia da imperatriz Porcina*.

— Venha d'ahi vossemecê — me disse o senhor João Barroso, guiando-me, com uma candeia, a um quarto de cantaria, com firmamento de ripas e telha, intermeado de colmo e loisa.

— Aqui dormiu dez annos um grande homem! — disse o lavrador — Amanhã, se vossemecê não fôr cedo, eu lhe direi como foi começada e acabada a obra do portão. N'essa cama é que dormia o padre que a mandou fazer. Toca a socegar. Com bem passé a noite. Apague a candeia antes de pegar a dormir.

Antes de me deitar nos alvissimos lençoes, olhei em todo o quarto, e vi a um canto uma rima de livros. Fui examinal-os e achei breviarios, ripansos,

um *Flos Sanctorum*, uns doze volumes em hespanhol de um Saavedra, um Calepino, a *Recreação Philosophica* do padre Theodoro de Almeida, e outros que esqueci, menos as *Peregrinações de Fernando Mendes*, que levei comigo, para, como de facto, adormecer na primeira pagina, e dois *in folios* com os quaes fiz travesseiro. Ao romper da manhã, acordaram-me as marradas dos bodes, cujo córte era debaixo do meu quarto; e o balar das ovelhas, que moravam defronte, e o mugir das vacas, que deviam morar perto, e o chilrar das andorinhas, que tinham seu ninho no friso da cimalha.

Levantei-me; e como não visse lavatorio, nem agua, nem toalha, sahi a lavar-me na fonte, que estava perto, e regressei a limpar-me aos lençoes.

Depois sahi a revistar os pormenores do portal. Em cada folha de festão achei motivo para assombro. As miudezas physionomicas dos santos eram maravilhas de engenho e paciencia. O sóco das columnas primavam em labores emblematicos: n'um era o quadro grandioso de Jesus ordenando serenidade ás ondas encapelladas, quando os descritos apóstolos se julgavam comidos pelo mar. No outro edificava Moysés, recebendo as taboas da lei no monte Sinay, e os israelitas perjuros adorando ás abas da montanha o idolo incensado por Aarão. Os doze apóstolos estavam ao longo da padieira enfileirados sob docel de trepadeiras, tão subtilmente lavradas que a folhagem parecia transluzir o sol nascente.

O remate da cúpula era um quadrante de marmore circundado de florões, e descansado sobre as espaldas de dois cherubins, que pareciam pedir ao sol o raio demarcador das horas.

— Cá está vossemecê outra vez! — disse o lavrador, sahindo ao terreiro da casa.

— Não me farto de vêr.

— Ora veja, e, se quer, venha d'ahi, que eu vou levar os bois ao pasto, e lá lhe contarei a passagem.

— Pois irei de muita boa vontade.

Tangeu elle o gado para dentro de uma tapada de restolho; sentou-se n'um combro, mandou-me sentar á sua beira, e fallou assim :

II

«Muito antes de eu nascer, um irmão de minha mãe, que Deus haja, ordenou-se, e foi para esses Brazis, á conta de umas rapaziadas que iam dando com elle nas unhas da justiça. Chamava-se padre Domingos Carneiro, Deus lhe falle n'alma.

«Meu amiguinho e sen'hor, vai o homem para aquellas terras, que, pelos modos, o dinheiro lá é tanto como a praga, e péga o padre a enriquecer, que já media peças de duas caras aos alqueires!

«Estava elle lá havia coisa de vinte annos, quando mandou perguntar a minha mãe se poderia voltar para a terra. Minha mãe mandou-lhe escrever que viesse, porque a moça já tinha morrido, e os velhos tambem.

— Póde-me contar a historia d'essa moça? — interrompi eu com a grosseria desculpavel á curiosidade de um futuro chronista de moças.

«Homem! — respondeu o lavrador meditativo, deixemos em paz quem já lá está.

— Queira perdoar... eu pensei que...

«Deus lá sabe o que foi... Como eu lhe ia contando, meu tio padre Domingos, assim que recebeu a resposta, ensacou a riqueza, e veio. Tinha eu sete annos. Ainda o estou a vêr! Era um padre do tamanho d'aquelle sôbro! Trazia seis bahús que pezavam como chumbo!

«Vinha com elle um mulato já espigadinho, assim como vossemecê, e andava vestido como um pimpão! Este mulato chamava-se Vicente, e já vinha de lá com os latins sabidos para se ordenar. Assim que chegou foi para Braga tomar ordens, que custaram muitos centos de mil réis, porque n'aquelle tempo sangue de preto não recebia ordens senão a peso de oiro. Agora, pelo que oiço dizer, o estado manda aos mattos buscar pretos para os fazer padres. A religião está por um cabello! Veiu o padre Vicente para casa, e meu tio queria-lhe como ás meninas dos olhos. O que elle dissesse era o que se fazia. Lá dizia o mulato missa uma vez por outra; mas minha mãe, que era a verdade em pessoa, estando para morrer me disse que o padre Vicente algumas vezes, antes de ir celebrar missa, ia á prateleira da cosinha, e amolava os dentes nos bocados de carne

que acertavam de ficar da ceia! Eu não quero com isto fazer mal á salvação do peccador. Deus lá sabe!...

«Ora pois. Meu tio, assim que chegou, entendeu logo em fazer uma casa. Chamaram-se os pedreiros melhores d'estas redondezas, e elle lá lhe fez as suas perguntas, e impontou-os, dizendo que fossem erguer socalcos, e escreveu para Lisboa a pedir obreiros do palacio real. Vieram logo seis para mestres da obra, e muitos de outras partes para officias. O tio padre lá disse a sua idéa aos pedreiros e começou pela porta. Dois annos andaram a picar! Cada uma d'aquellas engenhocas mais pequenas que vossemecê ali vê, levava duas semanas a fazer. Ha ali pedra que veiu lá da capital, e, posta ali de mão de obra, custou para riba de dois mil cruzados. Lá estão os assentos no caderno: podem-se vêr.

«Acabou-se a porta, e alargou-se metade da casa, que pegava á outra por uma varanda. O palacio havia de romper por ali fóra, e depois lá adiante fazer um cotovelo, e desandar pela outra metade. A pedra estava toda cortada na serra e picada; o taboado já estava em rimas; a ferragem já tinha vindo de toda a parte do mundo; eis senão quando, meu tio morre de um dia p'ro outro! Assim que os barbeiros lhe disseram que tratasse da sua alma, meu tio chamou minha mãe e meu pai, e disse já com a morte na garganta: — É chegada a minha hora. Ahi vos ficam muitos mil cruzados: meu afilha-

do Vicente vos dirá onde eu tenho enterrado o dinheiro, que escondi com medo dos ladrões. Recommendo-vos que trateis sempre o padre Vicente como se elle fosse vosso filho. Se elle quizer voltar ao Brazil, deixai-o ir, que elle tem de seu com que viver onde quizer. Recommendo-vos que acabeis a casa. O mestre das obras sabe a minha idéa. Na capella que se ha de fazer, mandareis enterrar os meus ossos e escrever na pedra o meu nome, e a era do meu nascimento e fim. Mandai dizer por minha alma oitocentas missas de esmola de cento e vinte. — Pouco mais disse, e fechou os olhos, abraçando-se no padre Vicente, chamando-lhe filho. Veja vossemecê! Era filho d'elle o mulato! Que lhe parece?

— Parece-me tambem que seria filho.

«Deus perdoe a meu tio!... Era de casta! Vamos ao caso. Enterrou-se o defunto, e fez-se-lhe um enterro de quarenta padres, e armou-se a egreja. Minha mãe pediu dinheiro para os gastos ao padre Vicente, e elle foi á adega, esteve lá um grande pedaço, e voltou com seis moedas de oiro em cruz. Logo meu pai farejou que o dinheirame grosso estava debaixo de alguma cuba: mas não disse nada até vêr, e atrigava-se de fallar n'isso em quanto o corpo do defuncto estivesse quente. Minha mãe bem lhe dizia: — toma conta do dinheiro, homem. — E meu pai que era um *bom serás*, dizia: — Ó mulher, deixa lá teu sobrinho: elle o trará.

«O padre dormia no sobrado da adega. Uma ma-

nhã ao outro dia do enterro, era já tarde e elle não apparecia. Trepou-se-lhe á porta, e elle nem por burro nem por albarda. — O homem deu-lhe alguma! — disse meu pai. Deu não deu, pr'áqui pr'ali, arrombe-se não se arrombe, cerca tem mão, ás duas por tres vem um ferro de monte, e foi a porta dentro. Estava vossemecê lá na cama? nem elle. — Querem vossês vêr que elle foi á villa e pernoitou por lá? — disse meu pai; e, n'isto, olha, e vê aberto o alçapão que dá para a adegã. Vai a baixo: abre a porta; mette-se por traz das cubas e das pipas, e acha-se uma cova á guisa de caixote com umas taboinhas por dentro, e uma tampa de loiça ali para um lado. Meu pai deu um grito, e barregou: — O dinheiro foi-se, mulher! — E minha mãe pega a chorar, e tem-te não cáias, faltou-lhe o folego, e estendeu-se n'aquelle chão como morta!

«Acudiu o povo a saber o que era, e meu pai estava intalado que não dizia uma nem duas! A final de contas, meu amiguinho, o padre Vicente roubara o dinheiro!

«Meu pai foi logo queixar-se ao juiz pedâneo e a todos os governos da comarca. Todos á uma lhe disseram que soubesse onde estava o ladrão, que elles o iriam prender. Onde estaria elle se bem corresse!

«O grande caso é que os pedreiros foram-se logo embora, porque a nossa lavoira não dava para nada, e ficou assim a porta, e ficámos com meia casa alagada; e só depois que eu casei com minha mu-

lher, que trouxe doze contos, é que eu pude ir er-
guendo aos pedaços casa que nos cobrisse. Ora aqui
tem vossemecê.

— E do padre Vicente nunca mais soube noti-
cias? — perguntei.

— A esse respeito não sei que lhe diga para não
errar; mas aqui ha dois annos appareceu n'estas ser-
ras um romeiro que vinha da Terra Santa, e ia para
Santiago de Compostella. Não pedia nada: sentava-
se á porta dos lavradores; se lhe davam alguma ti-
gela de caldo, comia; se lhe não davam nada, mo-
lhava codeas em agua, e comia-as. Elle era assim
a modo de anegriscado, e os velhos de Bragadas co-
meçaram a espalhar que elle era o padre Vicente,
que andava a fazer penitencia.

«O romeiro foi á sua vida por esse Barroso fóra;
e eu tirei-me dos meus cuidados, e fui dar comigo
em Mont'Alegre, onde elle andava. Enfitei-me bem
n'elle, e a fallar-lhe a verdade o velho deu-me ares
do outro; mas a coisa já lá ia ha mais de sessenta
annos, como havia eu conhecêl-o? Quer sim quer
não, fui-me ao *pelegrino*, e disse-lhe: «Vós d'onde
sois?» E vai elle respondeu-me: «Não tenho pa-
tria: sou pó; o pó é do vento.» Fiquei como o ou-
tro que diz, sem pinga de sangue, que elle fazia uma
cara, e punha os olhos no ceu, que era mesmo de
um homem se *estarrecer*! E não lhe disse mais nada.

«D'ali a mezes tornou o pobre a pedir em Bra-
gadas, e outra vez o povo a dizer que era o padre

Vicente. O rapazio perguntava-lhe se era o padre Vicente, e elle punha os olhos na terra, e dizia: «sou pó; o pó é do vento.»

— Seria elle?! — atalhei eu quasi convencido.

— Não vou jural-o; mas a verdade é que elle adoeceu n'esta aldêa, e uma noite sahiu de um palheiro onde dormia, e foi morrer á porta da minha adega.

— Não ha duvida nenhuma que era elle — acudi eu.

— Pois sim; mas um brasileiro do Arco disse-me que o padre Vicente Carneiro, ainda ha doze annos era bispo n'uma cidade dos Brazis.

— Sim?!

— É verdade.

— Nada! o padre Vicente era o peregrino que veiu aqui rematar a sua attribulada penitencia — redargui, agarrado á poesia funebre do lance.

— Será isso, será; mas então de quem é alma que anda na adega?

— Pois anda lá uma alma?

— Ainda não lh'o tinha dito?! Ninguem lá entra, assim que é noite. Ouve-se remexer dinheiro, e arrastar ferros, e dar gemidos. Já lá tem ido padres, requerer a alma e fazer as rezas; mas é tempo perdido. Se não é a alma penada do padre Vicente, é a de meu tio, Deus lhe perdôe!... Vamos almoçar, que já tenho a boca secca...

Almocei e fui ás trutas.

Á beira do rio Beça scismei muito nas almas dos padres Domingos e Vicente, e confesso que me puz a caminho, em quanto era dia, com medo de encontrar-as ambas, ou pelo menos uma das almas.

Pensando n'este caso vinte e dois annos depois, de mim para mim tenho, que o padre Vicente não era o peregrino que morreu á porta da adega do senhor João Barroso. O padre inquestionavelmente morreu bispo. Se morreu em cheiro de santidade não ousou asseveral-o sem lêr os necrologios. Vou averiguar isso.

O INFANTE D. DUARTE

O INFANTE D. DUARTE

I

Veremos lastimosamente um principe
vendido, e um imperador comprado.

CONDE DA ERIGEIRA *(P. Restaurado)*.

N'este dia em que escrevemos (3 de setembro de 1861) fecham-se duzentos e doze annos depois do homicidio de D. Duarte de Bragança, nas masmorras do castello de Milão.

Leia o povo estas paginas da historia. Mostrem-se ao povo as nodoas do sangue portuguez, em que uns civilisantes de má morte não reparam do alto da sua cathedra de apostolado politico. É illustre sangue covardemente derramado do coração de um dos mais preclaros filhos de Portugal.

Foi D. Duarte irmão de D. João IV. Estava elle em Allemanha, militando no exercito do imperador Fernando III, depois da restauração de 1640. Nas

mais insignes victorias do Cesar sobre a Suecia assignalara-se o preclaro portuguez.

O traidor Francisco de Lucena, depois justificado, não avisara opportunamente o infante da acclamação do duque. Avisal-o seria precavel-o dos ministros de Castella que haviam de querer vingar a deshonra de Filippe na pessoa do infante, com assentimento do imperador a quem o devotado principe servira lealissimamente.

Outro portuguez traidor, D. Francisco de Mello, ainda aparentado com a casa de Bragança, e vendido ao conde de Olivares, recebeu ordem de entender na prisão do infante. Chamou D. Francisco ao seu intento o confessor do imperador e o secretario da imperatriz. Fez sua proposta ao primeiro, e foi repellido; mas não desanimou. Com o dinheiro de Castella, ensaiou a corrupção dos ministros de Fernando III, e comprou a alma do mais privado. O confessor fez seu officio, e a imperatriz o d'ella.

Estava o infante em Leypen. Antes de capturado, já sua cabeça estava posta em talha de oito mil cruzados. Para ali partiu um commissionado com esta ordem do general em chefe: «Ordeno ao coronel D. Jacintho de Vera que vá ao quartel de Leypen a prender o principe de Bragança, e que, não o podendo conseguir, o mate, e que vivo ou morto me traga o seu corpo.»

Não encontraram D. Duarte no quartel. Procuraram-o em Ratisbona, e leram-lhe uma ordem em

que o imperador o chamava á côrte: obedeceu, e entrou na carruagem que Francisco de Mello cortesmente lhe offercia. Na primeira pousada, esperavam-no quarenta *mosqueteiros*, com ordem de parar. Detiveram-no oito dias em carcere cerrado. O infante queixava-se; não, porém, contra o imperador. Affigurava-se-lhe incrível que o entregasse a castelhanos quem tão egregiamente fôra servido por elle. D'ali passou ao castello de Milão.

Ao mesmo tempo, os congregados da dieta de Ratisbona protestaram contra a perfidia do imperador, dando como corrompida a fé germanica. Foi muito n'este protesto o manifesto de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador da Suecia, a favor dos direitos de D. João IV. Rematava com estas palavras o manifesto:

«... que lei divina nem humana permittia que fosse preso em imperio absoluto e cidade livre um principe innocente, e officioso ao mesmo imperio, pois por servir ao imperador deixara a patria e a grandeza da propria casa, achando por satisfação o tormento e o evidente perigo da vida.»

Tudo inutil! Nem as supplicas do preso ao imperador valeram mais. Pediu audiencias: Fernando negou-lh'as. Alguns principes intercederam pelo preso, sem proveito. O inflexivel imperador fez remover o principe para outra fortaleza mais remota, en-

tre escolta de sessenta espingardeiros. Aqui demorou seis mezes, e passou a Grats, d'onde escreveu ao bispo de Lamego, que estava em Roma, pedindo a intercessão do Summo Pontifice. Nem a misericórdia do vigario de Christo valeu ás supplicas do encarcerado.

Tiraram-lhe o confessor e criados portuguezes, e deram-lhe como consolador um jesuita allémão.

N'estes trances, vingou o infante fazer chegar á mão do imperador a seguinte carta:

«Muitas vezes tenho manifestado a vossa magestade cesárea a grande injustiça e aggravo que se me faz, quando eu por haver deixado a patria, e a commodidade da minha casa, e havendo servido oito annos a vossa magestade com tanta satisfação, como sabe todo mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o marquez de Castello Rodrigo, continuando o mesmo que já havia intentado D. Francisco de Mello; procura conduzir-me a Milão para que eu sirva de zembaria e sacrificio ao odio e indignação d'este e de outros ministros; porém, espero da grandeza de vossa magestade que não queira romper em mim as leis da justiça, e aquelle direito no qual me constituiram a hospitalidade e fé publica, inviolavel entre as mais barbaras nações. Pelo que, espero que vossa magestade terá consideração á minha justiça e innocencia, deixando uma e outra nas suas imperiaes mãos, até que vossa mages-

tade me franqueie o direito das gentes com a mesma liberdade do imperio, não permittindo que se execute em mim novidade que sirva de exemplo tão prejudicial á fé publica. Representando juntamente a vossa magestade o grande amor, trabalho, e despezas, com que tenho servido a vossa magestade, expondo a vida a muitos perigos, como agora fizera com o mesmo animo e fidelidade, se vossa magestade m'o permittira. Guarde Deus a imperial pessoa de vossa magestade cesárea. De Grats 16 de março de 1642. *D. Duarte.*»

Responde, em nome do imperador, o valido comprado por Castella :

«Dei a sua magestade cesárea a carta de vossa excellencia e lhe referi tudo o que vossa excellencia me escreveu em dezeseite do passado. Sua magestade cesárea me respondeu muito benignamente declarando não querer aggravar vossa excellencia na sua afflicção, mas allivial-o muito depressa, e em sendo tempo fazer-lhe todo o favor: o que se me offerece referir a vossa excellencia, beijando-lhe as mãos. Viena, 5 de abril de 1462. *Conde de Transmandonff.*»

II

Verdadeiramente que não acho termos com que encarecer o horror que me faz este successo, olhando para o imperador, e a lastima, a que me obriga esta tragedia, pondo os olhos no infante.

CONDE DA ERIGEIRA (*P. Restaurado*).

Não se havia ainda o imperador declarado despedadamente o coroado algoz do irmão de D. João IV. Avulta a infamia á medida que a perfidia se rebuça no manto real. A resolução estava definida. A liberdade ou vida do leal servidor estava contratado com a Hespanha.

O traidor Mello foi premiado com o governo de Flandes, para onde se abalou, deixando o infante entregue ao marquez de Castello-Rodrigo, mediante quarenta mil cruzados que o imperador recebeu para alienar de tal convenio a sua honra.

Quiz o marquez levar preso a Hespanha o infante; mas temeu-se de convisinhar de Portugal, e

ainda mais de passar com o preso por estados de principes livres, que poderiam não querer (pondera um historiador) que os seus estados fossem estrada de acção tão indigna.

Mais pelo seguro, resolveram encarcerar-o no castello de Milão. Presagiu o infante este horrivel destino, e perguntou ao caudilho da escolta se o levavam ao castello. Primeiro, sob juramento, dissuadiram-o do susto; depois, intimaram-lhe a prisão. Este, sem demudar o semblante, disse serenamente: «Seja Deus louvado! *Exierunt cum gladibus et fustibus tanquam ad latronem...*»

No mesmo ponto encerraram-o em uma liteira, e assim foi dado a um commissario imperial. Nas raias de Valtevina, passou D. Duarte á guarda de um commissionario milanez. Quando o enviado imperial se despediu do infante, este lhe disse: «Dizei ao imperador que maior pena me dá haver servido a um principe tyranno que o vêr-me preso, vendido, e entregue a mãos de meus inimigos; mas que Deus hade permittir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seus filhos, que não nasceram mais privilegiados que eu; pois a casa real de Portugal de que descendo não cede em sangue á casa de Austria; e que se lembre para mortificação sua, como a mim me succede para meu allivio, de que as historias hão de fallar n'elle e em mim.»

No decurso da jornada, conseguiu o infante vêr as ordens. Eram firmadas pelo imperador, e diziam;

no caso de encontrarem algum poder que quizesse livrar o infante, o matassem primeiro.

Entretanto, o marquez de Niza, embaixador em França, machinava traças de arrancar o principe, com homens salarizados, ao dobrar as fortalezas do imperio para o ducado de Milão. Malogrou-se o honrado intento.

Designaram os castelhanos no forte de Milão a torre da Roqueta, onde era uso encerrarem-se os reus de grandes delictos e de mais baixa condição. Nem uma hora o confiaram dos ferros, sem que a sentinella lhe espiasse os mais leves actos. Privaram-no de criados e de toda e relação externa.

E assim no passar lento de oito annos!

Algumas vezes escreveu D. Duarte a seu irmão, rei de Portugal. O padre Francisco Porti, que lhe dizia missa, sabia que, debaixo da alcatifa do degrau do altar, estavam papeis do infante, escriptos a lapis sobre o livro em que elle resava durante a missa. No mesmo logar, achava o infante as respostas.

Em honra de D. João IV, dizem os chronistas coevos que nenhum esforço foi remisso no resgate do irmão. Quatrocentos mil cruzados foram offerecidos a Castella, e depositados em Italia. Não sahiu o rei com o generoso intento. Philippe IV dava-se por melhor pago com as torturas cada hora de oito annos.

Ao cabo de muitas esperanças mortas, levou para si a divina piedade a alma do martyr.

Trinta e nove annos tinha quando morreu. Aos trinta e um de flores, de desejos, de glorias, entrara na masmorra, onde se presume que a peçonha lhe poz termo ao martyrio.

Author coevo descreve assim D. Duarte de Bragança: «Era valoroso em grau muito superior, e trazia unidos na esphera mais superior o entendimento e a prudencia. Esmaltava estas partes com uma liberalidade tão affavel, que parecia que ficava obrigado a todos os que beneficiava. Foi de estatura levantada, branco, e louro, e todas as feições tão proporcionadas, que levava os olhos de todos a sua gentil disposição.»

Offerece-se este painel aos politicos de mão furada, que espalham flores na estrada da servidão para que os cautelosos não vejam as nodoas de sangue que lá derramaram nossos avós. D'estes politicos em todo o tempo os houve: aquella mesma época os teve. Quando o infante agonisava, houveram ahi portuguezes que, mirando a consolar a paixão do rei, denegriam a memoria do encarcerado principe, dizendo «que um dos fundamentos da conservação d'estes reinos era não vir a elles o infante, cujo natural era caprichoso, ativo, e faustoso. «Outros com dobrada infamia, senão crassissima estupidez, accrescentavam: «que o exercicio da guerra allemã lhe havia ensinado ao principe idéas militares, que não serviam á moderação necessaria em guerra defensiva.»

Estes abjectos contemporisadores por pouco não agradeceram a Castella e á Austria o favor de nos matar o infante nas masmorras do Forte de Milão!

CEZAR OU JOÃO FERNANDES?

CEZAR OU JOÃO FERNANDES?

I

CEZAR NA FOZ

Era Cezar um quartanista de mathematica, moço mui bem posto, com uma testa significativa de talento, olhos grandes, negros, e scismadores, bigode turco, lustrosos cabellos, luneta, e outras muitas excellencias physionomicas muito de impressionarem damas.

Contava Cezar vinte e quatro annos em 1856; e, n'esse anno, a vinte e dois de agosto, pelas seis horas da tarde, estava elle no caes de Carreiros, em S. João da Foz.

Sentado na rocha mais contigua ao mar, com a caçadeira a um lado, anediava a cabeça de Diana. Diana era uma cadella perdigueira, que, em desprezo da mythologia, recebêra o nome da deusa venatoria.

N'esta occasião, o caçador não pensava na my-

thologia, nem affagava conscientemente a meiga caddella. Devaneava em enlevos amorosos, ia com olhos e espirito por esses mares e ceus além, vendo e ouvindo a mystica visão e o mystico psalmejar dos que amam e scismam á beira-mar, se ceu, mar, alma, e ouvidos são os d'aquella idade. Aos vinte e quatro annos, todo o homem recebe do Creador a mercê de lhe mostrar a formosura da natureza, como ella seria sempre, se não fossem as paixões más; por que, aos vinte e quatro annos, todas as paixões são affectuosas, e boas. Quem então as sente infames está a transformar-se de homem em fera.

Ora, Cezar tinha visto, oito dias antes, na Cantareira, uma menina de vinte annos, mais que muito bella, illuminada da santa aureola da innocencia, que é a poesia dos anjos, e da meiguice affavel, que é a poesia dos homens. Tambem Clotilde vira Cezar embellesado n'ella, com aquelle ar de assombro, que a formosura incute, assombro que seria estúpido, se não fosse sublime.

D'este verem-se a procurarem vêr-se de novo não mediou a mais leve operação do raciocinio. A razão, como entidade inutil n'aquelle subitaneo fever de duas almas, agachou-se a um canto com medo de ser atropelada pelo coração. Tenho para mim que esta importante coisa, chamada *razão*, com respeito aos incendios do amor, é uma especie de bomba que chega, quando o melhor da casa tem sido devorado pelas chamma.

Veiu, talvez, intempestiva a figura analogica no presente caso: Clotilde e Cezar não tinham ultrapassado os limites da honestidade, embora dessem na vista de algumas familias com o seu fitarem-se de um modo tão penetrativo. Assim mesmo, nem a razão, nem a honestidade tinham de que malsinar os mudos colloquios dos quatro mais peregrinos olhos, que ainda conversaram na Cantareira, salvando os das pessoas que fazem favor de me lêr.

Como anoitecesse, e a mãe de Clotilde espirrasse, o pai da menina espirrou tambem, e disse que a viração os estava constipando. Clotilde observou meigamente que a noite estava calmosa e socegada: porém, a encatarroada senhora espirrou novamente, e não houve remedio senão recolherem-se.

Cezar seguiu de longe com infantil respeito e susto a familia, até áquella parte mais elevada da Foz, que chamam *Monte*. Viu-a entrar em casa, animou-se a convisinhar da porta, que se fechara com aquelle estrondo, que é uma rija pancada em peitos de amantes, e por ali se deteve alguns minutos, contemplando as janellas, e dizendo entre si: «Ou me não ama, ou me apparece, por detraz das vidraças, quando mais não seja.»

Este monologo não me parece tão lyrico nem puchado de linguagem quanto era de esperar. Eu achava muito mais interessante que Cezar começasse o seu monologo por estas ou equivalentes palavras exclamativas: «Ó tecto abençoado, que cobres a man-

são da minha amada! Ó receptaculo de um anjo!
Ó pedaço do ceu povoado por Ella...» *Et cætera.*

Devia ser assim, e creio até que algumas vezes terá succedido dizerem amantes coisas muito mais peitoraes diante da pedra bruta que os separa do objecto amado; mas, a darem-se factos semelhantes, isto é, a apostrophe do homem á pedra, eu ficarei propenso a crer que a intelligencia da pedra tem razão para rir da intelligencia do homem. O mais ordinario e corrente é não dizer ninguem semelhantes palavriados em casos analogos; e, por tanto, Cezar não disse disparate nenhum, pelo qual desde já o encartemos na repartição dos namorados alarves.

O successo diz em credito do moço. D'ali a pouco, abriu-se subtilmente uma janellela, rangeram gomas, ciciaram sedas, entre a compressão das malabertas portadas, e Clotilde encostou-se ao banzo da varanda.

N'este ponto, Cezar deu um testemunho indelevel de seu purissimo amor: é que não avançou um passo da sua postura estatuaria, não proferiu um monosyllabo, nem acreditou inventada a palavra propria da sua situação! Isto, leitor, é que é amar; isto é que é poesia. Creia vossa excellencia que, se elle tivesse dito entre si: «Ó tecto abençoado, que cobres a mansão da minha amada!» tambem depois exclamaria umas parvoçadas muito mais graúdas, com as quaes, meninas incautas se deixam imbellucar, excepto aquellas que leram, ao sahirem do col-

legio, historias de tolos, e desde logo formaram em seu espirito uma especie de estallão para lhes medirem a altura, quando a desgraça lh'os deparar ao correr da vida.

A ellas, e a nós, e a todos os que nos lerem, livre Deus de tolos, tolos á força de estylo, que são os mais damninhos herpes do corpo social.

Enfiando o conto, convem saber que Clotilde, passados quatro minutos, sahiu da janella, fechou-a de mansinho, e foi dizendo comsigo: «Que estará elle a fazer ali!? Não se mecheu!... Será elle outro, que tem por aqui namoro?!...»

Esta incerteza incommodou-a. Deteve-se instantes ao pé da mãe, que dialogava em espirros com o pai, e voltou á sala, a espreitar por detraz das vidraças. Lá estava ainda encostado ao cunhal da casa fronteira o moço dos olhos languidos. Clotilde reconheceu-lhe os olhos ao clarão de um phosphoro com que Cezar accendia o charutó, e disse, com alvoroço: «É o mesmo!» Foi buscar um castiçal com que, para ser vista, alumiou a sala; e encostou-se á vidraça.

O catharro da familia cresceu de ponto. Os enfermos resolveram recolher mais cedo que o costume, e tomar chá de tilia e lorangeira na cama. Clotilde recebeu a louvavel ordem de tambem recolher-se antes, e esperar o chá no seu quarto. Ao sahir da sala, a menina apagou o castiçal junto da janella. Era um signal de ausencia, e mais nada; Cezar, po-

rém, imaginativo e scismador, entendeu que o apagar-se subitamente a luz significava o sumir-se a estrella da sua vida.

Por horas altas d'aquella noite, quando elle se julgava sosinho com a lua nos infindos espaços da criação, fallava com a lua — victima obrigada de todos os amantes infelizes e massadores. Alvoreceu-lhe o dia nos pinhaes de Nabogilde.

D'ali voltou ao seu quarto no *Hotel da Boa Vista*. Escaldou o systema nervoso com algumas chavenas de café, e foi para a praia do Caneiro. Sentou-se nos fragoêdos a tragar a frescura humida das ondas, que o borrifavam. Fumou charutos pessimos até sentir as ancias do vomito. Ergueu-se azoado. Foi duas vezes a Carreiros, outras duas a casa. Encontrou amigos, que o saudaram, e elle não os viu. Tacteava o pulso, e dizia-se: «cento e vinte pulsações!» Levava as mãos á frente, e murmurava: «Uma paixão!»

Uma paixão devéras!

Vai agora dizer-se quem eram os pais da menina.

II

QUEM ERAM OS PAIS DA MENINA

A menina era filha do commendador Ignacio José Leituga, e de sua mulher a senhora D. Caetana Emilia, residentes no concelho de Sinfães, pessoas abastadas, bons visinhos, e de mui são costumes e notoria christandade.

Leituga, na mocidade, alinhavara-se mal com a sua vida.

O pai, serrador de madeira, quizera mettê-lo ao officio; mas o moço, empurrado a melhores destinos, fugiu para o Porto e por aqui andou em apuros desde 1823 até 1828, umas vezes empregado como adjuncte ao cobrador das rendas dos frades da Serra, outras como vigia de armazens em Villa Nova, e ultimamente, mezes antes da tentativa re-

volucionaria de 1828, entrara elle como guarda barreira em Quebrantões.

Se o senhor Ignacio, n'aquelle tempo, era liberal, e já do fundo da sua obscuridade saudava a aurora da civilisação, não sei, nem elle mesmo sabe dizer o que sentia a respeito dos direitos do homem. O que Leituga queria era melhorar de posição, ainda que para isso a posição de algum seu amigo peiorasse: desejo este que não deve sujar a reputação do senhor Ignacio, n'um tempo em que a familia portugueza, dividida em duas hostes inimigas, se ufanava em mutuamente se anniquilar, com o fim um pouquinho immoral de ficar a hoste vencedora com o espolio da hoste vencida. Isto é o que se figura á primeira vista; porém, quem souber alguma coisa de philosophia da historia, e dos arcanos em que a civilisação esconde o segredo das suas operações, desvia os olhos do espectáculo feio das nossas luctas fraticidas, e remonta o espirito a certas alturas. Ora, a guerra, a orphandade, a viuvez, o sangue, e a penuria são bugiarias que não impressionam as almas que lá das taes alturas da philosophia olham para isto, que se chama humanidade.

O senhor Leituga invejava o logar do guarda fiscal de Quebrantões: inveja, que já não pertence á dos *sete peccados mortaes*, por ser uma inveja do emprego do amigo, coisa tão congenial da natureza humana, que os confessores já se abstem de per-

guntar por isso. O guarda fiscal era realista ferrenho. Ignacio, com um olho no logar do visinho e outro na regeneração do paiz, fez-se liberal ferrenho tambem. Romperam-se as hostilidades no campo dos principios, e dispararam na consequencia final de se amolgarem os narizes os dois politicos. Ignacio, accusado ao chefe, foi despedido; e, mezes depois, emigrou para Hespanha passou a Inglaterra, e de lá á Terceira, d'onde veio expedicionario, e já furriel.

Terminada a guerra, foi Ignacio Leituga a Lisboa com o invariavel proposito de requerer o logar do vigia de Quebrantões. Melhor fada o esperava. Hospedára-se elle n'uma taberna da Ribeira Velha, denominada a *Estalagem da Forçureira*. A forçureira era uma mulher redonda e suja, que tinha uma filha esguia e limpa. Nunca tão desconcertada a natureza andára na dessimilhança de uma creatura desentranhada de outra creatura!

Ignacio, bemquisto da estalajadeira, entrou com os olhos no coração intacto da moça, e viu-se amado. Sem averiguar dos teres e haveres de Caetana, pediu-a á mãe. A judiciosa velha, considerando os perigos a que estava sujeita uma rapariga bonita em época de tamanha desmoralisação, accitou a proposta, com a clausula de que os casados ficariam em casa, e o genro despiria a farda de 1.º sargento para se entregar ao tráfego do negocio. Leituga conformou-se da melhor vontade, e desistiu do

emprego, que lhe fôra dado na alfandega do Porto.

Em 1836 morreu a forçureira, momentos depois de ter revellado á filha onde tinha o dinheiro, ganhado em cincoenta annos.

Ignacio nunca tinha visto nem sonhado tamanho cabedal em oiro! Passava de cem mil cruzados o thesouro accumulado.

De commum accordo os herdeiros trespassaram a taberna, e cuidaram de empregar mais socegada e limpamente o seu capital.

Caetana era docil, modesta, boa esposa, desaffeiçãoada a festas, ignorante de todos os chamados prazeres da vida, amiga de dormir e de comer. Além d'isto, o seu grande amor era uma filhinha, nascida em 1836, o botão d'esta florentissima Clotilde que, vinte annos depois nos vem espantar na Cantareira, com as suas graças aristocraticas, de modo que o leitor fica sinceramente persuadido de que a aristocracia de sangue tem umas graças especiaes, infalliveis e intransmissiveis ás raças plebeas. A maior parte das coisas humanas decidimo-las e definimo-las com tanta critica e segurança como aconteceu com a fidalguia de Clotilde, inferida do adelgaçamento da cintura, e mimo do pé.

Voltando a 1836, Ignacio resolveu tornar para a terra do seu nascimento, comprar propriedades, edificar uma boa casa, e melhorar a sorte da parentella pobre. Caetana gostou da idéa, e começou

desde logo a engordar com a perspectiva de comer muita castanha e chouriços de sangue, comestiveis de sua particular predilecção.

Realisou Leituga o seu programma, com muita felicidade. Estavam em praça dois conventos de frades entre Douro e Minho, os quizes, á falta de lançadores, elle comprou ao desbarato. De um convento, reformado e affeiçoado profanamente, á vontade de seu dono, fez Leituga a sua residencia pomposa, vastissima, e tamanha que D. Caetana tinha medo de andar em casa, e via phantasmas de frades a cada canto. Ignacio tinha illustração de sobra para espancar phantasmas e para convencer sua mulher de que os frades eram tão maus sujeitos que nem phantasticamente podiam apparecer a ninguem. D. Caetana, convencida, continuou a comer, a dormir, a encher, e a doidejar de amores da sua Clotilde.

Dobrou em doze annos a fortuna do senhor Ignacio; e a consideração publica no seu concelho tocou o apogeu. Foi juiz ordinario em 1841, administrador em 1844, presidente da camara em 1845, teve votos para representante do povo em 1849, foi commendador da Conceição em 1852, e eleito deputado por uma maioria, rara na historia do nosso systema representativo em 1854.

A sua individualidade no parlamento acreditou-se pela modestia e sisuzeda do silencio. O ministerio considerava-o bruto e homem de bem — qualidades

excellentes, que, se acertam de se ajuntarem, levam um homem onde elle quer ir, e levam com o mesmo sujeito toda a gente, que elle quizer levar consigo.

O commendador Leituga, com admiravel despreendimento e desinteresse de obsequios dos ministros, conseguiu empregar uns dezenove parentes, que tinha, em dezenove logares. Virtude rara! Porque ha deputados que fazem despachar dezenove parentes para trinta e oito logares.

Clotilde e sua mãe acompanharam a Lisboa o deputado, D. Caetana queria vêr a casa onde nasceu, e espreitar o recanto da taberna em que sua saudosa mãe costumava provar as forçuras e fazer as contas com os freguezes sentada n'um mocho vermelho. O commendador, porém, concedendo a sua mulher o prazer innocente de ir contemplar a taberna, prohibiu-a de se acompanhar da filha, cujos espiritos atiravam vôo para coisas mais levantadas, e o pai, sem saber como, nem porque, sympathisava com a condição afidalgada da menina.

Como é de crer, Clotilde não passou depressentida na capital. Leituga tinha fama de rico, e a filha, só de per si, era um thesouro, maiormente para os bons apreciadores de uns olhos negros, de uns cabellos d'ébano, de uns labios e dentes cujo coral e marfim estalaram as consoantes dos cardumes de poetas, que se perfilavam ao perpassar a bella provinciana.

Honra seja feita aos poetas do Chiado! Cantaram-na, em trovas immortaes, com raro desapego: que o poeta, digno d'este nome, canta a mulher como canta a lua, o oceano, e outras coisas grandes: canta, adora, inleva-se no extasis do grandioso, e não pede ao Creador a lua, nem aos pais das meninas, que canta, as meninas cantadas. Ser grande é isto! A poesia, que não fôr isto, é... a poesia que fazem todos os poetas.

III

CASO NOVO!

Consta do capitulo primeiro d'este aranzel que o pensativo Castro estava em Carreiros, olhando contra o mar, oito dias depois que vira Clotilde.

N'este espaço de tempo, o academico soubera que a menina era rica, e o pai ambicioso de um genro titular. Em quanto á qualidade de ser rica, nem por isso o desconsolou a informação: que as almas mais refinadas em poesia — almas empéttadas e perdidas, se não tomam tento no corpo — costumam conformar-se e resignar-se, quando a sorte as une a outras almas aleijadas com o pezo de algumas dezenas de contos de réis. Porém, a clausula do titulo desanimou-o, esfriando-lhe aquella ardi-deza temeraria que, aos vinte e quatro annos, impelle o mancebo a affrontar difficuldades.

Andou o moço scismatico á esquadrinhar que entrada lhe offerecia a natureza das coisas para a classe dos titulares. Via elle muita gente exquisita com titulo, e pasmava de sua propria insufficiencia para, na volta do correio, mandar vir de Lisboa um diploma. Parece que o amor o tinha algum tanto embrutecido! O homem, se tivesse normal o espirito, havia de vêr que os titulos, quando não distinguem á primeira vista o merecimento do agraciado, mandam presumir que o merecimento existe. «Que fez aquelle homem para ser visconde?» — usam perguntar os detractores e os ociosos. A sã razão responde que tal visconde tinha virtudes civicas de que não fez praça diante do publico. Os altos poderes, bem que elle modestamente escondesse o seu civismo, descobriram-o e agalooaram-o. Ahi está porque é visconde a pessoa que a gente não sabe dizer porque o é. Os governos é que sabem. Quando a geração actual tiver passado, os curiosos da geração vindoura irão ás Secretarias averiguar o porquê de tanta fidalguia creada em tempo de tamanha paz e de vida tão ramerraneira, aprozada e plebea. Bom é que averiguem para credito dos nobilitados e dos nobilitantes. Então se hão-de vêr, em recatada sombra, se a traça ou a manteiga os não tiver estragado, os requerimentos documentados, as justificações indubitaveis dos que, para incitamento de si mesmo e lustre da nação, quizeram sahir da mediania de seu nascimento. E assim o seculo vir-

douro fará justiça ao seculo ido, e aos homens que vão com elle a uma certa e benemerita immortalidade.

Lastimava-se o academico de não ser titular. O coração a içar-se para a alta poesia e superfina natureza do amor, e os preconceitos sociaes a pucharrem-no para o villissimo barro. Que absurdo encontro de extremos! Cezar, em occasião de tanto espirito, e desapêgo, desejava ser o que dias antes mettia 'a riso na pessoa do barão da Penajoia, pai de um lôrpa, sen visinho, chamado João Fernandes, de quem faremos chronica logo adiante.

Em menos sensatas cogitações se ingolphava Cezar, quando enxergou duas damas, que os olhos mal discriminavam, mas o coração logo farejára com aquelle nariz de coração namorado, nariz digno de um volume á conta d'elle, d'elle nariz, digo eu, e não me despeço de escrever eu o volume, e o leitor, se ama ou amou, tem de ficar pasmado quando souber o nariz do coração, que teve ou tem.

Vinham as damas a apontar na sahida da Foz para Carreiros, e eram Clotilde e sua mãe. Ergueu-se Cezar, e fitou a orelha da audição interior, orelha, que merece ser descripta n'outro volume, para emparelhar com o volume do nariz, obra de que tambem eu me encarrego, e dos mais que vierem a proposito, de modo que espero brindar o publico respeitavel com a descripção anatomica da segunda pessoa que cada homem namorado encerra em si.

Agora, vai Cezar cogitando e ideando empresas arriscadas, feitos façanhudos, successos extraordinarios, com os quaes a sua boa estrella lhe azasse occasião de captivar o coração de Clotilde e as sympathias do commendador Leituga e da consorte. Lembrou-se do *Antony* de Alexandre Dumas sustentando o impeto da desenfreada parelha, e escalavrado pela lança da carruagem em que se ia desmaiada de terror a querida da sua alma. Lembrou-lhe o *Pedro* do drama do sr. Mendes Leal salvando das lavaredas a filha orgulhosa do fidalgo. Lembrou-se das eras felizes em que da bravura do campeador de castellans resultava a conquista da menina refece, ou a perda da vida na passagem defêsa, perda que vinha a ser um grande lucro, em comparação da esquivança da dama requestada.

«Que tempos estes de prosa ferrea, prosa negra, vilan e esmagadora de toda a alma, que pucha a destinos extraordinarios! — exclamava Cezar, ao longo da praia, com os olhos postos nas duas senhoras, que elle via acoradas a apanharem seixinhos. — Não se ageita caso nenhum — continuava Cezar — em que um homem possa distinguir-se aos olhos da mulher, que ama! Afóra a distincção, que dá um carro bem puchado de cavallo ajaezados lustrosamente, e a outra distincção menos ruidosa de possuir acções nos bancos, uma só conheço em que algumas vezes tem vingado; é a tolice desmedida, a tolice sem horisontes, a tolice que vence a

razão, porque a razão do homem é limitada, e a razão da mulher é limitadíssima, e a tolice sem limites abrange o mundo moral e o physico, abrange os dois sexos, e ha-de abranger um terceiro, quando a civilização o tiver inventado!»

Por esta grande tolice ia tambem já abrangido o coração do declamador desvariado, quando as duas senhoras Leitugas se levantaram da postura menineira, e seguiram seu caminho na direcção de Cezar.

O moço caminhou tambem para ellas, a passo mesurado e cadencioso como usam andar os amantes tristes.

Clotilde avistára-o, e estremeceu nervosamente, porque era muito assustadiça a menina, quando avistava homens mais ou menos parecidos com a imagem ideal que ella formára de um certo Agobar, seu sympathico conhecido de não sei que novella de Arlineourt, a quem Dens perdôe o mal que fez ás meninas do seu tempo, e ao senso-commum de todos os tempos.

A vinte passos de um fôssô inlameado por onde se escôa a sangoeira do açougue da Foz, Clotilde e a mãe pararam, olhando contra um barco a vapor que approava á barra. Cezar estugou o passo, e parou tambem a vinte passos para além do fôssô, fingindo que observava a entrada do vapor.

A cadella, no entanto, para desencalmar-se na frescura da lama embebida em sangue, entrou pelo

fôssô dentro chapinando e agachando-se nas poeiras em que a veia d'agua se represava mais cristalina.

N'este chafurdar andava Diana, quando uma enorme ratazana espavorida saltou de sua lura, e, acoçada pela cadella, correu ao longo do barrôco em direitura ás duas senhoras, que se haviam chegado ao fôssô para verem o prazer com que o quadrupede encalmado se retouçava.

D. Caetana, ao dar tento da ratazana, cuja cauda eriçada e encaracolada fazia pavor á propria Diana, expediu um grito, e clamou:

— Olha, olha, Clotilde...

Clotilde, apenas encarou no quadrupede, estendeu os braços inteiriçados, abrindo e espalmado as mãos, e voltando o rosto como fazem todas as atrizes tragicas notaveis, quando acertam de verem prepassar pela lona do scenario lugubre algum fantasma mais ou menos papellão; e depois d'estes e outros feitios e tregeitos e caretas estarrecidas, tirou da arca do peito um grito estridulo de horror, e... ia desmaiar, quando o estrondo de um tiro a fez saltar mais ingente brado, e a espertou para abrir os olhos sobre um espectaculo digno de ser contado por penna melhor aparada!

Cezar recebia dos dentes da cadella a ratazana agonisante, e levantando-a ao alto, disse:

— Está morta!

Clotilde respondeu com um vagido congratulato-

rio á ovação do fino amante; porém, reparando que elle tinha entre os dedos a cauda do bicho repulsi-vo, exclamou:

— Largue isso!... pois não tem nojo!... captiva!

Cezar, corrido da suja acção do seu enthusiasmo, deixou cahir o cadaver da ratazana, e desceu ao mar a lavar as mãos.

Quando voltou ao local em que praticára a façanha, as senhoras tinham desaparecido, no pinhal visinho, para encurtarem o caminho de casa.

O amante, fino de mais para estes grossos tempos, introu-se de uma convicção dura de tragar; e, pondo os olhos no corpo ensanguentado da ratazana, disse:

— Não valia a pena aniquilar-te, creatura do Senhor, nota do hymno da criação, ente necessario á perfeição do Cosmos! Não valia a pena matar-te, para satisfação dos nervos de uma ingrata!

Disse, e deu com a coronha da arma na cadella que queria comer a rata! Que a faminta Diana, ia-se a pique de morrer de fome, todas as vezes que seu dono amava!

N'isto, chegou João Fernandes.

IV

JOÃO FERNANDES

Já se disse que o barão da Penajoia, antigo Manoel José Fernandes, o *Chicha*, de alcunha, era a machina productora de um filho unico, que houve nome João, e se estava, ao tempo d'esta historia, gosando das graças do diminutivo *Joãosinho*. As moças da Penajoia, Mesãofrio e Molêdo amavam-no, e perseguiam-no, sem embargo de elle ser vêsgo, e zambro das pernas o seu tanto ou quanto. Dizia-se que João Fernandes botára a perder algumas raparigas lá do Doiro, e casára outras com beneplacito e dinheiro do pai, no louvavel intento de calar as familias, e calar o escandalo, — o escandalo que é muito mais rebelde de accomodar que as familias.

João Fernandes estivera no Porto, em rapaz,

estudando francez na academia, e então conhecera Cezar, seu condiscipulo. Fechado de cabeça como uma pedreira de marmore, o filho do barão da Penajoia não aprendeu nada, e gastou um anno e algumas duzias de moedas a namoriscar as loiceiras dos sotãos da academia, e as fructeiras da praça do Anjo. Trajava com elegancia, vestia luva gema de ôvo todos os dias, e aos domingos alugava cavallo, e, á falta de ruas, e de espaço por onde passeasse o galope do cavallo e da alma desenfreada, batia as mesmas calçadas cinco vezes em cada dia de equitação.

Fernandes ficou sobremodo alarve, e contente de si. Tudo lhe sahia ao pintar. A fortuna ameigava-o com entranhas da mãe estúpida, que se indoi-dece de alegria, ao vêr-se escouceada pelo filho boçal. Parece que a natureza fôra feita privativamente para regalo d'elle. As mulheres da Penajoia, como fica escripto e annunciado á posteridade, amavam-o a peito. Nenhum vêsgo e zambro abusára mais a froixo das delicias d'este globo, tão avaro d'ellas para incalculavel numero de homens bem apessoados, escoreitos, e até poetas! Aquelle bestunto gisava prazeres, e para logo os mais dadivosos acasos confluíam a chover-lhe contentamentos ao molde e talho de sua suez phantasia. O amor, principalmente o amor, se é cego, como dizem, apertára sobre os olhos uma dupla venda com receio de vêr o sandeu a quem servia humillimamente. Era coisa de fazer chorar uma pedra vêr que donzellas, que

secias, que tafulas das mais cubiçaveis da freguezia, lhe sahiam ao encontro do caminho, por sobre o qual um escriptor de gosto e estylo diria que legiões de cupidos lhe avoejavam iriando-lhe a luz, e inflorando-lhe as alfombras de sua passagem! Isto assim dito, a respeito de João Fernandes, seria bonito e digno. Agora penso eu que se está fabricando, pelo quilate d'aquella, uma linguagem para uso dos immortalisadores das pessoas distinctas, como João, e outros.

Achava-se Fernandes na Foz por causa da fidalga de Canellas, morgada de Encavalgados, filha unica, creatura alegre, bonitota, e bruta. Esta senhora, chamada Filippa, gostava d'elle, e convidára-o a comer letria, uma vez que o vira n'uma festa de egreja, lá em Canellas. João comêra a valer, sem dar fé de se lhe ir o coração e estoirando de amor. D'outra vez, a fidalga foi á Penajoia, onde tem um casal, e, convidada pelo barão, foi comer arroz doce *vis-à-vis* de João Fernandes. Desde esta saudosa comesaina, os dois corações ataram-se com tão cego nó que parecera ser aquelle amor para disputar constancia e duração com a eternidade. Eram dois azemeis talhados, vasados, fundidos na mesma fôrma. Se estes se não amam até á campa não ha nada certo, em materia de amor, materia materialissima, e amor animal, amor fibroso, amor de osso e musculo, carne de carne, e para uma só carne, como o Evangelho diz que sejam marido e mulher.

D. Fillippa Paiva e Pona foi a banhos de mar, á conta de flatos, e enchimentos de estomago, e outras doencas de má cara. O cirurgião mentira. A morgada de Encavalgados era sadia, nedia, e oleosa como um chouriço de sangue. Fôra João Fernandes que a induzira a queixar-se de uma dôr da ilharga esquerda, e a deitar-se da cama abaixo, ululando uns gritos esthericos, e torcendo-se em tregeitos e esgares tão assustadores, que a gente de mais são criterio de Canellas deu a fidalga como possessa do cão tihoso, contra o qual se fariam exorcismos, se o demonio se não antecipasse a dizer, pela bocca do cirurgião, que a morgada precisava de banhos de mar.

Em virtude do que, desceram á Foz os Paivas e Ponas, em companhia de João Fernandes e de alguns prezuntos, e varios folles de feijão, e outros legumes, e farinhaceos.

Agora, tem o leitor a felicidade de encontrar o filho do barão da Penajoia, a palestrar com Cezar, no mesmo ponto em que ouvimos o raticida apostrophando o cadaver ensanguentado d'aquella mansa victima immolada aos nervos de Clotilde. Mas antes de aproximal-os, vejamos ainda bruteszas novas de Fernandes.

Descia elle da parte do monte, na occasião em que as damas se iam de fugida por entre os pinheiraes, e tirava da algibeira um binoculo de theatro com que andava sempre prevenido. Assestou os vi-

dros ás damas fugitivas; e, como quer que uma silva prendesse o vestido de Clotilde, e indiscretamente lhe mostrasse da perna uma porção bastante a delatar maravilhosos mysterios, posto que a desvendar o segredo fosse bastante o pé, que assim o disse o poeta de Rola:

.....

lors qu'on voit le pied, la jambe se devine

.....

João Fernandes, vinha eu contando, como visse pelo oculo, o quer que foi da perna, e como parvo que era, cuidasse que estava na Penajoia, expediu do peito alvar uma gargalhada, e disse em vozeamento de cabreiro que falla ao rebanho: *Isso é que é perna! Viva quem é uma flor!*

Clotilde e a mãe olharam ao mesmo tempo, e viram o atrevido cavalgando uma parede, com o binoculo assestado.

— Que petulante estúpido! — disse abafada de cólera a menina.

— Anda d'ahi, acudiu a mãe, faz de conta que o não ouviste. Apanha as saias!

E João Fernandes, sem desfitar o oculo, cantou na toada galhofeira da musica popular, estes dois versos:

Ponha aqui o seu pésinho,
Ponha aqui ao pé do meu.

Cezar subira então a um cômodo de areia, por ter ouvido o fallarís do insolente, e avistou João Fernandes, que vinha em direitura d'elle, assoviando a moda do *pésinho*.

— Ólé! — disse o da Penajoia — Cezar, condiscipulo, amigo, *et cætera!* Estavas tambem á espreita do *pésinho* da encantadora nympha!?

— Calla-te, selvagem! — respondeu o academico — Tu és um grosseirão!

— Pertenciam-te as creaturinhas?! — redarguiu João Fernandes — Perdoarás! Eu cuidei que não offendia ninguem com isto! Vossês, os rapazes civilizados, andam atraz das senhoras nas salas para lhes dizerem em segredo que ellas tem o pé muito galante; e vai depois, se acontece um homem franco dizer em voz alta a uma senhora que ella tem a perna bonita, porque ella deixou vêr, vossês chamam grosseiro e bruto ao homem! Que dizem lá os teus authores a este respeito, meu doutor?

— Os meus authores dizem-me que tu és um asno; e como a asneira é a soberania do Universo, e a mãe de todos os heroismos extraordinarios, respeito-te, amigo Fernandes, descubro-me diante de ti, e vou meu caminho para me tu não convencesres de que eu sou um tôlo superior a ti.

— Ouve cá, Cezar! — replicou João Fernandes, mettendo-lhe o braço. — Que diabo de mulher é uma mulher que tu estavas hontem a cocar ali na praia? Fez-me móça a rapariga, e tive vontade de

te dizer: «Anda para diante, se és homem; e, se não és homem, faz-te ao largo, e deixa-me fazer a esta nympha dois dedos de namoro!»

— A mulher era aquella que tu apupaste agora, pedaço de marôto. É assim que tu amas as nymphas de Penajoia?

— É assim mesmo, digo-te que é assim, que se amam as mulheres de toda a parte. Agora, vou fazer contigo uma aposta. Dobrado contra singelo. Se ella me não acceitar o namoro, perco eu o meu cavallo russo, e, se eu dentro de oito dias, te mostrar uma carta d'ella, perdes a tua cadella. Valeu?

— Estava capaz de experimentar... — respondeu Cezar.

— Tens tudo a ganhar, rapaz! Ganhas a mulher e o cavallo. E tens pouco a perder, porque perdes a cadellita, que pouco vale, e a moça que, se é o que eu cuido, pouco vale tambem. Que dizes tu, homem?

— Apostei! — exclamou resolutamente o academico — Oito dias para ella te responder. Se te não responde...

— Mando-te o meu cavallo... palavra de cavalleiro!

Cezar encostou mãos e face á coronha da espingarda, meditou, correu a mão pela fronte, e disse:

— Pois o mundo estará assim organizado?

— Assim como?! — interpellou João Fernandes.

— Serás tu o homem destinado a impressionar aquella angelica creatura?

— Sou: tenho-as impressionado mais finas. Conheces a Filippa de Canellas?

— Isso é uma lavadeira! Com que seresma tu me vens argumentar!

— Pois faz-lhe tu a côrte, que eu perco a minha fortuna, se lhe apanhares uma piscadella d'olho!...

— Qual de nós é o parvo!! — perguntou solememente Cezar.

— És tu! — respondeu solememente João Fernandes.

V

VICTORIA DA TOLICE

No dia seguinte, estava o commendador Leituga em Sobreiras examinando um porco de raça ingleza, que recolhia de ser exposto e proposto a premio.

— Abençoado sejas tu que tão perfeito sahistes! exclamava o commendador cossando o cevado no fecinho.

— E foi premiado! — disse um outro commendador circumstante.

— Premiado! — acudiu João Fernandes — pois cá premeiam-se os animaes?

— E reprovam-se os vegetaes, que estudam francez — accrescentou Cezar, que acertára de estar no circulo cujo centro era o porco premiado.

João Fernandes derramou o olho vêsgo sobre o chacoteador, e disse:

— Cuidado com as ventas, Augusto Cezar!... Olha que eu não desattendo ninguem. Falla bem que ninguem te falla mal. Eu fallava com o porco.

— Para fallares com quem te entenda... — redarguiu o academico.

O commendador Leituga voltou a carranca contra Cezar, e disse gravemente:

— A dizer a verdade, o senhor não tem razão. Eu conheço desde hontem á noite o filho do sr. barão da Penajoia, e vou jurar que elle é incapaz de offender pessoa alguma.

Cezar respondeu sorrindo:

— Eu tambem conheço o senhor João Fernandes ha nove annos, e por isso gracejei com elle, sem intenção de beliscar a sua vaidade de conhecedor da lingua franceza...

Estoirava de despeito e raiva o matador da ratzana. Sendo elle o unico homem de talento e espirito, que estava no grupo, era elle por isso mesmo tambem o unico ridiculo e aparvalhado n'aquelle momento. João Fernandes entortava a bocca para morder o beigo inferior, exhibindo a dentadura superior, suja até ao espanto. Esta carêta symbolisava a alegria intima, de se vêr defendido por Ignacio José Leituga, na presença do infausto amator da filha.

Cezar dispensava esclarecimentos. Posto que se

arrecesse de ser suplantado pelo da Penajoia, ainda assim não esperava tão rápida e summaria derrota. Cuidava elle que João Fernandes seguiria a trilha de todos os moços distinctos em materia de namoro, começando pelo principio, que é a parte contemplativa, ou extatica; depois, passando á secção epistolar; e d'ahi ás outras, que variam, consoante as pessoas e as circumstancias. N'este pre-supposto entendeu Cezar que o parvoinho da Penajoia, antes de ousar offerecer uma carta a Clotilde, consumiria alguns dias em seguil-a do banho a casa com a pertinacia estúpida d'um indiscreto, que apostára o cavallo russo, e havia de pagar pontualmente a aposta, se no praso de oito dias não apresentasse uma carta da menina de Sinfães.

Isto cuidava elle como homem de espirito e genio, homem de alta poesia e profundo respeito pelas senhoras, homem que fallava com asco da corrupção da especie humana, e suppunha que nenhuma das pessoas, que elle conhecia, estivesse corrompida. As creaturas dotadas de espirito e genio são assim boas, assim idiotas; e, se deixam de o ser n'alguuma hora, é quando lá do intimo de sua consciencia lhes rompe um gemido, gemido do orgulho castigado, dôr sem igual e sem consolação, porque as desgraças e desenganos que esmagam as almas estremadas do vulgo, são dôres que o vulgo escarnece; e escarneio atroz é esse, porque vai n'isso o

vingar-se a canalha; e a canalha urra triumphante a cada homem distincto que soppesa e recalca no seu esterquilinio.....

Vamos ao conto.

Saibamos de que modo João Fernandes se relacionou com o commendador Leituga.

Ao separar-se de Castro, no dia anterior, entrou em sua casa para pensar se devia pensar na maneira de começar namoro com Clotilde; porém, como lhe não accudisse de prompto pensamento nenhum, resolveu pelo melhor não pensar nada. Resolvido isto, sahio, e foi passear para o Monte.

Ora João Fernandes tinha a dóze de velhacaria, que a natureza concede a cada tolo maior de marca. Elle já sabia quem era a menina, quando pediu informações a Cezar; sabia que ella tinha em Sinfães um cação, e outro cação em Canavezes; sabia que o seu condiscipulo a trázia d'olho, e versejava por amor d'ella, e cruzava os braços sobre o peito, buscando-a no céo, quando ella sahia da praia, e ia para casa almoçar bolinhos de bacalhau; isto dos bolinhos de bacalhau sabia-o elle de ter ouvido dizer ao commendador Leituga que em sua casa todos os dias ao almoço e á ceia comia bacalhau em bolinhos. Tudo isto sabia o velhaco!

Chegou João Fernandes ao Monte, e a primeira pessoa que viu n'uma janella foi Clotilde. A menina, mal o enxergou, e reconheceu, deu uma vira-volta,

e mostrou o costado elegante e as negras pástas de cabelo, que se lhe amoldavam ao torneado das espadas, João Fernandes tossiu, e prolongou um sem ruco, e feio, posto que em certos casos pareça linguagem do coração, e em outros um esforço, que se faz para desembargar os gorgomilos de algum cutello incommodo.

Clotilde, azoada com esta plebea e audaciosa demonstração de affecto, sahiu da janella, e bateu com as portadas na cara festival de João.

— Sempre é muito bruto! — monologava ella, mirando-se no espelhinho do toucador de cedreira. Quem cuidará este homem que eu sou?!

Acabava de fazer esta pergunta a menina, quando a campainha da escada tilintou. A criada pergunta quem é, e responde uma voz exterior:

— Está em casa o senhor commendador?

— Não está: foi para a cidade. O senhor quem é?

— O filho do barão da Penajoia.

— Quem? — perguntou Clotilde — Quem?! — e foi espreitar ao patamar da escada.

— Diz que é o filho do senhor barão da Penajoia — respondeu a criada.

— Um creado de vossa excellencia, minha senhora — accrescentou João Fernandes.

D. Caetana Emilia, que estava lendo uma novella intitulada *O Menino da Selva*, metteu as cangalhas de prata entre as duas paginas, e disse:

— Eu lá vou.

Sahiu com effeito ao tampo da escada, e disse:

— Meu marido não está em casa; se é recado que lhe deixe...

— Eu vinha aqui de mando de meu pai cumprimentar o senhor commendador, e saber da sua saúde, e da sua estimavel familia.

— Mas eu não conheço o senhor barão, que me lembre — replicou D. Emilia.

— Os fidalgos conhecem-se uns aos outros, re-dargui João Fernandes — e a politica manda que elles se cumprimentem. Por isso é que eu vim cumprir os meus deveres; e, como o senhor commendador já me conhece, aqui deixo o meu bilhete de visita.

João Fernandes tirou da carteira o seu bilhete, impresso de modo que depois do nome *João*, estava uma corôa de barão mettida n'uma grinalda, e depois seguia-se o appellido *Fernandes*, e, por baixo, em letras d'ouro: *futuro barão de Penajoia, etc. etc. etc.* e mais abaixo, á orla do papel, estas palavras escriptas do punho do proprio tólo: *creado venerador de vossas excellencias.*

Foi o bilhete para cima, e João Fernandes ia a sahir, quando o commendador apontava ao cimo da rua, defrontando com a sua residencia.

Fez-lhe sensação o vêr sahir João Fernandes de sua casa; este, porém, com o mais socegado animo dirigiu-se ao Leituga, e disse-lhe:

— Venho de deixar um bilhete a vossa excel-

lencia, porque tenho muita honra em fazer o seu conhecimento, e meu pai é da mesma opinião.

— Muito reconhecido ao seu favor — disse o de Sinfães — Eu não tenho o gosto de conhecer pessoalmente o senhor barão; mas lá virá vez de nos conhecermos. Já agora faz favor de subir e descansar.

João Fernandes retrocedeu, entrou á sala, foi apresentado a D. Caetana, pouco depois á menina, que entrou grave e mal assombrada na sala, e d'alli a pouco estava conversando com todos tres, dizendo as suas babozeiras com bastante graça e elegancia, fallando da sua casa apalaçada na Penajoia, das suas quintas do Alto-Douro, dos sevados que se matabam em sua casa, dos casamentos que lhe tinham sido propostos, da sua predilecção pelo arroz doce, e do muito prazer que elle sentia em poder offerecer ao senhor commendador um presunto ainda inteiro de tres que trouxéra de casa.

A esta hora, Augusto Cezar contemplava a estrellá vésper, e dizia:

«Clotilde! palavra de magia, som que as harpas eolias gemem, nota de hymno que desferem os coros angelicaes, talisman, bem-aventurança, Clotilde!

«Como eu te amo, como o coração se me vai em incenso para ti!

«Avoeja á flor dos meus cabellos, ó ave do paraizo!... Os aditos do elysio abrem-se para nós, a

natureza é nossa, e o mar suspira para nos imbalçar
os sonhos, as auras ciciam nos pinhaes para nos
ensaiarem o murmurio, a linguagem rumorosa e
estremecida dos corações felizes!

«Ó Clotilde...

«Ó mariposa dilecta,
Vem abraçar-te e viver
No coração do poeta,
Deixa-te amar e morrer!
Deixa-te amar e morrer
Ó mariposa dilecta;
Vem abraçar-te e viver
No coração do poeta!»

CONCLUSÃO

No fim da tarde do quinto dia depois d'aquella fatal tarde da aposta, Cezar ia caminho de Carreiros, e viu descer dos pinhaes em direcção á praia um grupo de homens e damas. Esfregou tres vezes os olhos, e tres vezes comprimiu as fontes, que lhe estoiravam batidas e inflammadas pelo vulcão do cerebro incendiado. O que elle vira fôra uma visão das que Satanaz reserva para os reprobos da ultima casta: João Fernandes vinha de braço dado com Clotilde, e ella de vez em quando, dava-lhe a cheirar um ramilhete de cravelinas!

Sabeis o que é o cahir de um homem desamparado na arcia?

Sabeis como cahe todo o homem que não pôde sustentar o equilibrio?

Sabeis qual é a posição que um homem toma, quando não pôde sustentar a vertical, que lhe decretou o creador?

Pois foi assim! Cezar cahiu na areia como todo o homem que cahe.

E quando tornou a si, ergueu-se, envergonhou-se na idéa de que o tinham visto, e foi para casa.

E na noite d'esse dia, sahiu com um par de pistolas, em demanda de João Fernandes, que a essa hora se debatia nas angustias da morte entre as mãos de D. Filippa Paiva e Pona. A qual, como soubesse que era atraçoada, sahiu de capote e chapéu braguez, armada de uma thesoura, e surpreendeu João a dar o nó de uma gravata vermelha, que n'aquella noite ia estrear a casa do commendador. A morgada de Encavalgados travou-lhe do pescoço, e poz-lhe ao peito o duplo bico da thesoura. João, assombrado e fascinado por tamanho heroismo de mulher apaixonada, pediu que lhe largasse a garganta, e jurou abandonar Clotilde. E abandonou.

Mas no dia seguinte, que era o septimo, receiando que Cezar mandasse buscar o cavallo russo hypothecado na aposta, apresentou-se ao amanhecer em casa do condiscipulo, e disse:

— Não venho buscar a cadella; mas venho trazer a carta. Conheces esta letra?

— Não — disse Cezar — mas creio que é da infame.

— Se é infame, não sei; atolambada te juro eu

que ella é. O que eu te digo é que se ella não serve para João Fernandes, menos servirá para Cezar. Pergunta-me agora qual de nós é o parvo, amigo Cezar!

FIM

INDICE

	PAG.
PREFACIO.....	5
Conhecimentos uteis (lãs e algodões).....	7
Dois casamentos.....	19
O tio egresso e o sobrinho bacharel.....	61
Tramoias d'esta vida.....	75
Dois murros uteis.....	119
A formosa das violetas.....	147
Como ella o amava!.....	163
Historia de uma porta.....	181
O Infante D. Duarte.....	199
Cezar ou João Fernandes?.....	211

Á VENDA
 NA LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
 50—Rua Augusta—52

Tratado theorico e pratico de photographia , contendo o que póde interessar ao artista photografo para o aperfeiçoamento do seu trabalho, assim na parte theorica como na pratica, 1 vol. 8.º br.....	1000
A pronuncia da lingua hespanhola , aprendida sem mestre, contendo os principios grammaticaes, vocabularios e phrases, com todos os sons figurados, por Carlos Barroso, 1 vol. 8.º cart.....	300
Camões e os Lusíadas , estudo historico-critico-litterario, por Francisco Evaristo Leoni, 1 vol. 8.º gr. br.....	1000
Elogios academicos , por J. M. Latino Coelho, 1 vol. contendo o panegyrico do doutissimo Cardeal D. Frei Francisco de S. Luiz e do notavel estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, seguidos de copiosas notas philologicas, historicas, biographicas e litterarias, com as quaes se completam as memorias d'aquelles clarissimos varões, 8.º br.....	800
Galeria artistica , biographias dos actores Isidoro, Rosa e Sargedas, e das actrizes Delfina e Soller, adornadas dos respectivos retratos primorosamente gravados, e escriptas por Julio Cesar Machado e José Maria de Andrade Ferreira, 4.º gr. br.....	500
Encyclopediã litteraria , biographias, trechos de historia, artigos scientificos, romances, poesias, excerptos de auctores classicos, charadas, etc., 8.º br.....	400
Regina , romance de Lamartine, traduzido por Pinheiro Chagas, 1 vol. precedido de um prologo do traductor acerca do auctor, 8.º br.....	240
Portugal desde 1828 a 1834 , relação dos factos succedidos em Portugal desde a chegada de D. Miguel a Lisboa em 1828, até o termo da guerra civil, pela convenção de Evora Monte, em 1834, por F. A. da Cunha de Pina Manique, 1 vol. 8.º gr. br.....	600
Nunca mais! romance original de Alfredo de Campos, 1 vol. 8.º br.....	360
Nobreza por nobreza , comedia em 3 actos, por Luiz de Vasconcellos Azevedo e Silva, 8.º br.....	300



3 9000 000 903 752

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**

DEMCO



